UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E DA NATUREZA – PPGEN
CÂMPUS LONDRINA

CLÉIA ROSA TOMIZAKI

NOS CAMINHOS DA LEITURA COM MONTEIRO LOBATO: CONHECENDO O ENGENHOSO *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS*

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

LONDRINA
2018

CLÉIA ROSA TOMIZAKI

NOS CAMINHOS DA LEITURA COM MONTEIRO LOBATO: CONHECENDO O ENGENHOSO DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Londrina.

Área de concentração: Ciências Humanas

Orientador: Prof. Dr. Maurício C. Menon
Co-orientador: Prof. Dr. Thiago A. Valente

LONDRINA
2018

TERMO DE LICENCIAMENTO

Esta Dissertação está licenciada sob uma Licença Creative Commons *atribuição uso não-comercial/compartilhamento sob a mesma licença 4.0 Brasil*. Para ver uma cópia desta licença, visite o endereço http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/ ou envie uma carta para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, Califórnia 94105, USA.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca UTFPR - Câmpus Londrina

T657n Tomizaki, Cléia Rosa
Nos caminhos da leitura com Monteiro Lobato: conhecendo o engenhoso Dom Quixote das Crianças / Cléia Rosa Tomizaki. - Londrina : [s.n.], 2018.
109 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Cesar Menon
Coorientador: Prof. Dr. Thiago Alves Valente
Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza. Londrina, 2018.
Bibliografia: f. 106-109.

1. Incentivo à leitura. 2. Literatura infantojuvenil. 3. Lobato, Monteiro, 1822-1848. 4. Dom Quixote (Personagem fictício). I. Menon, Maurício Cesar, orient. II. Valente, Thiago Alves, coorient. III. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. IV. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza. V. Título.

CDD: 507

Ficha catalográfica elaborada por Cristina Benedeti Guilhem - CRB: 9/911

Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Londrina
Programa de Pós-Graduação em Ciências humanas, Sociais e da Natureza.

TERMO DE APROVAÇÃO

Nos caminhos da leitura com Monteiro Lobato: conhecendo o engenhoso Dom Quixote das crianças.

por

Cléia Rosa Tomizaki

Esta Dissertação foi apresentada em 13 de dezembro de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências Humanas pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza – PPGEN – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Londrina. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

_____
Dr. Maurício Cesar Menon (UTFPR)
Orientador

_____
Dr. Thiago Alves Valente (UENP)
Coorientador

_____
Dra. Marilu Martens de Oliveira (UTFPR)
Membro Titular

_____
Diná Tereza de Brito (UENP)
Membro titular

* A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Programa de Mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por mais esta oportunidade de aprender, não apenas sobre conhecimentos sistematizados, mas também sobre as relações humanas.

Agradeço aos professores Doutores Alcides Goya e Givan J. F. Santos, por ser quem são. A eles, meu carinho e respeito.

Agradeço com todo carinho, ao meu orientador professor Doutor Maurício C. Menon, pela paciência e dedicação. Sem você professor Maurício nada disso seria possível. Minha gratidão eterna!

Agradeço meu generoso coorientador, professor Doutor Thiago A. Valente (Poderoso), que me acolheu e contribuiu ricamente para a realização desse trabalho.

Agradeço a uma pessoa admirável, a professora Doutora Marilu Martens Oliveira, por suas importantes contribuições nas aulas e na banca de qualificação e defesa.

Agradeço a professora Jacqueline Lidiane de Souza Prais por todo incentivo.

Agradeço a minha fiel escudeira, filha amada Yumi Tomizaki Tsushida, pelo apoio e por estar sempre ao meu lado.

Agradeço a meu amado marido e amigo leal Marcio Hozumi Tsushida, pela compreensão, apoio e carinho recebido em momentos cruciais.

Agradeço a minha queridíssima avó Dona Nita, *in memoriam*, que sempre contava muitas histórias para eu dormir e em outros momentos ela contava histórias para me manter acordada.

Agradeço as estimadas amigas Edlene Gonçalves, Danyele J. Modesto e Angélica P. Inácio que mesmo distantes estiveram me incentivando e me apoiando cada uma à sua maneira.

Agradeço as queridas Silvia Diniz e Angélica Diniz, pelo apoio e pela acolhida durante o estágio de docência.

Os textos são construções linguísticas
humanas recheadas e revestidas de sentido.
Givan José Ferreira Santos

RESUMO

TOMIZAKI, CLÉIA ROSA. **Nos caminhos da leitura com Monteiro Lobato**: conhecendo o engenhoso *Dom Quixote das crianças*. 2018. 164 fls. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Londrina, 2018.

Visando ao incentivo da prática de leitura literária, deve-se considerar a leitura ter se tornado requisito básico para formação humana. Desse modo, este trabalho trata da importância do professor como aquele que faz a ponte entre a leitura literária e o aluno. Sendo assim, ele necessita de novas práticas de leitura, metodologias aplicáveis e textos relevantes para alcançar seus objetivos. Justificando-se, à vista disso, a presente investigação pela necessidade imperativa de apresentar o texto literário de forma convidativa para crianças do Ensino Fundamental I. Esta pesquisa embasa-se em autores como Lajolo (1999), Zilberman (2005), Candido (2011), Cunha (1991), Calvino (1993), entre outros. Perante a triste realidade de um país que pouco lê, deve-se considerar que tem faltado incentivo à leitura, em especial à leitura literária. Diante desse fato, como incentivar a formação de leitores literários por meio de uma obra de Monteiro Lobato? Buscou-se em Lobato o texto literário, pois seus textos possibilitam que o aluno tenha novas formas de pensar e de agir. As adaptações de Lobato constituem-se textos literários que possibilitam à criança conhecer outros mundos e clássicos da literatura universal. Dessa forma, elegeu-se a obra *Dom Quixote das crianças* como *corpus* a ser abordado nesta averiguação. Essa dissertação tem como objetivo geral apresentar o texto literário lobatiano, de forma que o aluno se sinta incentivado e motivado pela leitura da obra. Também se objetiva, mais especificamente, desenvolver um *Caderno de Atividades* como produto educacional que possa servir de guia para o professor trabalhar obras de Monteiro Lobato, podendo adaptá-las para serem trabalhadas com outros autores, a fim de estimular o interesse do aluno para leitura literária. Para atingir os objetivos propostos adotou-se a pesquisa bibliográfica e a pesquisa-ação, visando responder ao problema de pesquisa. Apresenta-se, por fim, algumas das atividades propostas no *Caderno de Atividades* que foram desenvolvidas com alunos de um projeto em horário de contraturno, quando a partir dos resultados obtidos se chega à conclusão que o texto literário pode e deve ser incentivado. E assim, comprovou-se que os objetivos propostos foram atingidos, deixando um percurso a ser seguido visando a formação de jovens leitores. Portanto, almeja-se que o *Caderno de atividades* apresentado auxilie os professores do Ensino Fundamental I no trabalho com o incentivo à leitura literária.

Palavras-chave: Formação de leitores. Texto literário. *Dom Quixote das crianças*. Monteiro Lobato.

ABSTRACT

TOMIZAKI, CLÉIA ROSA. **In the reading ways with Monteiro Lobato**: knowing the ingenious "*Dom Quixote das crianças"*. 2018. 164 pages. Master's Dissertation on Humanities, Social and Nature Science Teaching – Federal University of Technology – Paraná. Londrina, 2018.

Aiming for the literary reading practice, it must be considered that the reading became basic requirement to the human knowledge. Thus, this study deals with the teacher's importance as the one who mediates the literary reading and the student. Therefore, the teacher needs new reading practices, applicable methodologies and relevant texts to achieve his/her goals. This study results from the urgent necessity of presenting the literary text to elementary school pupils. Thereby, there is an approach to the relevance of the encouraging the reader formation using as a start point the literary text presentation for them. This research is substantiated on the assumptions of Lajolo (1999), Zilberman (2005), Candido (2011), Cunha (1991), Calvino (1993), among others. In face of the sad reality of a country that does not read, it must be considered that there is no reading stimulus, specially, the literary one. Against this backdrop, the question that orients this work is how stimulating the formation of literary readers using a Monteiro Lobato work. So, the search for Lobato's literary text justifies because it allows that the student can have new possibilities of thinking and acting. Furthermore, the Lobato's literary texts adaptations enable that the child knows other worlds and Universal Literature classics, for that reason, *"Dom Quixote das Crianças"* was chose as the corpus of this study. Thus, the main aim of it, it is presenting the Lobato's literary text in a way that the student feels encouraged and motivated by the literary reading so that encouragement culminates in a lifetime literary reader who reads not just the lines but also between them. In addition, this work aims to develop an Activity Book as an educational product that could be a teacher's guide to work with the book here mentioned in order to stimulate the student's literary reading. At last, there are some proposed activities about "*Dom Quixote das Crianças"* that some students developed them in the second shift.

Keywords: Reader Education. Literary Text. *Dom Quixote das crianças*. Monteiro Lobato.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Obras de Monteiro Lobato.....75

Figura 2 – Capa da obra *Dom Quixote* 75

Figura 3 – Edições de *Dom Quixote das crianças*.....76

Figura 4 – Miguel de Cervantes Saavedra 76

Figura 5 – Dom Quixote e Sancho – Assis Costa.....84

Figura 6 – Dom Quixote – Candido Portinari.....84

Figura 7 – Dom Quixote e Sancho – Candido Portinari.....85

Figura 8 – Dom Quixote – Pablo Picasso.....85

Figura 9 – Dom Quixote – Van Gogh.....86

Figura 10 – Sagração – Poema de Carlos Drummond de Andrade.....86

Figura 11 – Richard Strauss – Compositor da op. 35 Dom Quixote.....87

Figura 12 – Quincas Borba – Machado de Assis.....87

Figura 13 – Acróstico feito por aluna.....90

Figura 14 – Letra da música Dom Quixote – Engenheiros do Hawaii.....91

Figura 15 – Cartão feito por aluna.....94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

1 MONTEIRO LOBATO 14

2 LOBATO E A ADAPTAÇÃO DOS CLÁSSICOS 28
2.1 DOM QUIXOTE AGORA NÃO É APENAS DE LA MANCHA, MAS DE TODAS AS CRIANÇAS 32
2.2 DOM QUIXOTE NOS SERÕES 39

3 *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS* FORMANDO LEITORES NO ENSINO FUNDAMENTAL I 60
3.1 FALANDO UM POUCO SOBRE O PRODUTO EDUCACIONAL 61
3.2 SOBRE AS ATIVIDADES PROPOSTAS PARA SEREM REALIZADAS EM TORNO DA OBRA *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS* 65
3.3 APRESENTANDO *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS* NO ESPAÇO INFÂNCIA 67
3.4 PRÁTICAS DE INCENTIVO À LEITURA NO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA 69
3.5 A RECEPÇÃO DE DOM QUIXOTE NO ESPAÇO INFÂNCIA: DISCUTINDO OS RESULTADOS 97

CONSIDERAÇÕES FINAIS 102

REFERÊNCIAS 106

APÊNDICE – *Caderno de Atividades*: *Dom Quixote das Crianças* 110

INTRODUÇÃO

Diante da iminente necessidade que temos de saber ler, em uma sociedade que caminha a passos largos, atropelando o processo de formação de crianças e jovens, que têm na escola a única ponte que os leva até à leitura e à literatura, devemos considerar a importância daquele que forma e do que ele tem apresentado a esses indivíduos. Não basta apenas dizer que estamos preocupados com as crianças que saem das escolas semialfabetizadas, ou dizer que o professor fez o que pôde, quando muitas questões exigem uma profunda reflexão.

Em nossa realidade nos deparamos com professores mal preparados, alunos semialfabetizados, ausência do texto literário na sala de aula e a necessidade colossal de formar leitores perenes. Será que existe uma fórmula mágica para transformar essa realidade? Se houver ela precisa ser divulgada, no entanto a luta pela formação de leitores continua e diante de diversas realidades encontradas no cotidiano escolar o educador não deve se acomodar.

Sendo a leitura um meio que os seres humanos têm de adquirir conhecimentos, ela deve ser sempre valorizada e priorizada. O ato de ler deveria proporcionar a cada um aquilo que ele espera da leitura, portanto a ação de ler pelo deleite, para estudar, para encontrar um endereço etc., deve permitir que esse leitor venha a alcançar seu objetivo, pois ler tornou-se essencial:

> E não apenas para aqueles que almejam participar da produção cultural mais sofisticada, dos requintes da ciência e da técnica, da filosofia e da arte literária. A própria sociedade de consumo faz muitos de seus apelos através da linguagem escrita e chega por vezes a transformar em consumo o ato de ler, os rituais da leitura e o acesso a ela. Assim, no contexto de um projeto de educação democrática vem à frente a habilidade de leitura, essencial para quem quer ou precisa ler jornais, assinar contratos de trabalho, procurar emprego através de anúncios, solicitar documentos na polícia, enfim, para todos aqueles que participam, mesmo que à revelia, dos circuitos da sociedade moderna, que fez da escrita seu código oficial (LAJOLO, 1993, p. 106).

A leitura é fundamental para que todo indivíduo possa ter uma participação mais efetiva na sociedade, e a escola se torna veículo que conduz seus alunos ao professor que formará leitores desde o início de sua jornada escolar. Sabendo que toda relação de um indivíduo que participa ativamente da sociedade é permeada pela leitura e escrita em todos os ambientes, temos que pensar também que aquele que reconhece a importância de se formar leitores a partir da infância, pode e deve

buscar meios para atingir seus objetivos e constituir leitores que serão protagonistas nessa sociedade que pede muitas leituras. Muitos são os descaminhos que o docente encontra e que dificultam seu trabalho, mas devem ser superados desde que se compreenda a necessidade que todos temos de ler em uma sociedade grafocêntrica.

Se o texto literário por diversos motivos não estiver à disposição dos alunos, cabe ao professor fazer esta ponte que os conduzirá a ele. Para que se alcance o objetivo de formar leitores é necessário que o docente apresente o texto literário e seja um leitor assíduo, teimoso e competente o bastante para partilhar suas leituras de modo significativo.

O incentivo à leitura consiste em trabalhar o texto literário em sala de aula sem pressa, sem cobranças descabidas, sem usá-lo como adorno nas aulas de língua portuguesa. Deve-se fazer dele objeto de desejo dos alunos, um momento de prazer para não desfigurar o texto literário que pede uma leitura densa e, até mesmo, um pouco mais solitária para que ele possa falar em particular com o leitor que está diante dele. Nesse sentido a escola tem como seu representante fiel o educador, para assegurar que a leitura alienada e consumista não faça parte da rotina de sua sala de aula (LAJOLO, 1993).

Quando a criança, por algum motivo, não experiencia o mundo à sua volta, ela precisa de um apoio externo que a conduza a essa experiência de algum modo. Esse apoio pode vir da literatura infantil, trazendo para ela histórias que facilitem a compreensão de tudo que não compreende sozinha (ZILBERMAN, 2003). Esse suporte que o texto literário oferece chega aos alunos pelas mãos do professor que deve ter uma boa formação e se sentir seguro o bastante para buscar novos conhecimentos para qualquer dificuldade que tenha em sua prática quanto à escolha, apresentação e atividades a serem desenvolvidas com o texto literário.

Toda essa reflexão deixa claro que algumas questões relacionadas ao incentivo à leitura literária nas escolas brasileiras necessitam muito mais que uma revisão não prática do professor: “é preciso uma guinada radical nos rumos que norteiam as políticas de leitura atualmente em prática” (LAJOLO, 1993, p. 109). É preciso, então, buscar formas reais de formar leitores em uma sociedade legítima, que ainda necessita de muitos avanços e empenho de toda equipe escolar para que tenhamos um país de leitores perenes. E estes não se formarão sozinhos.

Diante da necessidade iminente de formar leitores, já a partir da educação infantil, o docente deve considerar sempre que:

> [...] Quem se dispõe a entrar numa sala de aula para ensinar tem de saber satisfatoriamente aquilo que ensina, tem de dominar os conteúdos e suas disciplinas; para orientar a leitura, o professor tem de ser leitor, com paixão por determinados textos ou autores e ódio por outros. O importante é não marcar passo, esperando por uma política oficial que nunca vem, é não deixar de buscar soluções sérias e caseiras, evitando o assassinato do potencial de leitura de milhares de crianças e jovens (SILVA, 2004, p. 14).

O educador é aquele que pode e deve mostrar à criança novas formas de ler o mundo por meio de textos devidamente selecionados. A leitura literária torna-se um elo entre pessoas, cultura, gerações e adentra muitos espaços, por isso é tão urgente que o professor insira o texto literário em suas aulas, independentemente da disciplina ou do conteúdo que estiver ministrando.

Assim, sua relevância enquanto formador de leitores, é passível de reflexão, pois:

> Se refletirmos bem, veremos que o professor é o intelectual que delimita todos os quadrantes do terreno da leitura escolar. Sem a sua presença atuante, sem o seu trabalho competente, o terreno dificilmente chegará a produzir o benefício que a sociedade espera e deseja, leitura e leitores assíduos e maduros (SILVA, 2004, p. 19).

No entanto, fica a dificuldade de garantir a formação de leitores quando o próprio educador não vivenciou esse processo de formação. Voltamos mais uma vez a enfatizar que a formação de leitores deve iniciar em tenra idade e para tanto o professor deve ser um leitor para concretizar seus objetivos. Assim, o texto apresentado precisa dar sentido ao mundo da criança, ou não terá motivo para ser apresentado (LAJOLO, 1993).

Assim, a necessidade de se apresentar e incentivar a leitura do texto literário no Ensino Fundamental I e essa dificuldade de trabalhar o texto literário nos despertou grande interesse, dessa forma buscaram-se meios para que o incentivo à leitura aconteça a partir de textos literários lobatianos, que são de uma riqueza literária que merece destaque. Diante desse interesse surgiu a seguinte questão: Como incentivar a leitura do texto literário no Ensino Fundamental I?

Para responder a essa questão elencou-se como objetivo geral neste trabalho apresentar o texto literário do escritor Monteiro Lobato (1882-1948), de forma que o aluno se sinta incentivado e motivado pela leitura literária, culminando

na formação de um leitor literário perene que venha a ler não apenas as linhas, mas também as entrelinhas. Este estudo também objetiva, mais especificamente, desenvolver um Caderno de Atividades como produto educacional que possa servir de guia para o professor trabalhar a obra *Dom Quixote das crianças*, original de 1936, a fim de contribuir de alguma maneira, para estimular o interesse do estudante para a leitura literária.

Logo, metodologicamente recorremos à pesquisa bibliográfica e a pesquisa-ação. De acordo com Tozoni-Reis (2009, p. 36), “na pesquisa bibliográfica vamos buscar, nos autores e obras selecionados, os dados para a produção do conhecimento pretendido”. Desse modo buscamos em autores que tratam da vida e obra de Monteiro Lobato, bem como autores que explanam sobre o texto literário, sobre o *corpus* citado e demais particularidades do mundo da leitura literária, tais como Lajolo (2000), Zilberman (2003), Lajolo e Ceccantini (2009), Ribeiro (1984), Azevedo, Camargos e Sacchetta (2001), Bordini e Aguiar (1988), Silva (2004), Ceccantini e Valente (2010), Acioli (2012), Cademartori (2010), Coelho (2000), Candido (2011), Cosson (2016), entre outros, o suporte teórico para embasar a referida pesquisa, cuja organização será descrita mais adiante.

Já “a metodologia da pesquisa-ação articula a produção de conhecimentos com a ação educativa” (TOZONI-REIS, 2009, p. 42). Esse tipo de pesquisa privilegia a produção de conhecimentos sobre a realidade que está sendo estudada, que deve auxiliar no enfrentamento dessa realidade analisada. Isto posto, consideremos que nessa metodologia de pesquisa os temas têm suma importância, pois não se findam em si mesmos, “transformam-se em temas geradores da produção de conhecimentos e das ações educativas sobre a realidade em estudo” (TOZONI--REIS, 2009, p. 43). Ressaltando ainda que este trabalho tem o propósito de auxiliar e contribuir com o professor nessa caminhada para formar leitores a partir da infância.

No primeiro capítulo, apresentamos uma biobibliografia de Monteiro Lobato, ressaltando o grande legado deixado a partir de sua preocupação e disseminação da literatura infantil e do livro, bem como sua importância como criador da literatura infantil brasileira. No capítulo seguinte há uma reflexão sobre os clássicos e as adaptações lobatianas, seguido de uma apresentação e elucidação mais particular sobre a adaptação *Dom Quixote das crianças* aqui tratada. E no terceiro capítulo tratamos do produto educacional, constituído de um caderno de atividades, para que

o professor possa se inspirar na apresentação do texto literário em sala de aula. Este produto também visa o incentivo dos alunos a novas leituras de Monteiro Lobato, que apresenta em suas obras a literatura para crianças de forma prazerosa e convidativa.

Versando ainda sobre o professor do Ensino Fundamental I e sobre a literatura infantil apresentada por Monteiro Lobato, mais especificamente sobre sua adaptação *Dom Quixote das crianças*, encontra-se no último capítulo – em resposta à questão: “Como incentivar a leitura do texto literário por meio de uma obra de Monteiro Lobato?” – Um relato do estágio de docência, onde se explana a experiência da aplicação de algumas das atividades de incentivo à leitura do texto literário, a partir da adaptação de Monteiro Lobato, que fazem parte do produto educacional. Esse estágio contou com a leitura da adaptação que foi precedida pelas atividades de incentivo à leitura e elaboração do Caderno de atividades orientado pela sequência básica de Cosson (2016) e pelo Método recepcional de Bordini e Aguiar (1988).

O método recepcional de Bordini e Aguiar (1988) enfatiza que o professor deve apresentar textos por meio dos quais os alunos possam sentir uma diferença entre o familiar e o novo, bem como o atual e o clássico, ou seja, sempre trazendo algo próximo e algo distante daquilo que os mesmos conhecem. O método recepcional busca trabalhar tanto a oralidade quanto a escrita, em atividades em grupos ou mesmo em atividades individuais que devem despertar no educando o interesse pelo texto literário, buscando lhe mostrar que ele é sujeito de suas ações e pode interagir com ela. Em seguida apresentamos as considerações finais sobre todo esse percurso de busca por maior incentivo à leitura do texto literário, para que nossas crianças tenham uma formação mais humana e que acima de tudo lhes faça sentido.

1 MONTEIRO LOBATO

Lobato, um Dom Quixote no caminho da literatura
Marisa Lajolo (1993).

Hoje temos muitos estudos sobre o escritor Monteiro Lobato e suas obras, resultado de anos de pesquisa de vários estudiosos, como Lajolo (2000) – que nos apresenta em sua obra *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida* – dados bem particulares da vida do autor.

Em 18 de abril de 1882, nasceu Monteiro Lobato na cidade de Taubaté. Filho primogênito de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Augusta Monteiro Lobato; neto de José Francisco Monteiro, o Visconde de Tremembé, dele o menino recebeu o nome de José Renato. Sua família, porém, carinhosamente o chamava de Juca.

Ainda de acordo com Lajolo (2000), o menino teve uma infância diferenciada em relação à grande parte das crianças brasileiras, pois lhe proporcionaram, entre outras coisas, o acesso aos mais diversos livros. Residiu com os pais e duas irmãs mais novas, Teca e Judite, em uma fazenda chamada Santa Maria, em Ribeirão das Almas, perto da cidade de Taubaté. Assim, quando menino, Lobato viveu em meio a temporadas na fazenda e outras na casa que a família tinha na cidade, complementadas com longas visitas à chácara do Visconde de Tremembé.

O pequeno Juca teve um pajem que sempre o acompanhava mesmo nos passeios que ele fazia em seu cavalo Piquira. Seu pajem o seguia sempre, pois quando pequeno era muito travesso, gostava e aproveitava bem coisas de criança do interior como subir em árvores, chupar frutas do pé, comer pamonha, pinhão e iça torrada (formiga); divertia-se pescando, tomando banho no rio e caçando (LAJOLO, 2000). Lobato foi um menino que cresceu em um universo que muito se assemelha ao ambiente que criou em suas histórias, bem descrito na obra *O Saci*, de 1921. Houve outros elementos para além do ambiente rural que também constituíram parte de sua obra, como uma cozinheira negra – que por ser quituteira de mão cheia, fez até o Minotauro esquecer sua mania de comer gente na obra *O Minotauro*, de 1939 – e uma avó carinhosa e sábia, como atesta a frase no início da obra *Emília no país da gramática*, de 1934: “Dona Benta, com aquela paciência de santa, estava ensinando gramática a Pedrinho” (LOBATO, 1994, p. 7), alegação que

também está nas obras *Dom Quixote das crianças*, 1936, e *Serões de Dona Benta*, 1937, que explicitam a sabedoria de Dona Benta e as habilidades de Tia Nastácia.

O menino Lobato também teve brinquedos produzidos artesanalmente, como bonecos de sabugo de milho (que remete ao Visconde de Sabugosa), usufruiu de banhos em riachos, aventuras em caçadas, pescarias e incursões pelo pomar. “Pescaria, coisa deliciosa” (LOBATO, 2010a, p. 244), disse em confissão feita a Rangel em 1911, quando já sentia saudades da infância. Conforme crescia, o menino passava a ter novos interesses e, em suas visitas ao Visconde de Tremembé, descobriu a biblioteca do avô e se apaixonou por tudo que encontrou lá: “Era preciso tirá-lo à força da biblioteca. Após os diversos e infrutíferos apelos da mãe, vinha o pai com cara de bravo e só assim, diz ele, eu saía daquele mundo encantado que era para mim a biblioteca do meu avô” (RIBEIRO, 1984, p. 23). De acordo com Ceccantini e Valente (2010), a biblioteca do avô, que era muito frequentada por Lobato, foi um espaço de grande contribuição para sua formação. Devido ao conhecimento que a literatura – especialmente a clássica – lhe proporcionou desde a infância, ele conseguiu aliar em suas obras a sedução que conheceu na literatura universal com o folclore brasileiro (CADEMARTORI, 2010). Desse modo o pequeno Juca:

> Foi crescendo diferente dos outros garotos, a cara enfiada nos livros e os olhos brilhantes a enxergar para muito além da janela do quarto. Seu espaço preferido era a biblioteca do Visconde, na casa da Rua XV de Novembro, junto ao Largo do Teatro, em Taubaté, onde passava horas folheando a *Revista Ilustrada* e o *Jornal des Voyages* (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p. 27).

Os tempos de colégio do interior se findaram no ano de 1984, e ele seguiu para São Paulo onde estudou matérias importantes para ingressar no curso de Direito. Estudar no *Instituto Ciências e Letras* não foi fácil, e Lobato acabou reprovado em português, sendo obrigado a voltar para o Colégio Paulista em Taubaté. Pesquisadores afirmam que a obra *Emília no país da gramática*, de 1934, se deu como forma de protesto por tudo que vivenciou enquanto estudante. De volta ao interior, Lobato passa a colaborar com um jornal do grupo estudantil, e em seus primeiros escritos para publicações no *Guarany* – jornalzinho que fundou com alguns colegas – usa o pseudônimo de *Josbem* e *Nhô Dito*. Assim, aos 14 anos, o jovem Lobato iniciou-se no mundo da escrita (ACIOLI, 2012).

No ano de 1896, Lobato retornou a São Paulo para refazer os exames em Língua Portuguesa, nos quais fora reprovado. Após ser aprovado para cursar as matérias necessárias para ingressar no curso de Direito, matriculou-se no *Instituto de Ciências e Letras* e lá permaneceu por longos três anos, arrematando mais uma reprovação em outra disciplina, afinal ele não estava interessado no curso de Direito, sua preocupação era a literatura e as novidades de sua época (LAJOLO, 2000). Nas horas vagas do período de estudos escreveu para jornais estudantis, assinando com o pseudônimo de *Gustavo Hannes*. Também contribuiu para um jornal de Taubaté. Logo fundou seu próprio jornal que nomeou de H2O. Em seu tempo livre também participou do Grêmio Literário Álvares de Azevedo, em que havia frequentemente declamação de poesias e torneios de oratória (LAJOLO, 2000).

O avô não dava importância à paixão do neto pela arte, obrigando-o a cursar Direito, curso da elite da época. Em 1900, o jovem entrou para a Faculdade de Direito de São Paulo, mesmo sem nenhum interesse pelo curso. Por esse motivo, seus professores serviam de modelo para as variadas caricaturas que fazia deles, fugindo, assim, ainda que momentaneamente, do estudo das leis. A cidade era outra, o bonde deslizava sobre o trilho, a eletricidade iluminava a nova metrópole, o cinema também ali estava para alegrar as pessoas, os primeiros automóveis apareciam, bem como os muitos imigrantes italianos que chegavam para colorir a cidade. Momento importante para o escritor que sempre escrevia para jornais, assim:

> A participação de Lobato em jornais acadêmicos continuaria com sua entrada nas arcadas da Faculdade de Direito, de São Paulo. O espaço, porém, vai ganhando mais seriedade quando as palavras dos estudantes não ferem somente uns aos outros, antes respingando na conservadora sociedade paulistana (VALENTE, 2009, p. 73).

Lobato participou de um grupo dedicado à literatura denominado o “Cenáculo” e, em meio à boemia paulistana, o grupo inalava literatura, fugindo de tudo que fosse menos interessante. O chalé na Rua 21 de Abril foi palco de discussões calorosas. Lá também os amigos escreveram suas primeiras produções, e foi “aquele momento mágico quando tudo é potencialmente possível e o mundo idealizado encontra-se ao alcance das mãos” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p. 42).

Em meio à inegável boemia, Lobato conheceu Godofredo Rangel que acabou se tornando mais um integrante do chalé literário, local onde viveu com os colegas do grupo Cenáculo. Lobato e Rangel, a partir de seu primeiro encontro, passaram a ser companheiros de leituras, artigos e cartas. Com o amigo que podia acompanhar suas ideias e parte de suas leituras, o escritor fez uma aliança para toda vida. Nas cartas que escrevia a ele falava de literatura e de como ela o preenchia. E por conhecer muitos estilos literários o escritor dizia que o estilo nascia em um literato quando este estava pronto, maduro como um dente de siso. “Porque, a seu ver, estilos não se fabricam, nem se ajustam por influxo de regras. Não é, enfim, algo que se faça deliberadamente, de acordo com certos moldes” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p. 52). Mas ele advertia que poderia existir estilo postiço, pois existe dente artificial. Para ele, na literatura brasileira só existia um literato com seu dente de siso, Machado de Assis (1839-1908). Segundo o escritor, o estilo em um literato nasce a partir da incorporação de uma filosofia própria, sem ser influenciado por ninguém, é quando o literato encontra a perfeita maturidade da inteligência (LOBATO, 2010a, p. 92).

A literatura era assunto constante na vida do escritor e ele sempre esteve rodeado de boas leituras, que de acordo com uma pesquisa sobre as leituras do escritor desde sua infância, Acioli (2012, p. 22), afirma que “Lobato escrevia porque lia e porque queria ensinar a ler. Lobato foi, nessa ordem, leitor, escritor e formador de leitores”. Na juventude, com os amigos que também bebiam nas mesmas fontes, o discurso fluía livremente. Em muitas de suas cartas, podemos constatar que cita os livros que leu. Acioli (2012, p. 37) esclarece que Lobato utilizava-se de metáforas fortes como “beber os livros”, “comer os livros”, “morar nos livros” por possuir conhecimento e intimidade suficiente para apropriar-se dos mais diversos símbolos. No entanto, lia apenas aquilo que desejava, pois do que gostava ele bebia, banhava--se e digeria já; para o que não apetecia ao seu espírito, logo deixava claro seu descontentamento. Da literatura brasileira ele pouco lia, mas mesmo assim tinha o seu escritor favorito, o aclamado Machado de Assis, a quem ele cita constantemente em cartas a Rangel, em especial a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de 1881.

Sua vida seguiu nesse ritmo até se formar em Direito e retornar para Taubaté, onde foi recebido com todas as honras que merecia o neto do Visconde, um exagero aos olhos do escritor que continuava com sua sede por conhecimento

advindo da literatura, chegando a importar livros que considerava importantes. Na pacata cidadezinha de Taubaté ele tinha muito tempo ocioso podendo escrever para os jornais locais e de outras cidades, como também para propor ao amigo Rangel uma tradução do *Dom Quixote* que o amigo lia (LOBATO, 2010a). O jovem bacharel em Direito exercia interinamente a promotoria na ausência do promotor titular. Mas, graças à influência do avô Visconde, ele conseguiu ser promotor em Areias, cargo que ocupou de 1907 a 1911 (LAJOLO, 2000, p. 20).

Em 1911, com a morte do avô, o promotor tornou-se proprietário da fazenda Buquira. A herança transformou Lobato em proprietário de quase dois mil alqueires de terras decadentes. Junto com a herança do avô, estava inclusa a biblioteca que foi a paixão de Lobato desde a infância. E com os livros que ele adquiriu via correio de editoras portuguesas, em sebos e livrarias de São Paulo e em trocas com amigos, deixou sua biblioteca ainda maior (ACIOLI, 2012).

Em 1916, o autor do Sítio escreveu sobre o “desenraizamento” cultural, primeiro artigo na *Revista do Brasil*. Um ano depois, publicou no Jornal *O Estado de São Paulo* um artigo que chamou de “A criação do estilo”, sobre a necessidade de valorização do que é genuinamente brasileiro. Sua intenção foi mostrar como a influência europeia estava tomando conta da vida dos brasileiros.

Tendo o escritor crescido em meio a tantos livros, depois que teve filhos tornou-se um homem mais preocupado com a educação e o crescimento intelectual das crianças brasileiras. Desse modo, desde 1916, apresentou indícios de que a literatura infantil poderia ser a solução para formar crianças com conhecimento de mundo. Destarte, “Descontente com a literatura então destinada às crianças e com o objetivo de propiciar aos jovens textos próprios para sua formação e adequados à realidade, Monteiro Lobato teve um papel de destaque na função da literatura infantil brasileira” (BURLAMAQUE, 2008, p. 161). A ideia que apresentou em carta a Rangel, datada de 8 de setembro de 1916, deixou evidente sua preocupação em oferecer às crianças brasileiras uma literatura mais próxima desse público tão específico. Nessa carta, manifestou a intenção de deixar as fábulas de Esopo e La Fontaine nacionalizadas, trabalhando-as com um estilo mais próximo à linguagem do cotidiano, usando uma fala mais coloquial para facilitar o entendimento das crianças brasileiras:

> [...] Ando com várias ideias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa

> para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos – sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez de exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral são traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora-do-mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. [...] (LOBATO, 2010a, p. 370).

Da observação do comportamento dos filhos, que guardavam as fábulas que ouviam na memória para contar aos amigos sem se atentarem para a moral que elas traziam, nasceram muitas ideias. Lobato acreditava que se as fábulas se tornassem mais nacionais, com cenários e animais do Brasil, e com toda sua dedicação, ficariam mais sedutoras aos olhos e ouvidos das crianças. E isso também vinha ao encontro de sua percepção sobre a circulação de livros em território nacional, lembrando que em 1918 iria adquirir a *Revista do Brasil*. Para ele, a literatura para crianças que existia no Brasil nessa época "É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos" (LOBATO, 2010a, p. 370).

Envolvido com a necessidade de apresentar o folclore brasileiro, Lobato acendeu uma discussão sobre o saci, que ganhou destaque em uma de suas obras. Assim, ele instigou essas discussões e decidiu registrar esses relatos e pesquisas que ele mesmo fez sobre esse personagem brasileiro. Essas discussões o encorajavam e, assim, nessa época:

> Em 28 de janeiro de 1917, a edição vespertina de O Estado de S. Paulo, sob o título "mitologia brasílica", anuncia: "O estadinho inaugura hoje uma série de estudos em que todos são chamados a colaborar. Abre um inquérito, ou enquete, como diz o Trianon na sua meia-língua. Sobre o futuro presidente da República? Não. Sobre o Saci" (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p. 66).

O ex-fazendeiro comprou, em 1918, a *Revista do Brasil* para a qual já escrevera artigos e contos anteriormente. Valente (2009) interpreta que a compra da *Revista do Brasil* surgiria como a possibilidade de dizer tudo o que gostaria e como quisesse. Após esta aquisição Lobato exercitou suas habilidades como editor e escritor, assim fez de sua revista um grande empreendimento, o qual cresceu ainda mais com a reunião de seus contos publicados com o título *Urupês*, um sucesso que foi seguido por outros lançamentos.

> Os Urupês vão se vendendo melhor do que esperei e neste andar tenho de vir com a segunda edição dentro de três ou quatro semanas. Há livrarias que no espaço duma semana repetiram o pedido três vezes, e como os jornais ainda nada disseram, julgo muito promissora essa circunstância. O Saci-Pererê também se vende bem; estou já só com um resto – talvez um quarto da segunda edição. [...] (LOBATO, 2010a, p. 421).

Ainda de acordo com a obra de Lajolo (2000), dessa época em diante o editor começou a conceber a literatura como mercadoria, passando a ser o mediador entre o livro e o seu público alvo. Cheio de ideias, esteve sempre inovando com seus artigos críticos e polêmicos. Ao longo desse processo de editor e de escritor, Lobato percebeu que o livro pode ser comprado pela capa, por sua apresentação, por seus títulos, por suas ilustrações.

Em 1920, os negócios de Lobato com seu sócio Octalles estavam muito bem e a *Editora Monteiro Lobato & Cia* recebia muitos serviços, fazendo com que os lucros aumentassem a cada dia. Na mesma época, o escritor publicou a primeira versão de *A menina do narizinho arrebitado*, um conto, como era chamado. Mesmo com a editora funcionando a todo vapor ele ainda não estava contente, queria inovar:

> O *Sítio do Picapau Amarelo* surge para as crianças com *A menina do narizinho arrebitado*, em 1920, obra que em 1931 seria reeditada como *Reinações de Narizinho*, nome pelo qual ainda é conhecida. Narizinho, a dona do nariz citado no título, iria ter a companhia de Pedrinho, primo da cidade, cujas férias invariavelmente têm de ser usufruídas junto com a prima e a avó Dona Benta (CECCANTINI; VALENTE, 2010, p. 316).

Com tantas ideias para gestar, Lobato consultava constantemente o amigo Rangel, que sempre apoiava seus projetos. Em carta, de fevereiro de 1921, ele solicitava ao amigo: “Mando-te o *Narizinho* escolar. Quero tua impressão de professor acostumado a lidar com crianças. Experimente nalgumas, a ver se interessam. Só procuro isso: que interesse às crianças” (LOBATO, 2010a, p. 462). Lobato trouxe para a literatura destinada à criança um modelo e uma ousada harmonia entre os assuntos que afetavam a vida do adulto e a liberdade de fantasiar, que as instigam a olhar à sua volta por meio de suas próprias ideias. Podemos compreender, em vista disso, que ele soube aliar muito bem a fantasia ao conteúdo (pedagógico) que desejava ensinar por meio de suas obras, pois em Lobato, “o mundo da fantasia está ancorado na realidade” (SILVA, 2009, p. 111).

Destarte, corroboramos com a aferição de Ceccantini e Valente (2010, p. 320) na afirmação:

> O pedagógico em Lobato assume, portanto, outra dimensão: uma relação instigadora entre seus personagens infantis e o mundo em suas várias dimensões. É isso que explica, em boa medida, por que as lições de história ou biologia não tomam o espaço da fantasia. Antes, seja qual for a área do conhecimento incorporada ao texto, submetem-se ao faz-de-conta infantil, instaurando-se, por meio dele, uma literatura que faz "crescer".

Hoje, o nome Lobato nos remete à infância, às saudades e inevitavelmente ao Sítio do Picapau Amarelo e a seu ambiente simples, com muitos sonhos, imaginação e emancipação apresentados em suas páginas devidamente preenchidas por seus personagens, alguns atrevidos como ele, porém carismáticos (CECCANTINI; VALENTE, 2010). Portanto, podemos asseverar, de acordo com Ceccantini e Valente (2010), que Monteiro Lobato faz sucesso não só dentro dos muros das escolas, mas também fora deles. O escritor transpõe para suas obras a preocupação com a educação brasileira, que, para ele, deveria ser crítica e transformadora desde a infância.

Lajolo (2000) elucida que o escritor estava animado com a repercussão que teve seu conto em 1921. Então, resolveu publicar na *Revista do Brasil* novos episódios de *A menina do narizinho arrebitado*, com ilustrações, para agradar e encantar ainda mais as crianças. A obra, com o tempo, ganhou mais páginas, com episódios inéditos, momento em que o governo de São Paulo aceitou o livro nas escolas públicas, recebendo o título de *Narizinho arrebitado*. Na mesma época, o escritor escreveu *O Saci*, resultado da sua pesquisa e enquete feitas anteriormente. Sempre pensando em oferecer uma literatura de qualidade, ainda em 1921 são lançadas as *Fábulas de Narizinho*, pela Monteiro Lobato & Cia. Sua obra, de acordo com Souza (2010), continha 29 fábulas apresentadas em 76 páginas.

Diante dos acontecimentos da época em que Lobato começou a publicar suas primeiras obras infantis (1921), preocupou-se em estimular o potencial da criança em seu processo de formação, trazendo para suas obras um caráter pedagógico que assume outra dimensão, o que esclarece por que o pedagógico não toma lugar da fantasia e traz também um caráter político, na medida para a infância, apresentando assim "uma literatura que faz crescer" (CECCANTINI; VALENTE, 2010). Em um momento em que o mercado editorial no Brasil caminhava lentamente, o escritor apresenta uma proposta inovadora de literatura para crianças,

embasada em seu vasto conhecimento ele apresenta “uma relação instigadora entre seus personagens infantis e o mundo em várias dimensões” (CECCANTINI; VALENTE, 2010, p. 320), porém, de forma descomplicada para que eles pudessem agir como formadores de consciência.

Lobato surgiu como professor na voz de uma personagem sábia que mediava conhecimentos, ao passo que acabava por transformar a vida dos netos, que sempre tinham algo para discutir. Como narrador ele trabalhou buscando concretizar seus objetivos: uma educação de qualidade e que pudesse estar intrínseca à literatura infantil. O escritor viveu uma luta constante contra as ações do editor, com o tempo ele deixa mais aparente “o lastro programático do editor que quase não deixa espaço para a utopia do escritor” (LAJOLO, 2000, p. 33). Lajolo e Zilberman (1999) classificam todo esse movimento da vida de Lobato enquanto editor e escritor como modernista. O escritor não parava e continuava conquistando espaço, com suas produções chegando até a Argentina.

Neste percurso, a vida interiorana de Lobato foi ficando cada vez mais no passado e a cosmopolita assumia em total evidência. Em 1924, escreveu mais uma obra direcionada ao público infantil, o *Jeca Tatuzinho*. Ainda vivendo em São Paulo, escreveu ao estimado amigo Rangel expressando sua opinião um tanto desfavorável a respeito das traduções que chegavam ao Brasil. Nesta carta contava de seu desejo de adaptar e traduzir uma obra de que gostava muito, *The vicar of Wakefield*, que ele considerava obra-prima da literatura inglesa (LOBATO, 2010a).

Nela Lobato discorreu sobre poetas e literatos nacionais sem qualidade, asseverando que pretendia editar os melhores da literatura universal, porém não queria traduções como as que censurava: queria traduções a seu modo. Mencionava uma das obras mais lidas da literatura universal até os dias de hoje – *Dom Quixote* – que, a partir das cartas trocadas entre ele e seu fiel amigo, seria uma tradução que encomendaria a Rangel, que não a fez (LOBATO, 2010a.

O escritor sempre dizia ao amigo que não deveria ficar imitando ninguém, deveriam fazer suas próprias obras, com sua identidade: “Temos que ser nós mesmos, apurar nossos Eus, sob o risco de ser coisa nenhuma” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p. 31). Sua experiência de leitura e proximidade com a literatura clássica levaram-no a compreender o que Cademartori (2010) elencou como necessário para produzir um clássico infantil que respeita seu público e lhe permite a possibilidade de atribuir sentido àquilo que lê, pois, a partir de uma

leitura de fácil compreensão, a criança tem maior possibilidade de vivenciar uma grande aventura por meio da linguagem e de sua eficácia.

A tradução foi uma das formas que encontrou para esquecer muitas coisas, como a sabotagem do petróleo. Afinal, mesmo com toda e qualquer decepção dizia ele: “A literatura ainda é o meu consolo...” (LOBATO, 2010a, p. 543). A adaptação de Lobato deixa claro o quanto a evocação dos conhecimentos resultantes das experiências vividas pelos leitores faz com que as leituras tenham mais sentido para a criança. Nessa perspectiva, Lajolo (1993) revela que o escritor mostra o quanto as experiências vividas pelos personagens do sítio os ajudam a dar sentido a suas adaptações.

Seu trabalho como tradutor foi abundante e proveitoso. O escritor traduziu mais de oitenta livros para o português. Ele não fazia tradução literal, mas sempre conseguiu passar a ideia e o pensamento original do autor que estava sendo traduzido:

> Tradutor e adaptador inclusive para o público infantil de várias obras estrangeiras, Monteiro Lobato consegue extraordinários efeitos de sentido ao fazer contracenar num cenário de jabuticabeiras, pintos-surra e ex--escravos pitando cachimbo tanto personagens fundadores da literatura infantil ocidental como Cinderela, Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho, como personagens da literatura infantil estrangeira contemporânea sua como Alice e Peter Pan (LAJOLO, 2000, p. 62).

A partir dessas traduções surgiu a possibilidade de ofertar às crianças brasileiras a leitura de clássicos da literatura universal, que ele soube traduzir, adaptar e apresentar à criança brasileira de forma que ela pudesse compreendê-los. A leitura de seus textos permite à criança experimentar de forma diferente a realidade. Ao mesmo tempo em que experiências anteriores são conservadas, todo esse movimento possibilita experiências futuras, pois suas obras incentivam a investigação e o debate (CADEMARTORI, 2010). Lobato também teve suas obras traduzidas em diversos países.

Tendo o empresário, escritor e editor controle de seus negócios, eles começaram a se expandir, mas todo o empenho acabou por culminar na falência, advinda de problemas como a Revolução de 1924, a estiagem e a política econômica do País que restringiu os créditos ao máximo nesse período (LAJOLO, 2000). Em 1925, viveu entre os cariocas e buscou saldar suas dívidas. Ele não conseguia conter suas palavras, continuando com duras críticas – escrevia sem

medo de nada – às falhas que encontrava na sociedade carioca e no restante do Brasil por meio de seus artigos (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001). Audacioso, o escritor usava seus textos para apontar os pontos frágeis da sociedade, “ele sabia como fazer e o que dizer. Suas temáticas eram muito próximas dos problemas que ele gostaria de ver superados em seu país. Seu instrumento de mudança era sua máquina de escrever. Sua arma era a palavra” (ACIOLI, 2012, p. 41).

No entanto, não desistiu de suas ideias e, em 1925, juntamente com seu amigo Octalles, reuniu um montante que lhes permitiu lançar a *Companhia Editora Nacional*. No início de 1925, nas fiéis cartas ao amigo Rangel, Lobato explicitou o que esperava das traduções que encomendava ao amigo: “estilo água do pote, hein? E ficas com liberdade de melhorar o original onde entenderes. O *Dom Quixote* é para ver se vale a pena traduzir” (LOBATO, 2010a, p. 499).

Meses depois, em março de 1925, ele escreveu novamente a Rangel. Dessa vez precisava que o amigo tivesse disponibilidade para preparar um livro em linguagem simples e cativante, um *Dom Quixote* para crianças (LOBATO, 2010a, p. 500). Ao que sabemos, valeu a pena a edição de um *Dom Quixote* para crianças, porém Rangel não o fez e o escritor trabalhou sozinho nessa adaptação, bem como em *Gulliver* e *Robinson*.

Nessa época, Lobato esteve empolgado com o sucesso de suas publicações infantis e chega a pensar em escrever apenas para crianças, pois considerava que para elas o livro é o mundo e se soubesse encantar e prender sua atenção elas jamais esqueceriam a história nele contida. Em maio de 1926, escreveu para o velho amigo Rangel:

> Ando com ideias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoei. Bichos sem graça. Mas para crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusoé do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim, morar, como morei no Robinson e n’Os filhos do capitão Grant (LOBATO, 2010a, p. 513).

Mesmo dedicando-se mais à literatura infantil, Lobato ainda escrevia para adultos e, em 1926, publicou um artigo dividido em vinte partes chamado *O choque das raças* – também conhecido como *O presidente negro* – no jornal carioca *A manhã.* Mais adiante definiu seu título de *O choque*, obra que antecipava o futuro, e que seria lançada como livro no mesmo ano (AZEVEDO; CAMARGOS;

SACCHETTA, 2001, p. 216). Sua mente não parava e ele escreveu sobre Henry Ford e outras questões americanas, pois apoiava-se em Ford por ser quem "apresentava a resposta definitiva para extirpar a miséria humana da face da terra" (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p. 205).

Em meio à sua busca por melhorias para a sociedade, em 1927 ele acabou sendo nomeado pelo presidente Washington Luís e por Alarico Silveira como adido comercial brasileiro em Nova Iorque. Teve de se mudar e a experiência em solo americano se deu de forma agradável. A respeito, comentou em carta ao amigo Fontoura: "O que este povo fez desta terra é simplesmente assombroso, e apesar de metido nele há quase três meses, ainda não me cansei de admirar" (NUNES, 1986, p. 106). Em contrapartida, a decepção com o modo de vida brasileiro foi maior ainda. Dizia ele: "Um dia de Nova York vale uma vida no Brasil" (NUNES, 1986, p. 113).

Lobato viu-se imerso na crise mundial que levou todo seu dinheiro e, como se isso não bastasse perdeu o cargo que exercia em Nova Iorque. Após alguns anos em Nova Iorque, Lobato retornou ao Brasil, em 1931. Sem dinheiro, sem aliados no poder, o escritor foi obrigado a vender sua parte na *Editora Nacional* e voltou a ser escritor em tempo integral de onde passou a retirar o sustento da família (LAJOLO, 2000, p. 74). Em 1934, publicou algumas de suas edições didáticas, devidamente elaboradas para o público infantil em idade escolar: *Emília no país da gramática*, seguida em 1935 por *Aritmética da Emília*, *História das invenções* e *Geografia de Dona Benta*, que foi condenada e proibida, pois, de acordo com a crítica, a obra continha ultrajes e afrontas à pátria, uma incoerência se não fosse o fato de Lobato estar em constante luta pelo desenvolvimento do País (RIBEIRO, 1984).

Como se manteve sempre preocupado em não deixar as crianças brasileiras sem uma literatura adequada, publicou *Memórias da Emília*, de 1936. Nesta obra, Monteiro Lobato demonstrava parte do conhecimento que tinha da literatura infantil produzida por escritores da tradição inglesa, trazendo para sua obra personagens como Peter Pan e Alice. Neste mesmo ano de 1936, ele também publicou um de seus grandes projetos de tradução e adaptação, *Dom Quixote das crianças*, edição que sempre esteve em seus planos e foi acompanhada desde o princípio pelo amigo Rangel, a quem sempre dizia "A literatura ainda é o meu consolo ..." (LOBATO, 2010a, p. 543). Sempre muito sábio escreveu um livro infantil que dizia ele não ser literatura para crianças, mas literatura geral, aquela que todos compreendem, sem rodeios ou enfeites (LOBATO, 2010a, p. 572).

Lobato não se calava, mostrava-se engajado na luta por um Brasil melhor. Mesmo na prisão, se preocupava com o analfabetismo dentro da penitenciária e demais questões que presenciou enquanto esteve detido. Aproveitava seu ócio na cadeia para traduzir livros (NUNES, 1986). Lajolo (2000) ressalta que, quando posto em liberdade, Lobato estava diferente, desarticulado, inconsolável pela morte dos filhos Edgar e Guilherme e pelo suicídio do cunhado Heitor. Como se tudo isso fosse pouco, sua situação financeira continuava difícil. Na década de 40, a Editora Brasiliense propôs a publicação de suas obras completas, o que levou Lobato a uma revisão minuciosa de tudo que escreveu, adaptou, editou e lançou.

No meio do ano de 1946, decidiu viver na Argentina, estava desanimado com a política brasileira. Nessa época, escreveu um livro pouco conhecido, o *Zé Brasil*, sua última publicação (LAJOLO, 2000). Com todo seu conhecimento ele transitou por diversos interesses e terminou no espiritismo e no Georgismo, definido por Ferreira (1986, p. 847) como “Sistema tributário preconizado pelo economista norte-americano Henry George (1839-1896), e que se baseia na existência do imposto único e incide sobre a renda da terra”.

Vivendo na Argentina, cheio de esperança contempla seus livros sendo bem aceitos e juntamente com alguns amigos funda a *Editora Acteon*. No meio de tantos movimentos, a saúde do escritor vai definhando. Nesta época ele estava muito triste e ainda reforçava a ideia de que diante dos problemas políticos seu refúgio eram os livros (NUNES, 1986), o que nos remete ao personagem de sua adaptação, Dom Quixote.

Um ano após o lançamento da obra *Zé Brasil*, Lobato se despediu desse mundo e de seu amigo aos poucos. Para tristeza de uma nação inteira, na madrugada de 4 de julho de 1948, Lobato veio a falecer. O enterro do escritor arrastou uma multidão até a Biblioteca Municipal. Seu amigo expressou em palavras o sentimento de todos que de alguma forma conheceram a história e obras do escritor:

> Morreu Monteiro Lobato. O Brasil também está órfão.
> Ele deixa a vida e entra para a História. A sua vida foi toda ela “uma história de luta, de patriotismo e de amor ao Brasil”. “A figura de Monteiro Lobato há de guardá-la não apenas a história literária do Brasil, mas a própria história do povo e da nacionalidade brasileira: aquela história que às vezes é escrita com sangue” (RIBEIRO, 1984, p. 11).

Com suas obras infantis o escritor conseguiu tocar a alma da criança brasileira. Lobato sonhava com um Brasil rico: rico de petróleo, rico de ferro, rico de aço, mas acima de tudo rico de cultura e de bons livros. O escritor que encantou leitores de ontem e continua encantando os leitores hoje, ainda surpreende os leitores de todas as idades com suas obras sempre genuínas. Monteiro Lobato continua autêntico e sua adaptação *Dom Quixote das crianças*, de 1936, é uma de suas obras que sempre tem algo novo a dizer. Esta adaptação dá asas à fantasia do leitor, que não deve ser freada, ela também é matéria-prima para estudos da arte literária, pois oferece muitas possibilidades aos leitores iniciantes. Portanto, ela privilegia o livre pensamento e é pertinente de uma investigação precisa sobre suas contribuições enquanto texto literário voltado para a infância.

2 LOBATO E A ADAPTAÇÃO DE CLÁSSICOS

Monteiro Lobato foi um precursor em vários segmentos no que diz respeito à literatura, e a adaptação de clássicos para o público infantil e juvenil teve grande destaque em sua jornada, atestando seu interesse pelas produções canônicas universais. Em uma das cartas que escreveu a Rangel ele dizia:

> Tens uma impressão do Robinson que é também a minha, com a diferença que nunca o reli – nem relerei. Ganhei-o de presente num memorável dia de Natal e li e reli aquilo com um deleite inenarrável. Conservo essa impressão infantil com o carinho com que um poeta deve conservar a sua primeira produção (LOBATO, 2010a, p. 247).

Ainda que não fosse um perito em crianças, era bom entendedor da infância. Dizia ao amigo Rangel que desejava “fazer um *Rocambole infantil,* coisa que não acabe mais” (LOBATO, 2010a, p. 542). Afinal, as crianças “sei que não mudam. São em todos os tempos e em todas as pátrias as mesmas” (LOBATO, 2010a, p. 537). Provavelmente sua ideia de uma literatura que aceita continuidade estava intimamente ligada aos clássicos, pois são livros que permanecem ao longo de muitas gerações, sendo assim seu interesse na obra prima de Cervantes encontra sua justificativa. Com esta opinião o escritor sentia que:

> Era preciso formar as novas gerações sem esconder-lhes a verdade, principalmente a verdade histórica, que sempre vinha dourada por uma pílula de fantasia. Neste ponto ele era radical e da forma como ensinava aos filhos queria ensinar aos filhos dos outros (RIBEIRO, 1984, p. 129).

No *Sítio do Picapau Amarelo* tudo é possível e a aprendizagem acontece como se fosse uma festa. Lá as crianças vivenciam seus conhecimentos, encontrando não apenas personagens do folclore nacional, mas também os mais variados personagens da literatura universal, sem contar os divertidos animais falantes que encantam a todos que vivem no sítio e a seus visitantes. Neste mundo, dona Benta consegue equilibrar o novo e o velho, realizando muitas contextualizações, trazendo o folclore brasileiro atrelado a personagens da literatura universal que são sutilmente inseridas dentro de seus serões.

Sempre focado em seus projetos, e com um desejo de trazer o que havia de melhor na literatura clássica para a criança brasileira, anos mais tarde Lobato pediu a contribuição do amigo Rangel em outro projeto que almejava lançar: uma série de

livros infantis. Para tanto pretendia apresentar traduções e adaptações como: "*Gulliver*, *Robinson etc*., os clássicos", e esses trabalhos deveriam se embasar em "umas edições do velho Laemmert, organizadas por Jansen Muller" (LOBATO, 2010a, p. 466). A ideia de produzir uma literatura que atingisse realmente seu público mais querido não deixava seu pensamento, como demonstram as cartas contidas em *A barca de Gleyre*.

A literatura clássica teve grande relevância para Lobato, pois como afirma Calvino (1993, p. 11): "Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual". Com essa afirmação podemos entender por que Lobato sempre citava *Robinson* de Daniel Defoe, de 1719, nas cartas que escrevia para Rangel. Zilberman (2003, p. 64) reitera a ideia de Lobato quando diz que a literatura "incute na criança certos valores" sociais e éticos e foram esses valores que ele apresentou em suas adaptações.

Essas obras nos auxiliam em muitas compreensões, pois de acordo com Calvino (1993), um clássico é um livro que sempre tem algo para dizer. Na obra *A barca de Gleyre*, percebe-se que Lobato compreende a necessidade da apresentação do clássico para a infância, considerando a importância que esta teve em sua vida desde menino. Ele vê no clássico a oportunidade de uma leitura prévia por meio da adaptação, para que posteriormente, conforme a maturidade for chegando, possa ser feita a leitura da obra original. Desse modo, consideramos que para Lobato um clássico estabelece uma semelhança particular com quem o lê, portanto:

> Os clássicos não são lidos por dever ou por respeito mas só por amor. Exceto na escola: a escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássico dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os seus clássicos (CALVINO, 1993, p. 12-13).

Ainda ressaltando o valor dessas obras, Compagnon (2010, p. 230) afirma que: "O clássico transcende todos os paradoxos e todas as tensões: entre o individual e o universal, entre o atual e o eterno, entre o local e o global, entre a tradição e a originalidade, entre a forma e o conteúdo".

Desse modo podemos dizer que o clássico toca e enriquece a alma, e assim como Lobato devemos considerá-lo uma ferramenta de humanização. Queremos

enfatizar aqui a relevância do clássico para a formação da criança, defendemos que essas obras devem ser apresentadas desde a infância, seja por meio de adaptação ou contação de história e, se lido na infância o clássico passará a fazer parte da experiência cultural e humana, que seu leitor vai adquirindo a partir das leituras que continuará fazendo durante toda sua vida e que interferem na formação de sua identidade.

O clássico possibilita que tenhamos contato com o novo, pois apresenta ao leitor uma forma diferente de ver o mundo, bem como compreendê-lo de forma a internalizar diversas culturas. Essa leitura quando realizada desde a infância possibilita que o leitor amplie sua bagagem cultural, auxiliando na construção de sua identidade. Quando incorporada à vida do leitor a leitura do clássico propicia aprendizagens e o leva a refletir sobre seu universo particular. Eles são importantes para os leitores iniciantes, pois ajudam a entender a vida ou apresentam uma lógica para nossa existência, pois:

> O clássico não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber) mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro (ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular). E mesmo esta é uma surpresa que dá muita satisfação, como sempre dá a descoberta de uma origem, de uma relação, de uma pertinência [...] (CALVINO, 1993, p. 12).

Portanto, os clássicos precisam ser oportunizados já na infância, pois, segundo Calvino (1993), mesmo que se acredite conhecer esses livros, porque já ouviu falar deles na infância, quando adulto eles ainda vão revelar surpresas inéditas, mas isso só acontece quando a obra estabelece uma relação com o leitor desde o início. Assim, ao reler a obra em idade madura acordar-se-á a semente deixada por ela na memória, ato característico do tradicional, afinal: “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (CALVINO, 1993, p. 11).

Lobato ofereceu o clássico para infância por meio de adaptações, porém sempre alertou para que a obra fosse lida na íntegra. Calvino (1993, p. 12) reforça tal afirmação quando diz: “Nunca será demais recomendar a leitura direta de textos originais, evitando o mais possível bibliografia crítica, comentários, interpretações”.

O convívio com obras que se enquadram nesse padrão abre horizontes porque não se restringe a um determinado conteúdo. Esses livros sintetizam, por

meio da ficção, uma realidade que se liga com o cotidiano de seu leitor, assim o clássico vai sobrevivendo porque “continua a se comunicar com o seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor” (ZILBERMAN, 2003, p. 25). É fato que os livros favorecem a descoberta dos sentidos, “mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 13), pois abarca o real em sua totalidade.

A partir da leitura das obras de Lobato, pode se pensar que ele buscou apresentar na adaptação do clássico possibilidades para que seus leitores questionassem as bases da organização da sociedade. Afinal, ele “sempre teve em mente a formação de seu leitor, visando dotá-lo de uma certa visão do real e da circunstância local, assim como de uma norma de conduta” (ZILBERMAN, 2003, p. 147). Sua sagacidade se confirma ao passo que, compreendendo as necessidades da infância não deixou de lhes apresentar essas obras, porém o fez por meio de adaptação com sutilezas e em paralelo aos acontecimentos do sítio, deixando em seus leitores uma semente, e não uma tradução literal.

As leituras realizadas na juventude, de acordo com Calvino (1993), deveriam ser revistas em idade adulta, ação essa que Lobato sempre comentava em cartas ao amigo Rangel, quando estava relendo uma obra de sua infância. Pois, toda obra clássica de algum modo sempre terá algo novo para dizer.

Lobato, ao longo do tempo, também se tornou um clássico como aqueles que admirava e que adaptou; suas obras oferecem um universo com que seus leitores possam se identificar ou questionar, mas ainda assim estabelece com eles uma relação, pois já conquistou “um lugar próprio numa continuidade cultural” (CALVINO, 1993, p. 14). E como fica claro nas obras de Lobato, devemos reafirmar o que disse Calvino (1993), os clássicos não precisam necessariamente de um pretexto para serem indicados, adaptados ou contados desde a infância, eles não precisam provar que servem para isso ou aquilo, a razão maior que deve ser considerada é que ler um clássico é melhor que não ler.

Assim como o clássico *Dom Quixote*, sempre esteve nas dobras da memória de Lobato, ele também poderia ser “o livro” de mais pessoas, desse modo o escritor apresentou à criança brasileira um livro consagrado pela crítica em uma adaptação com duas histórias fantásticas e cheias de visões de mundo e valores éticos. E Machado (2002) assim como o escritor acredita que o primeiro contato de uma

criança com um clássico não precisa ser necessariamente com o original, podendo ser por intermédio de uma sedutora adaptação. E suas obras não eram apenas livrinhos para moralizar crianças e eventualmente divertir, mas como toda obra literária, “tem tudo para agradar ao leitor mais sofisticado e exigente. Por isso, se tornaram grandes clássicos” (MACHADO, 2002, p. 112).

2.1 Dom Quixote Agora não é Apenas de La Mancha, mas de Todas as Crianças

Mas ler, no entanto, é essencial (LAJOLO, 1993).

Monteiro Lobato desenvolveu muitos projetos, um de grande destaque foi a tradução e a adaptação de clássicos da literatura universal para crianças. Apresentar para a criança uma literatura que fosse feita especialmente para ela foi uma missão desempenhada com louvor pelo hábil escritor, que apresentou histórias inéditas e adaptações que preenchem o imaginário infantil.

Satisfazendo o anseio de jovens leitores por histórias inéditas do sítio fabuloso, que recebia personagens do mundo todo ele criou e adaptou histórias encantadoras para um público exigente. E Lobato foi muito além, de acordo com Ceccantini e Valente (2010, p. 318-319):

> O comprometimento em cultivar a inteligência e o pensamento crítico leva o escritor a atuar em várias frentes no conjunto de sua obra. Ora remetendo a elementos do folclore nacional, ora levando o leitor ao encontro de personagens da Antiguidade Clássica, ora em companhia de personagens da literatura universal, como D. Quixote, ora contando com representantes da cultura midiática de seu tempo, como Tom Mix, Gato Félix ou Popeye, o conjunto da obra abre-se em muitas vertentes temáticas. [...]

Esse projeto cresceu devido à sagacidade do escritor que trouxe para suas obras muita fantasia, imaginação, independência, criticidade e doses de humor bem distribuídas entre os personagens. Nesse processo de editoração, Lobato sempre esteve um passo à frente quanto às necessidades da sociedade, e a adaptação de clássicos da literatura vem auxiliar a criança na compreensão das mudanças da sociedade. “Monteiro Lobato concebeu com muito cuidado o seu projeto de uma literatura para crianças” (ACIOLI, 2012, p. 44).

Seu grande projeto mencionado em várias cartas ao amigo Rangel foi a leitura, a tradução, a adaptação e edição do clássico *Dom Quixote de la Mancha* do escritor Miguel de Cervantes de Saavedra (1547-1616). A primeira menção que

Lobato fez na tentativa de traduzir a obra cervantina se deu devido a uma tradução italiana do clássico que Rangel estava lendo em 1909 (LOBATO, 2010a).

Anos antes de começar a adaptar clássicos, Lobato escrevia ao amigo Rangel dizendo: “minha literatura não é mera imaginação, mas uma cópia da realidade”. Suas histórias eram sempre originais, trazendo a realidade para o mundo da fantasia, com temas inéditos e as adaptações também traziam uma narração original (LOBATO, 2010a).

Provavelmente Lobato considerasse esse clássico o primeiro e o melhor romance, por oferecer ao leitor filosofia e humor, assim como a possibilidade de ver que o sonho e a realidade podem caminhar lado a lado:

> Além disso, as histórias de cavalaria deram origem a uma das obras-primas da literatura universal, um dos clássicos que foram mais fundo na análise do espírito humano, de forma emocionante e divertida ao mesmo tempo – Dom Quixote de La Mancha. Escrito no renascimento pelo espanhol Miguel de Cervantes Saavedra, esse livro é considerado o fundador de todo o romance moderno (MACHADO, 2002, p. 53).

Dom Quixote de La Mancha é considerado a obra-prima do escritor Miguel de Cervantes e um dos clássicos mais lidos no mundo todo. Sendo assim, podemos afirmar que Lobato trouxe para a criança brasileira o que tinha de melhor na literatura universal. Essas inovações em relação às traduções feitas pelo escritor se deram a partir de “uma tradição daquilo que se considerava literatura infantil” e que foi “possível no diálogo e contraste com os clássicos que relê e reescreve” (CECCANTINI; VALENTE, 2010, p. 323). Esta literatura infantil surgiu devido à compreensão que o escritor tinha de que a criança não poderia ser considerada “um adulto em ponto pequeno” (LOBATO, 2010a, p. 555), assim ele fez a diferença e não fracassou como os escritores que não conseguem perceber as peculiaridades da infância.

Considerando que o escritor e editor Lobato adaptou grandes clássicos da literatura universal, cabe salientar que todas lhe renderam críticas e estudos. A adaptação de Cervantes não ficou indiferente aos críticos e pesquisadores do escritor, cabendo aqui um breve levantamento da fortuna crítica sobre a obra *Dom Quixote das crianças*. É fato que há muitos estudos sobre Lobato e suas obras, no entanto, este breve levantamento traz apenas alguns estudos da obra *Dom Quixote das crianças* enquanto texto literário que forma e emancipa leitores. Muitas

produções foram encontradas, entre elas livros, capítulos de livros, dissertações e publicações em revistas.

Para iniciar essa curta observação, nada mais justo que abordar uma das pioneiras nos estudos sobre Monteiro Lobato e suas obras, a pesquisadora Marisa Lajolo, que tem várias publicações sobre bibliografia do escritor, e que também dedicou um capítulo de seu livro *Do mundo da leitura para leitura de mundo* (1993), e aborda a trajetória de Lobato até chegar à adaptação da obra de Cervantes.

Nesse mesmo caminho, temos Socorro Acioli que nos presenteia com uma *Aula de literatura com Monteiro Lobato* (2012), um livro que é o resultado de sua dissertação de mestrado. Em sua produção, ela aborda as formas como o autor apresenta o texto literário para a criança e sua colaboração para formar leitores. Para a autora, *Dom Quixote das crianças* auxilia o exercício crítico da criança, assim como acontece com as crianças do Sítio que tecem muitas críticas e fazem julgamentos durante toda a narrativa. Por fim, Acioli (2012) acredita que essa adaptação vem auxiliar os mediadores quanto a formar leitores de clássicos na infância.

Ainda falando em livros e capítulo de livros, temos um capítulo de livro da pesquisadora Amaya O. M. de Almeida Prado, em *Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil*, de 2009, que contempla vários aspectos da adaptação de Lobato como a linguagem trabalhada pelo escritor, de forma clara. Ela trabalha o conceito de adaptação juntamente com a recepção da mesma e a mediação da personagem Dona Benta, que auxilia no trabalho com a linguagem na apresentação do texto literário. Ela também apresenta os níveis narrativos e as discussões e reflexões a partir da história contada pela personagem. E todo esse trabalho tem um grande reconhecimento devido à falta de pesquisas sobre adaptações.

Nos bancos de teses e dissertações, também temos um número considerável de trabalhos que elegem *Dom Quixote das crianças*, de 1936, como objeto de pesquisa. Dentre as muitas dissertações, destaca-se A recepção leitora de *Dom Quixote das crianças: da prosa às histórias em quadrinhos*. Nesse trabalho, Fernanda Maccari Guollo discute a recepção da narrativa de Lobato e uma releitura em quadrinhos por meio de atividades de incentivo à formação de leitores, visando à contribuição das respectivas obras para formar leitores dentro e fora da sala de aula. A pesquisadora também ressalta a necessidade de disseminar o gosto pela leitura literária entre o público infantil e juvenil com base na adaptação de Lobato.

Em sua tese *Os moinhos de vento no Brasil: uma leitura da adaptação de Dom Quixote das crianças de Monteiro Lobato*, a pesquisadora Rosa Maria Oliveira Justo analisa o diálogo intertextual entre a adaptação e a obra original e apresenta ainda as contribuições da obra para formação de jovens leitores.

A pesquisadora Márcia Cabral da Silva publicou na revista Miscelânea o artigo *Dom Quixote das crianças: sobre mediação e aspectos histórico-culturais da leitura*, que aborda a mediação de leitura e o desenvolvimento das práticas de leitura voltada para a infância, pois de acordo com a autora a obra inspira as crianças, quando o escritor respeita o senso crítico e a curiosidade das mesmas na adaptação do clássico.

Esta breve coleta de dados sobre produções que elegem a adaptação de Lobato tem como objetivo destacar a importância dessa produção para muitos pesquisadores, e apontar que ela tem despertado o interesse de graduandos a pós--doutorandos; atestando assim sua relevância enquanto objeto de pesquisa visando à formação de leitores e também demonstrando sua qualidade estética e a abrangência de um clássico adaptado para o público infantil.

Dom Quixote é um romance que pode ser lido em tempos diferentes, por pessoas diferentes, nos lugares mais diferentes do mundo, portanto, em cada época, ela será interpretada de maneira diversa. Prado (2009, p. 328-329) ressalta que:

> Os estudos sobre *Dom Quixote das crianças* apontam-no como uma recriação de qualidade estética, dessas que [...] dilatam o raio de alcance das grandes obras. Sem dúvida, o texto apresentou a muitos brasileiros o universo cervantino, quando esses leitores não tinham ainda maturidade para apreciar integralmente o texto clássico.

Lobato discute na adaptação do clássico *Dom Quixote de La Mancha* vários aspectos da obra original. Inicia na parte física da obra (material), passa para o aspecto linguístico, sem deixar de lado o conteúdo que se alia com a forma literária. Esta condição faz com que Prado (2009, p. 334) afirme que esta obra “é uma meta--adaptação” e explicita ser “uma adaptação que discute a si mesma”. Nessa adaptação do clássico de Cervantes, Lobato prima por uma adaptação que possa atrair o jovem leitor para a leitura do clássico. Justo (2006, p. 12), afirma que: “Monteiro Lobato, em *Dom Quixote das crianças*, constrói um projeto engenhoso que contribui, efetivamente, para a formação do jovem leitor brasileiro” e, mediante uma

linguagem acessível, ele elenca algumas aventuras da obra cervantina e nos revela uma Emília quixotesca até certo ponto interagindo com outros leitores sedentos por conhecer a obra de Cervantes (JUSTO, 2006).

Assim, *Dom Quixote das crianças* resulta de um engenhoso trabalho que envolveu leitura, tradução e adaptação – sem esquecer de todo um conjunto de valores sociais e éticos, que deveriam ser considerados pela sociedade – finalizada no ano de 1936, como afirma Lajolo (1993, p. 97):

> É, pois, a década de trinta que vê um empobrecido Lobato apontando lápis e planejando livros para sobreviver. E foi, provavelmente, no bojo de um de seus projetos previamente combinados com Octales, da Companhia Editora Nacional, que, em 1936, lança seu *D. Quixote das crianças*. [...]

Com tiragem de 10.625 exemplares, o autor prova para todos que os clássicos podem ser adaptados, indicados e lidos (para e) com as crianças. Lobato considerava a adaptação do clássico ponto crucial quando se pretende apresentá-lo para crianças. Nesse sentido, Prado (2009) ressalta que o escritor adapta a narrativa da renomada dupla com uma linguagem simples, pois apresenta à história “de forma resumida e acessível, com a linguagem bem simplificada para os padrões de livros infantis da época, na intenção de atender às exigências dessa plateia” (PRADO, 2009, p. 326), trazendo também possibilidade de uma leitura que vai muito além das palavras, ela possibilita à criança uma leitura do fazer sensível que caracteriza a humanidade.

A obra de Cervantes, mesmo antes de ser contada no sítio, já aparecia em menções feitas por alguns de seus personagens em outras histórias, o que Acioli (2012) acredita ter sido uma estratégia do escritor para divulgar sua adaptação para seu público infantil. Para tanto, Lajolo (1993, p. 98) assevera que o conceito de uma leitura ao alcance de todos é sempre uma ideia firme nas obras de Lobato.

Em *Dom Quixote das crianças* o escritor conserva a essência do clássico original, porém centraliza sua adaptação nas aventuras do fidalgo, que diverte a criança, desperta a fantasia, emoções e também oferece um modelo a seguir. E o escritor “provavelmente opta pelas aventuras não apenas para estimular a imaginação, mas porque, por intermédio delas, consegue motivar a leitura” (JUSTO, 2006, p. 64).

Acioli (2012) considera a adaptação de *Dom Quixote* uma obra feita para o exercício crítico da criança. Considerando que a narrativa acontece em um ambiente

que difere bastante do escolar, esta modalidade é chamada pela autora de leitura--ação. Fato que advém das críticas que as crianças tecem ao longo da narrativa da história do cavaleiro andante, também de julgamentos, comparações e mesmo da ação que desperta em alguns personagens como Emília e Pedrinho. A autora reafirma-se ao dizer:

> Acreditamos que esse leitor-ação era exatamente o leitor ideal para Lobato e que a leitura-ação era a prática que ele gostaria de ensinar. Para isso, usou sua principal personagem para dar o recado: Emília. Os exemplos de comportamento de Emília como leitora deixam claro que a leitura-ação parecia sempre mais atraente, pois transformava leitura em aventura. Ler para viver era uma das leis do sítio do Picapau Amarelo (ACIOLI, 2012, p. 65).

Em seu estilo de escrita para aproximar ainda mais seu público, Lobato deixou a cargo de Emília as falas e as críticas à linguagem que, como dizia a boneca, não davam para engolir com facilidade. Sendo assim, na adaptação o escritor permite que ela faça suas próprias correções e críticas à linguagem, como acontece assim que ela consegue pegar o livro tão desejado e faz sua primeira crítica: "– Saavedra! – Exclamou. – Para que estes dois aa aqui, se um só faz o mesmo efeito? – E, procurando um lápis, riscou o segundo a" (LOBATO, 2010b, p. 14). Toda ação praticada por ela dentro da adaptação de Lobato é vista por Acioli (2012) como um caso de leitura-ação, pois a personagem do sítio acaba vivenciando sua leitura, desde o início da obra até enlouquecer de vez como o protagonista de Cervantes. Em sua adaptação Lobato fez um recorte (para) ou do tamanho da infância. Retirou do clássico de Cervantes apenas o que maravilha e encanta a criança.

Prado (2009) faz uma consideração muito relevante quanto ao vínculo forte que o escritor fez com suas adaptações. As adaptações de Lobato estão sempre ligadas, ou seja, amarradas às histórias genuínas do fantástico Sítio do Picapau Amarelo. Este espaço, onde a magia de fato acontece sempre aliada ao real, recebe todos os tipos de personagens de diversos países, dos mais clássicos, como *Dom Quixote*, ao autêntico e brasileiríssimo Saci. Essa pode ter sido uma estratégia adotada por Lobato para continuar sendo sucesso no mercado editorial, mas o fato é que: "O mercado, para o escritor torna-se o espaço democrático por excelência, onde, mesmo enfrentando censores de um ou outro lado, pode colocar ao dispor de

seu público infantil um projeto de Brasil maior e mais alentado que a realidade imediata” (CECCANTINI; VALENTE, 2010, p. 326).

Para que suas adaptações tivessem real alcance e pudessem de fato tocar cada leitor, o escritor tratou de diferenciar-se dos demais escritores que tanto criticou. Sendo assim, fez de suas adaptações verdadeiro parque de festas para as crianças brasileiras. E “o sítio é o ponto de partida e chegada das personagens” (CECCANTINI; VALENTE, 2010, p. 318), que chegam de vários lugares do mundo cheios de vontade de vivenciar diversas aventuras e transmitir conhecimento.

Sendo ele um dos pioneiros em ilustrações para crianças no Brasil, também não se esqueceu de que as crianças adoram ver figuras e tratou de cativá-las, não apenas com uma narrativa cheia de fantasia que poderia ser identificada com a realidade e uma escrita de fácil compreensão. Este projeto que Lajolo (1993) chamou de projeto de leitura, tradução e adaptação, foi considerado por Acioli (2012) como uma verdadeira aula de leitura literária.

Burlamaque (2008), em sua pesquisa, afirma que Lobato, por meio de suas obras que chegam à vida de crianças de muitas gerações até os dias de hoje, continua oferecendo, assim como em 1940, um lugar para morar – os livros – e também meios para que a criança compreenda melhor o mundo que a rodeia. Oferece um remédio, a fuga para o mundo da fantasia, onde se pode aceitar ou compreender melhor a realidade com subsídios para discutir e sobreviver na sociedade atual, pois “para que as crianças brasileiras contassem com essas armas contra o esconder os problemas sob as capas de retórico ufanista, era preciso dar--lhes o mesmo remédio ingerido pela garotada do sítio” (CECCANTTINI; VALENTE, 2010, p. 318).

As autoras Zilberman e Lajolo (1999) afirmam que a literatura infantil e a pedagogia tiveram uma ligação forte desde seu início, assim “começaram a produzir livros infantis que tinham endereço certo: o corpo discente das escolas igualmente reivindicadas como necessárias à consolidação do projeto de um Brasil moderno” (ZILBERMAN; LAJOLO, 1999, p. 28). Com o tempo, foi ganhando espaço entre traduções dos clássicos contos de fadas de Perrault, Andersen ou Grimm, acabando por conquistar seu espaço com o autêntico Lobato.

Com Lobato, o Brasil conhece as melhores adaptações que, segundo ele, faltavam às crianças brasileiras. Mesmo assim as adaptações lobatianas também se veem atreladas à escola. O escritor sempre viu a necessidade de oferecer a melhor

literatura clássica universal e o fez. A escola acabou sendo um meio de fazer com que suas obras chegassem à criança brasileira. A adaptação de *Dom Quixote* trouxe para muitos jovens brasileiros, que ainda não possuíam maturidade para ler o clássico na íntegra, uma primeira oportunidade, sendo apontado como "uma recriação de qualidade estética, dessas que dilatam o raio de alcance das grandes obras" (PRADO, 2009, p. 328-329).

Esse projeto de adaptação da obra de Cervantes, segundo Ceccantini e Valente (2017, p. 109), faz parte de um ideal lobatiano de formar o leitor crítico, "portador de um repertório literário denso" que possa estar em harmonia com uma vivência leitora divertida e empolgante. Todo esse cuidado que o escritor tem com seus jovens leitores faz de suas adaptações um produto diferente para um público com necessidades diferentes.

2.2 Dom Quixote nos Serões

A história começa com a audaciosa Emília, procurando livros de figuras na biblioteca de Dona Benta. Lá ela observa que nas prateleiras mais altas estão os livros maiores e eles aguçam sua curiosidade. A boneca com a ajuda do Visconde consegue pegar um livro bem grosso que ficava lá no alto. O sabugo fez uma alavanca para puxar o calhamaço que caiu em cima do sábio, deixando-o esmagado no chão. A presunçosa criatura não se comove com o ocorrido, apenas recolhe o caldinho que escorreu do sabugo em um vidrinho e corre para ver o livro.

Durante a exploração da obra ela já começa a fazer suas críticas ao nome do autor. Quando Narizinho, Pedrinho e Dona Benta chegam encontram a boneca vendo o livro, logo as crianças ficam curiosas para conhecer a história de Dom Quixote. A pedido da turminha a avó começa a ler a obra, mas os pequenos não compreendem bem a linguagem usada pelos tradutores do clássico de Cervantes.

Emília sempre muito tagarela foi logo dizendo que não queria ouvir história na linguagem difícil dos Viscondes que traduziram a obra, preferia ir brincar. Cheia de sabedoria a avó resolve contar o romance de forma mais coloquial para facilitar o entendimento das crianças. No início da narrativa Dona Benta reforça que vai contar, mas quando os netos tiverem maturidade devem ler a obra na íntegra.

A aventura começa com um fidalgo que já tinha certa idade, que tinha uma imensa biblioteca e de tanto ler livros de cavalaria acabou perdendo o juízo e

resolveu virar cavaleiro andante. Ele saiu a correr mundo à procura de um cavaleiro que pudesse lhe armar cavaleiro. Como seu juízo estava fraco ele sempre acaba confundindo muitas coisas, viu uma estalagem e acreditou ser um castelo, lá acreditou que o dono era um castelão e este se passando por castelão o armou cavaleiro, e ele passou a ser Dom Quixote de La Mancha.

Como já era um cavaleiro andante e saiu a correr mundo, sua primeira aventura foi salvar um menino que estava levando uma surra do patrão, mas quando o cavaleiro foi embora o senhor bateu o dobro no garoto. Mais adiante ele enfrenta alguns mercadores e levou a maior surra e foi salvo por algumas pessoas que o levaram para casa. Sua sobrinha e a ama resolveram queimar todos os seus livros para ver se ele voltava à lucidez.

Mas isso não aconteceu e o cavaleiro voltou a correr mundo agora com um fiel escudeiro, a quem ele prometeu muitas riquezas, inclusive uma ilha. E na companhia de Sancho ele vive novas aventuras, chega a atacar moinhos de vento dizendo que eram gigantes e novamente ficou todo machucado. Sua próxima aventura se dá ao atacar dois frades e uma dama. Enquanto corriam mundo, Sancho e Dom Quixote conversavam sobre muitos assuntos e as aventuras continuavam, bem como os questionamentos da turminha do sítio.

Em meio às aventuras Tia Nastácia consegue fazer outro Visconde, mas ele estava sem vida e a esperta Emília lembrou-se que tinha recolhido o caldinho da ciência que saiu do outro Visconde e logo tratou de colocar o caldinho no novo boneco para ele ficar sábio novamente. A trajetória continuava e o cavaleiro, levando sempre a pior e novos combates surgiam, acreditava em um mágico que fazia maldades para prejudicá-lo.

Muitos combates aconteceram, ele foi levado para casa em uma gaiola como um animal, depois Dom Quixote enfrentou um leão e saiu com vida de sua aventura, muitos encantos sucedem até Sancho conseguir sua tão sonhada ilha que acabou abandonando pelo caminho. O Fidalgo encontrou um cavaleiro que lhe propôs uma luta, o vencedor deveria deixar a cavalaria andante por um ano. Como Dom Quixote perdeu teve que deixar a cavalaria e assim foi ficando muito triste, acamado e acabou morrendo com a lembrança da derrota em sua cabeça. Emília não aceitou essa notícia de Dona Benta, nem de Narizinho que muitas vezes tentava contar o final da narrativa para a boneca que não aceitou a morte do fidalgo.

Constata-se, já no início da obra *Dom Quixote das crianças*, que Lobato apresenta uma comparação de Emília com o personagem Dom Quixote, quando nos apresenta a boneca curiosa em busca de descobertas, procurando novidades na vasta estante de Dona Benta.

Podemos assim compará-la ao fidalgo que passava tanto tempo metido em sua biblioteca, lendo seus romances de cavalaria, leituras tais que o fizeram tomar a decisão de virar um cavaleiro andante. Entre Emília e Dom Quixote se nota um objeto em comum, o livro, e também uma ação comum aos dois personagens, a leitura, pois "em ambas as obras, as personagens figuram cercadas de livros" (PRADO, 2009, p. 333).

Essa obra tem seu início com a presunçosa Emília:

> Emília estava na sala de Dona Benta, mexendo nos livros. Seu gosto era descobrir novidades – livros de figura. Mas como fosse muito pequenina, só alcançava os da prateleira de baixo. Para alcançar os da segunda tinha de trepar numa cadeira. E os da terceira e da quarta, esses ela via com os olhos e lambia com a testa. Por isso mesmo eram os que mais a interessavam. Sobretudo uns enormes (LOBATO, 2010b, p. 12).

A boneca, assim como as outras crianças do sítio, tinha uma biblioteca à sua disposição, bem como o fidalgo da Mancha, porém Emília sempre estava em busca de livros diferentes, afinal ela estava mesmo interessada nas figuras. Essas despertam seu interesse para conhecer a história que representavam. Devemos ler "essa busca de Emília como uma metáfora da procura incessante do leitor, sempre desejando livros melhores, mais desafiadores, além da sua capacidade no momento, maiores que o seu tamanho" (ACIOLI, 2012, p. 106).

Nesta procura incansável por novidades, Emília fica de olhos grandes nos livros que estão na prateleira mais alta. Ela com suas artimanhas e com uma ajudinha do Visconde consegue alcançar os livrões de Cervantes. Como já vimos, a boneca e o sabugo de milho puxam o livro grande e pesado que cai acidentalmente sobre o pobre Visconde, que fica esmagado no chão. A boneca não parece ficar muito triste em ver que o amigo estava bem achatado embaixo daquele livro colossal, quando Tia Nastácia lhe questionou sobre o que fazer com o sabugo achatado ela disse: "– Agora – respondeu a boneca – nós deixamos ele como está para ver como fica. Pedrinho logo chega e dá um arranjo. Pode ir cuidar do seu fogão" (LOBATO, 2010b, p. 14).

Sabemos que ela apenas retira o caldinho da ciência, que saiu do Sabugo, devido ao esmagamento, e o coloca em um vidrinho, pois sua ansiedade era tamanha, pois queria ver as figuras o mais rápido possível. Colocação que Lobato faz meticulosamente, mostrando que a criança é curiosa e interessada por tudo que é novo, como afirma Lobato (2010b, p. 14):

> Emília estava ansiosa por ver as figuras do *Dom Quixote*. Como fosse uma boneca sem coração, era-lhe indiferente que o Visconde ficasse por ali naquele triste estado. Além disso, tinha a certeza de que de um jeito ou de outro, Pedrinho o consertaria. Criaturas de sabugo têm essa vantagem. São consertáveis, como os relógios, as máquinas de costura e as chaleiras que ficam com buraquinhos. Mas Tia Nastácia, sempre de mãos à cintura, não tirava os olhos do pobre sabuguinho.

No entanto, a falta de compaixão que Emília demonstra para com o Visconde, que fora tão amigável, pode ser interpretada como intenção proposital do escritor, que mostra aos pequenos leitores a necessidade e a importância da leitura. Podemos aqui lembrar que, segundo Lajolo (2000), Lobato quando menino era diferente dos outros garotos, gostava de ficar lendo, enquanto os demais não davam tanta importância à leitura, preferindo brincar.

Lobato, por meio da boneca, já no início da obra faz correções ao nome de Cervantes, provavelmente como crítica à língua portuguesa, que tantas exigências fazia aos pequenos. Como já visto a pequena começou suas correções e críticas com a capa, ao que podemos interpretar que é importante iniciar a apresentação de uma obra a partir de sua capa: "– Saavedra! – Exclamou. – Para que estes dois aa aqui, se um só faz o mesmo efeito? – e, procurando um lápis, riscou o segundo a" (LOBATO, 2010b, p. 14). Para a boneca ela havia feito uma correção. Como viu dois "a" em Saavedra pensou que um "a" apenas fosse suficiente. Percebe-se que a boneca já é uma leitora, pois leu o título da obra e o nome do autor, mas conserva traços característicos da criança não alfabetizada e que acaba sendo fortemente atraída por figuras.

Sabemos que Dona Benta tornou-se a grande mediadora na apresentação da literatura para as crianças do sítio. Deste modo, Acioli (2012) afirma ser a avó a responsável pelo estímulo à leitura. A obra de Lobato tem por característica principal uma linguagem mais simples, próxima ao coloquial que facilita a compreensão do leitor infantil por meio da mediação da avó que:

> [...] Como todo e qualquer leitor competente, aliás, como todo e qualquer usuário competente da língua escrita e oral, é *poliglota*, isto é, transita com facilidade do estilo clássico para o estilo coloquial de sua plateia. Mas tem plena consciência de que ambas as modalidades são diferentes, e que sua responsabilidade, como iniciadora de jovens na prática de leitura, é levá-los até o classicismo de Castilho (LAJOLO, 1993, p. 102-103).

No entanto, Ceccantini e Valente (2017, p. 109) ressaltam: “A linguagem simples, porém, não se concretiza em texto fácil, ligeiro ou medíocre”. Assim, com destaque para a explicação de termos e palavras que eram mais usadas em Portugal, Dona Benta estava sempre lá para esclarecer as dúvidas dos pequenos. Para facilitar a compreensão das crianças, Dona Benta estabelece uma ponte entre a linguagem usada pelos “viscondes” que traduziram a obra de Cervantes e a língua falada pelas crianças no sítio. Já no início da obra podemos ver sua primeira mediação:

> Meus filhos – disse Dona Benta –, esta obra está escrita em alto estilo, rico de todas as perfeições e sutilezas de forma, razão pela qual se tornou clássica. Mas como vocês ainda não têm a necessária cultura para compreender as belezas da forma literária, em vez de ler vou contar a história com palavras minhas (LOBATO, 2010b, p. 17).

No penúltimo capítulo da adaptação, Dona Benta retoma a discussão sobre a escrita da tradução de Cervantes, quando tenta justificar a dificuldade dos pequenos:

> – É que está escrita em português que já não é bem o nosso de agora. Hoje usamos a linguagem a mais simplificada possível, como a de Machado de Assis, que é o nosso grande mestre. Os escritores portugueses, que chamamos clássicos, usavam uma forma menos singela, mais cheia de termos próprios, mais rica, mais interpolada... (LOBATO, 2010b, p. 143).

A avó volta a explicar a linguagem usada na tradução dos viscondes. Como de costume, Emília estava a questionar o fato de a avó sempre dizer que aquela tradução era ótima, pois:

> A relação de Dona Benta com a cultura é, assumidamente, uma relação mais complexa, mais aprofundada, mais antiga, e que assim se proclama sem falsos escrúpulos de um igualitarismo enganoso. O que parece sugerir que entre um iniciador de leitura e os iniciandos (ou entre um professor e seus alunos) não se deve estabelecer nenhum nivelamento por baixo (LAJOLO, 1993, p. 102).

Para a boneca aquela linguagem não tinha nada de ótimo, pois não era possível entender nem a metade do que diziam os viscondes. Na própria explicação de Dona Benta, a engenhosa Emília encontra outra palavra difícil e já berra: “Lá vem, lá vem a senhora com palavras difíceis! ‘Interpolada!...’” (LOBATO, 2010b, p. 143), mais uma palavra para a avó explicar e, desta vez, ela usa um exemplo no próprio livro de *Dom Quixote*.

Emília revela que não gosta de muitos verbos e muitas orações juntas, ela prefere períodos simples, que podem ser compreendidos sem o menor esforço, e por ser desbocada logo berra com Dona Benta que diz que a linguagem dos Viscondes é ótima: – Ótima nada! – Berrou Emília. – A gente não percebe metade do que eles dizem. “Adarga antiga!”. “Lança em cabido!”. Bolas! (LOBATO, 2010b, p. 143).

A avó, mediadora na apresentação deste clássico para os pequenos, diz ser mais difícil para eles compreenderem alguns períodos por estarem começando a lidar com a língua. Mas Emília não é apenas vaidosa, ela também é ousada e dona de suas ações. A boneca, que teve a honra de ser personagem principal em várias obras de Lobato, sentiu-se incomodada com a forma arcaica como escreviam os Viscondes e sempre tinha o que reclamar sobre a linguagem dos Viscondes que a avó sempre defendia:

> – Lá vem, lá vem a senhora com palavras difíceis! “Interpolada!...”
> Dona Benta riu-se.
> – Sabem o que é? Nada mais, nada menos que a combinação de várias orações na mesma frase. Vou dar um caso.
> Dona Benta abriu o livrão e procurou uma frase que servisse de exemplo. Achou esta, do episódio dos galeotes algemados:
> ... tamanha foi a revolta, que os guardas, já para terem mãos nos galeotes, que se estavam soltando já para se avirem com Dom Quixote que os acometia a eles, não puderam fazer coisa que proveitosa lhes fosse.
> – Que embrulho! – Berrou Emília. – Que “interpolação” levada da breca...
> Dona Benta explicou:
> – Neste período há muitos verbos e, portanto, muitas orações, umas interpoladas com as outras, isto é, metidas entre as outras.
> – Um picadinho de orações, uma salada – disse Emília. – Eu gosto dos períodos simples, que a gente engole e entende sem o menor esforço. Esses assim até dão dor de cabeça. São charadas (LOBATO, 2010b, p. 143-144).

Mas as crianças afirmam que a interpolação dá dor de cabeça. Pedrinho afirma: “– Eu poderei admirar muito os escritores clássicos; mas, para ler, quero os modernos, como esse tal Machado de Assis que a senhora tanto gaba” (LOBATO, 2010b).

A descoberta feita pela boneca na biblioteca aguça a curiosidade das outras crianças do sítio, que como já vimos pedem, insistentemente, que a avozinha o leia para elas naquela mesma noite. Assim, “paralelamente à narração de Dona Benta, desenvolve-se a história de sua recepção por parte dos ouvintes” (PRADO, 2009, p. 326), e as aventuras de Dom Quixote acontecem em paralelo com as peripécias dos leitores/ouvintes tudo em perfeita harmonia.

O livro era muito grande e muito pesado. Naquela época, os livros eram poucos e o acesso a eles não era fácil. Não havia como recusar tamanha insistência, então Dona Benta começou apresentando, às crianças do sítio, os tradutores da obra. Por ser uma edição rara e preciosa, editada em Portugal há muito tempo, pelos viscondes, os maiores escritores da língua portuguesa, este não foi bem compreendido de início pelas crianças que estavam habituadas a uma linguagem mais simples. O Visconde de Castilho é citado como referência pela avó:

> – O Visconde de Castilho foi dos maiores escritores da língua portuguesa. É considerado um dos clássicos, isto é, um dos que escreveram em estilo mais perfeito. Quem quiser saber o português a fundo, deve lê-lo – e também Herculano, Camilo e outros (LOBATO, 2010b, p. 16).

Podemos constatar, a partir desta fala de Dona Benta, que saber falar e escrever em estilo perfeito tem suma importância. Ressalta que esta obra é um clássico e está escrita em estilo primoroso. A avó sempre lembra a importância da leitura do clássico, quando o leitor não tem conhecimento suficiente para compreendê-lo na íntegra ele pode e deve ser adaptado para a criança, como o faz Lobato com a obra de Cervantes. Esta obra evidencia a necessidade da mediação e adaptação na apresentação dos clássicos para crianças, trabalho desempenhado com maestria por Dona Benta.

A língua sempre foi motivo de crítica para Lobato, que, pela voz de Emília, afirma ser inimigo da tal ortografia que ela chama de “velha coroca”, e ainda a julga servir apenas para complicar a vida das pessoas com coisas vãs (LOBATO, 2010b). Emília, que não estava interessada em língua de visconde nenhum, parabeniza a atitude sábia de Dona Benta, quando fala pelas outras crianças que também não compreendiam a língua escrita naquela tradução da obra-prima de Cervantes:

> – Isso! – Berrou Emília. – Com palavras suas e de Tia Nastácia e minhas também – e de Pedrinho – e de Rabicó. Os viscondes que falem arrevesado lá entre eles. Nós, que não somos viscondes nem viscondessas,

> queremos estilo clara de ovo, bem transparentinho, que não dê trabalho para ser entendido. Comece. (LOBATO, 2010b, p. 17).

A boneca expressa a necessidade de toda criança que ainda não compreende a forma literária que encontra nos livros clássicos. Nem toda criança fala o que lhe incomoda, como Emília, podendo deixar de compreender melhor aquilo que lê ou que ouve. Portanto, a mediação de Dona Benta torna-se imprescindível para que seus netos compreendam a história do engenhoso fidalgo. Um clássico como *Dom Quixote de La Mancha*, sem a devida mediação da avó, não faria muito sentido para elas, uma vez que estas necessitam que a leitura seja "estilo clara de ovo", para que compreendam sem grandes dificuldades. Lobato foi meticuloso ao trazer o clássico de Cervantes em forma de uma contação de história feita por uma avó culta e conhecedora de diversos saberes.

No decorrer da história contada por Dona Benta surgem dúvidas, questionamentos e algumas inquietações, que não deixam de ser sanadas pela avó no mesmo instante. Por ser conhecedora da forma literária e de tudo que ela pode oferecer e proporcionar ao leitor, durante a narrativa D. Benta vai explicando fatos que acredita serem pertinentes de uma elucidação mais detalhada. Nesse sentido, apresenta aos netos novas leituras como *Carlos Magno e os doze pares da França* e *Orlando o furioso,* como forma de compreender melhor alguns pontos na história do fidalgo e como incentivo a leituras futuras.

Esse trabalho de incentivo fica evidente em várias obras de Lobato, estratégia muito bem pensada pelo escritor, que, além de criar e adaptar excelentes clássicos para crianças, também auxilia na indicação de leituras posteriores ou para que possam conhecer mais sobre determinado assunto, o que pode contagiar seus leitores (LAJOLO, 1993).

A história contada por Dona Benta não prima pela alusão ao amor entre o protagonista e a sua amada, pois não há muitas menções ao relacionamento entre Dulcineia e Dom Quixote. Lobato adaptou o clássico de tal forma que a criança pensasse mais na aventura, no herói, em como foi corajoso ou louco aquele fidalgo. Prado (2009) ressalta que o escritor brasileiro quase elimina a presença ou a relação amorosa do fidalgo. Os episódios curtos, que acabam por terminar em si mesmos, configuram-se como uma estratégia para difundir a adaptação e despertar o interesse do leitor, uma vez que o mesmo não se prende a episódios longos.

Ele também produziu piadas sobre as paródias que Cervantes escreveu das novelas de Cavalaria. Uma das troças se dá pela voz de Emília ao comparar o cavaleiro com um pinto doente, no qual tia Nastácia teve que enfiar comida goela abaixo, assim como fizeram com o cavaleiro quando ficou com o elmo preso em sua cabeça. Ele soube apresentar o clássico pela voz de Dona Benta de forma clara, transparente, de fácil compreensão por parte da criança, leitora sábia e particularmente na medida, sempre seduzindo e colocando-os no caminho da leitura. Nessa adaptação, o ato de ler aproxima-se ao do ouvir, bem como a ação de divertir e identificar-se, sendo estas ações possíveis por meio da mediação de Dona Benta (PRADO, 2009).

Com todo seu conhecimento, ele foi categórico em recomendar a leitura dos textos originais, para que o leitor tivesse impressões próprias e, posteriormente, pudesse fazer suas próprias críticas. Tudo isso fica evidente, quando a avó que está no papel de mediadora, diz:

> – É uma lástima – disse Dona Benta – eu estar contando só a parte aventuresca da história do cavaleiro da Mancha. Um dia, quando vocês crescerem e tiverem a inteligência mais aberta pela cultura, havemos de ler a obra inteira nesta tradução dos dois viscondes, que é ótima (LOBATO, 2010b, p. 143).

Ideia também reforçada por Lajolo (1993), que afirma não faltar à adaptação de Lobato a ideia de que ouvir uma história não é a mesma coisa que ler a obra na íntegra. Na adaptação o escritor demonstra a importância da mediação de Dona Benta, que está sempre alertando os netos para a importância da leitura dos originais e das diferenças que se pode encontrar nas adaptações, por isso a avó sempre recomenda que os netos leiam a obra na íntegra quando tiverem maturidade.

Durante os serões, enquanto Dona Benta conta a história do cavaleiro da Mancha, também acontecem as aventuras dos personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Não menos interessante que a história de Dom Quixote, pois as aventuras dessa turma acabam por acrescentar diversão e conteúdo às do Fidalgo. Monteiro Lobato soube usar homeopaticamente sua didática na obra, que discute muito mais que os devaneios de um cavaleiro andante, que sai em batalha com gigantes imaginários e contra as injustiças cometidas contra os indefesos.

No capítulo IV, nomeado *Terrível combate*, o protagonista que fora armado cavaleiro recentemente está cheio de vontade de exercer sua nobre profissão. Emília, como de costume, já indagou: “Dom Quixote já não estava armado?”. E antes de continuar Dona Benta explicou: “Ser ‘armado cavaleiro’ é coisa diferente de um cavaleiro armar-se com armaduras e armas. Ser armado cavaleiro é receber o grau de cavaleiro andante, dado por outro cavaleiro” (LOBATO, 2010b, p. 21). Assim, acatar “aos apelos pela comunicabilidade não faz com que Dona Benta – e através dela Lobato – deixe de conceber a leitura do livro como oportunidade para ampliar o universo cultural de seus ouvintes” (LAJOLO, 1993, p. 99).

Sendo assim, o herói viu-se pronto para salvar o primeiro injustiçado da história. Como visto, Dona Benta narra no início de suas ações que após ser consagrado cavaleiro saiu em socorro a um menino que estava apanhando de seu patrão. A seu modo ele o fez, mas quando Dom Quixote foi embora o patrão bateu o dobro no menino. A narração desta cena deixa todos revoltados e Emília, Pedrinho e Narizinho logo manifestam suas opiniões.

Do mesmo modo que Dom Quixote sentiu necessidade de acudir aos berros de dor de uma criatura humana, que vinham de um bosque próximo, as crianças também se compadeceram do pobre menino e sentiram muita raiva do patrão dele. Assim, a ficção seduz e permite que seus leitores vivam vidas alheias (LAJOLO, 1993), afinal a ficção sugere “uma visão de mundo que ocupa as lacunas resultantes de sua restrita experiência existencial, através de sua linguagem simbólica” (ZILBERMAN, 2003, p. 27).

Esta cena deixa Emília muito tocada. No dia seguinte ela conta que sonhou com o homem que espancava André: ele aparecia no sítio perdido e a boneca, muito esperta, resolve dar uma boa lição nele com a ajuda do rinoceronte Quindim. “Emília, no desejo de fazer justiça, constrói uma história dentro da história, onde pode atuar do jeito que acha mais correto” (ACIOLI, 2012, p. 122) e assim pôde fazer a justiça que o menino não teve.

Parte dessa interferência na vida das crianças do sítio se deve à narração envolvente de Dona Benta, que amarra o leitor, (LAJOLO, 1999). Assim como Dom Quixote sentiu-se tocado por aquela injustiça, as crianças do sítio louvaram a ação do cavaleiro e sentiram emoções despertadas pelo episódio. A narradora, como em outras obras de Lobato, soube envolver sua plateia, cativando as crianças e fazendo com que compreendessem de fato a história, e essa compreensão culmina na leitura

do mundo. Em meio a tantas aventuras, até o Visconde, esmagado no início da narrativa, acabou sendo consertado por Tia Nastácia e como Emília guardou o caldinho da ciência ele voltou a ser sábio como antes.

Durante as andanças de Dom Quixote e Sancho Pança, acontecem muitas conversas e discordâncias entre eles, tudo sempre resolvido com mais conversas, apesar de o cavaleiro estar sempre pronto para uma luta. Sancho mostra-se como a consciência de Dom Quixote, e durante a história ele também acaba acometido por devaneios como seu amo. Sancho estava sempre interessado em obter lucros nessas viagens ao lado do cavaleiro. E mesmo quando aparentava mostrar algum sentimento além do materialismo sempre surpreendia com seu desejo de riqueza.

> Cavalgaram os dois e tomaram o rumo dos bosques da Serra Morena, por entre os quais se meteram. Ao cair da tarde sentaram-se à sombra de uma árvore para reconfortar o estômago com o que ainda havia de comer; depois dormiram.
> Gines de Passamonte, passando casualmente por ali, viu o burro de Sancho e o furtou. Quando ao acordar o pobre escudeiro percebeu a maroteira, entrou na maior lamúria e choro da sua vida, coisa de comover as próprias pedras.
> – "Ó filho querido, meu burrinho amado, nascido em minha casa, brinquedo de meus filhos, encanto de minha mulher, inveja de meus vizinhos, alívio de meus trabalhos! Ó meu burrinho do coração! Perdi-te para sempre e isso me matará de dor...".
> Dom Quixote quis consolá-lo e o único jeito foi prometer-lhe três burrinhos, dos seis que ele possuía na aldeia. Era negócio. Sancho enxugou as lágrimas (LOBATO, 2010b, p. 83).

Sancho, o escudeiro, que nada leu sobre cavalaria e sempre esteve ligado aos afazeres do campo, consegue dialogar com Dom Quixote e muitas vezes consegue fazer com que o amo reflita sobre suas ações. Ainda que consiga coordenar algumas ações do cavaleiro, o escudeiro não deixa de pensar nas recompensas que pode ganhar ao lado do cavaleiro.

Depois de algumas andanças cheias de aventura, Dom Quixote volta para casa, pois não havia saído a correr mundo sem nenhum dinheiro. Momento em que a sobrinha e a ama do fidalgo confirmam que ele chegava a passar dois dias seguidos agarrado a seus livros de cavalaria. Ambas se culpavam por terem deixado-o passar tanto tempo em sua biblioteca, com seus livros de cavalaria que lhe viraram a cabeça.

A história continua com a ama e a sobrinha culpando os livros pelas andanças e aventuras de Dom Quixote. Como não faltavam testemunhas para este fato, a sobrinha do cavaleiro confirma que o tio passava até 48 horas contínuas

lendo seus livros de cavalaria. Quando parava de ler, levantava-se, pegava sua espada e saía a desferir golpes contra as paredes, que ele pensava ser torres e gigantes. Em meio ao combate ele bebia um copo de água dizendo ser um precioso elixir que acreditava existir, pois esse poderoso elemento foi muito importante para o cavaleiro de um de seus romances de cavalaria.

Não apenas a ama e a sobrinha de Dom Quixote culpavam os livros pelas ações desempenhadas pelo cavaleiro. O cura também dizia: “Fizemos mal em deixá-lo entregar-se de corpo e alma a tais livros” (LOBATO, 2010b, p. 33). Os livros representavam uma ameaça, pois mudaram o pensamento de um fidalgo que havia se entregado de corpo e alma à leitura.

A linguagem usada por Emília e Sancho é alvo de discussões e Lobato aproveitou devidamente para trabalhar essa questão. A fala coloquial cabe em grande parte a Emília, que sempre tem uma palavra “plebeia” para soltar (ACIOLI, 2012). Desde o início da adaptação, a linguagem usada pelos Viscondes gera discussões. Posteriormente, a linguagem usada por Emília e Sancho é alvo de repreensão por parte de Dona Benta e Dom Quixote. Ambos criticam o uso das palavras plebeias que Emília e Sancho tanto apreciam. Conforme Acioli (2012), todos no sítio sabem que Lobato escreve sobre eles e que as professoras também leem as narrativas de Lobato. Por isso, Dona Benta faz questão de lembrar à boneca que as mestras criticam a maneira dela falar, e explica para a boneca que ela pode ser mais sutil:

> – Lá vem você com as palavras plebeias! Muitas professoras, Emília, criticam esse seu modo desbocado de falar. “Besteira!”. Isso não é palavra que uma bonequinha educada pronuncie. Use expressão mais culta. Diga, por exemplo, “tolice”.
> – E não é a mesma coisa?
> – É, mas não ofende o ouvido das pessoas finas. Neste ponto eu estou de pleno acordo com os conselhos que Dom Quixote deu a Sancho antes de ele assumir o governo da ilha (LOBATO, 2010b, p. 133).

Mesmo com a justificativa da boneca, a sensata senhora replica afirmando que palavras rudes ofendem o ouvido de pessoas finas. O mesmo acontece com Dom Quixote e Sancho, quando o escudeiro recebe a tão sonhada ilha para governar. Então Lobato ressalta, nas duas histórias, a relevância do uso da linguagem formal. O sábio fidalgo dá valorosos conselhos ao escudeiro, entre eles adverte Sancho: “Deves falar com sobriedade, nem de mais, nem de menos; e

prestar muita atenção no que dizes, nunca usando palavras grosseiras e plebeias" (LOBATO, 2010b, p. 134).

Os conselhos do fidalgo são pensados de duas formas: uma visando melhorar as maneiras daquele homem rude; outra visando dar aos súditos da ilha de Barataria um governante justo e sábio. Quanto ao uso de palavras plebeias e comportamentos inadequados, Dom Quixote sempre ficava chocado, como aconteceu quando se encontrou com duas mulheres do povo, que riram como costumam rir-se duas vagabundas e isso o deixou muito aborrecido. O fidalgo, mesmo correndo mundo e desferindo golpes contra moinhos de vento, não deixou de fazer bom uso da gramática e dos bons costumes. Prado (2009) esclarece que o trabalho com a linguagem é o ponto de partida para a adaptação de textos a serem apresentados às crianças. Assim sendo, são repetidas as discussões e reflexões com relação à linguagem, e isso acontece entre os personagens de Cervantes e de Lobato.

Para Dom Quixote, saber comportar-se, falar corretamente e ter sabedoria deviam ser qualidades inerentes a todo governante, bem como dirigir a si mesmo, pois quem não pode governar a si mesmo, nunca poderá conduzir nada. Ceccantini e Valente (2017, p. 107) asseveram a necessidade que Dom Quixote tem de apregoar a todos – em especial a Sancho – "a necessidade das virtudes e do combate aos vícios". Essa necessidade latente no fidalgo o faz dar muitas instruções ao seu fiel escudeiro, para que ele pudesse ser um bom governador, afinal o cavaleiro da triste figura tem consciência de que administrar é ocupação complexa e arrasta consigo uma criteriosa responsabilidade ética, por isso tenta ajudar Sancho.

O cavaleiro e seu escudeiro viveram muitas aventuras, travaram intensos diálogos durante suas andanças. Ele enfrentou leões, feiticeiros e magos, mas não pôde vencer a morte. A morte do cavaleiro foi sentida pelos leitores/ouvintes, que viram nela uma injustiça da parte dos próprios amigos de Dom Quixote. Morreu de tristeza o engenhoso fidalgo, logo depois de distribuir seus bens que também contemplaram o amigo Sancho, companheiro de aventuras. A comoção foi grande entre aqueles que estavam ao lado de Dom Quixote, e o bacharel Carrasco compôs em homenagem ao amigo alguns versos:

Aqui jaz o fidalgo raro
Que a tanto extremo chegou
De valente, que o preclaro

Seu nome eterno ficou (LOBATO, 2010b, p. 151).

Responsabilidade moral e justiça são elementos que permeiam a história de Dom Quixote do início ao fim, valores muito bem trabalhados por Lobato, para serem facilmente compreendidos pelas crianças. Dona Benta é apresentada "como leitora que se torna narradora-adaptadora, mediando as leituras de seus netos e, por extensão, dos leitores em geral" (PRADO, 2009, p. 331). O Sítio do Picapau Amarelo é o cenário perfeito: nos serões de Dona Benta, os personagens ganham vida, tudo acontece e os pequenos leitores/ouvintes sempre experimentam suas leituras. A leitura é vivenciada pelas crianças do Sítio, que conhecem do justiceiro Dom Quixote ao guerreiro Hércules, e todos os personagens que passam por lá acabam deixando sua marca.

E Dom Quixote cala fundo nesses leitores, especialmente em Emília, que, depois dessa leitura mostra-se diferente/modificada. Isso pode ser percebido pelo fato de em outras obras de Lobato, a boneca citar Dom Quixote. A leitura modificou os sentimentos da boneca que teve oportunidade, em obras posteriores, de declarar sua admiração pelo cavaleiro (ACIOLI, 2012).

Dona Benta em seus serões, adaptando clássicos ou contando histórias diversas, esclarece os pequenos, dá uma verdadeira aula sobre os mais variados assuntos, que passavam de valores e justiça a poços de petróleo. Dessa forma, as adaptações à moda de Dona Benta enriquecem o universo de seus leitores:

> Assim, nesse D. Quixote das crianças, o leitor encontra material bastante rico para reflexão sobre questões de leitura, de leitura dos clássicos, da adequabilidade de certas linguagens a certos públicos, do papel a ser representado pelo adulto responsável pela iniciação dos jovens na leitura e mais miudezas (ZILBERMAN; SILVA, 1990, p. 103).

A necessidade do mediador na apresentação de um clássico é fundamental para incentivar a criança ao gosto pela leitura dos clássicos. E assim a avó, em uma época que famílias e escolas não dispunham dos inúmeros recursos dos dias atuais, oferece aos leitores/ouvintes toda estrutura necessária para um futuro conhecimento de mundo e para discutir questões atuais. Lobato soube aplicar todo seu conhecimento e sua pedagogia para ensinar, encantar e divertir as crianças de ontem e de hoje.

A adaptação de Lobato, assim como o original de Cervantes, abre espaço para muitas reflexões e formas de entender o mundo, bem como a meditação sobre

a loucura. “A discussão sobre a loucura é um dos pontos centrais da obra de Cervantes” (ACIOLI, 2012, p. 133), elemento que não passa despercebido na adaptação de Lobato. Nesse sentido temos muitas discussões que começam a partir da história de Dom Quixote, e a loucura acaba sendo assim centro de muitas reflexões entre os leitores do Sítio do Picapau Amarelo.

De acordo com Ceccantini e Valente (2017), não devemos esquecer que a loucura dialoga com a imaginação, sustentando um mundo da fantasia em que a justiça pode ser alcançada. Essa discussão sobre a loucura tem início no segundo capítulo, quando Dona Benta está comentando os romances de cavalaria. Sobre a criação da obra original, a experiente narradora relata:

> Dom Quixote não é somente o tipo do maníaco, do louco. É o tipo do sonhador, do homem que vê as coisas erradas, ou que não existem. É também o tipo de homem generoso, leal, honesto, que quer o bem da humanidade, que vinga os fracos e inocentes – e acaba sempre levando na cabeça, porque a humanidade, que é ruim inteirada, não compreende certas generosidades (LOBATO, 2010b, p. 19).

Pode ser visto, nessa descrição, que a avó oferece aos netos uma explicação para as ações do cavaleiro, que serão contadas na sequência de mais uma elucidação feita por Dona Benta. Ela ainda esclarece aos pequenos o motivo que levou o fidalgo a sair correndo o mundo como cavaleiro andante:

> De tanto ler aqueles livros de cavalaria, o pobre fidalgo da Mancha fiou com o miolo mole; entendeu de virar também cavaleiro andante e sair com a velha armadura herdada de seus avós, mais a lança e o escudo, a correr mundo atrás de aventuras, isto é, atrás de outros cavaleiros andantes com quem se bater, e de maus a quem castigar. No delírio do seu sonho imaginava até a conquista de um grande reino lá do Oriente (LOBATO, 2010b, p. 19).

Toda loucura do fidalgo se inicia com os livros de cavalaria, suas leituras fazem com que seu senso de justiça fale mais alto e de tanto ler e se imaginar como um cavaleiro ele acaba saindo pelo mundo como faziam os cavaleiros. E as aventuras do cavaleiro da triste figura se iniciam cheias de atos que podem ser interpretados como loucura, mas para ele era uma luta pela justiça.

A loucura de Dom Quixote está sempre em discussão por parte dos leitores/ouvintes do sítio, sendo motivo e desculpa até para as artes da tagarela Emília. Dizia ela: “Dom Quixote tinha a bola virada; era, pois, natural que visse fantasmas e gigantes de todos os lados” (LOBATO, 2010b, p. 42). Até o Visconde,

quando foi recuperado por Tia Nastácia e voltou a ouvir a história contada por Dona Benta, fica apreensivo e pergunta: “– Quem é esse doido?” (LOBATO, 2010b, p. 57). Emília prontamente responde que ele foi o culpado pelo achatamento do sabugo.

Em capítulos posteriores, quando a boneca já conhecia a história do cavaleiro da Mancha, para safar-se da culpa de ter deixado o Visconde esmagado embaixo do enorme livro de Cervantes, ela volta a dizer: “Ora, Dom Quixote não é certo da bola” (LOBATO, 2010b, p. 53), culpando o cavaleiro de ter atacado o Visconde. Para a boneca, o cavaleiro andante estava dormindo dentro do livro e o Visconde veio com uma alavanca e uma escada, fazendo com que ele acordasse e, assustado, confundisse o sabugo com um de seus inimigos, por isso o atacou deixando-o esmagado. Neste sentido, Valente (2011) afirma que Lobato aponta uma relatividade não explícita no texto, mas mesmo assim importante para a relação entre ficção e realidade. A adaptação mostra uma maneira de entender a vida por meio da ficção, os sentidos que damos à vida, às verdades, às maneiras de abordar a sanidade e a loucura e muitas formas de entender o mundo, por meio da ficção com certa dose de sátira. Em vista disso, Lobato apresenta uma visão emancipadora para o leitor mirim (ZILBERMAN, 2003). A ficção propicia elementos para emancipação e auxilia a criança na percepção dos temas do mundo do adulto.

Emília experimenta de fato a leitura: todos juram que ela ficou louca como Dom Quixote. Ela veste-se como uma cavaleira andante e vai para o quintal avançar contra as galinhas, fazendo os animais fugirem gritando apavorados. Nem Dona Benta consegue fazê-la parar e a solução, apoiada por todos, foi prender a boneca como fizeram com o cavaleiro. E assim o fez Tia Nastácia, que a prendeu na gaiola de um sabiá que morreu. Emília ficou furiosa, queria vingar-se, queria até queimar o livro de Cervantes como acontece na história do fidalgo. Porém, ela foi mais atrevida dizendo que queria queimar o sítio todo. Berrando ela retrucava a Dona Benta:

> – Lê nos livros nada! – Gritou Emília lá de sua gaiola. – Tudo isso são potocas. Camelo quem acredita. Quando sair desta gaiola hei de botar fogo nesse *Dom Quixote*, como o cura botou fogo nos livros dele. E boto fogo na casa também. No sítio inteiro. No mundo inteiro...
> Todos ficaram a olhar para a bonequinha, sem saberem o que dizer. O estado de Emília era grave. Não se tratava mais daquela loucurinha divertida que ela sempre mostrou. Emília estava realmente louca, louca furiosa, varridíssima (LOBATO, 2010b, p. 127).

Narizinho também é tocada pela loucura do cavaleiro: “– Coitado! – Exclamou Narizinho nesse ponto. – Cada vez fico mais penalizada da loucura do

pobre Dom Quixote. Um homem tão bom, de tão nobre sentimento, a servir de peteca a esses bobos todos" (LOBATO, 2010b, p. 90). Nesse sentido, Lajolo (1993) afirma que a vivência da leitura – ou seja, a experiência de viver vidas alheias por meio da leitura – é uma promessa sedutora e irresistível da leitura de ficção – os episódios em que as crianças experienciam as ações do cavaleiro, no entanto não deixam de perceber a realidade.

No meio da história de Cervantes, Dona Benta narra o episódio em que Dom Quixote dá muitas cambotas e Narizinho acha muito engraçado. Dona Benta advertiu a menina que quando ela fosse grande e pudesse ler a obra original veria como é engraçado e triste. "A loucura é a coisa mais triste que há", disse a avó para a menina, mas uma tagarela lhe retruca:

> – Eu não acho – disse Emília. – Acho-a até bem divertida. E, depois, ainda não consegui distinguir o que é loucura do que não é. Por mais que pense e repense, não consigo diferençar quem é louco de quem não é. Eu, por exemplo, sou ou não sou louca!!
> – Louca você não é, Emília – respondeu Dona Benta. – Você é louquinha, o que faz muita diferença. Ser louca é um perigo para a sociedade; daí os hospícios onde se encerram os loucos. Mas ser louquinha até tem graça. Todas as crianças do Brasil gostam de você justamente por esse motivo – por ser louquinha (LOBATO, 2010b, p. 86).

Como solução para curar a boneca, Dona Benta sugere tratá-la com humanidade. Dizia a sábia avó que violência nunca foi remédio. O tratamento humanístico então dá resultado e a boneca volta a si (LOBATO, 2010b). Fica evidente aqui que, para Lobato, a loucura pode ser tratada com atos de humanidade. E o tratamento proposto por Dona Benta funciona, pois quando tratada com humanidade Emília melhora.

Desse modo, a boneca ratifica o exposto em capítulos posteriores, afirmando que as pessoas chamam de louco todos que querem acabar com as injustiças do mundo. Logo, Dom Quixote, um justiceiro, não seria um louco. Ela diz que não acha que isso seja loucura, posto que considera toda essa busca pela justiça uma revolta contra as besteiras que existem no mundo (LOBATO, 2010b).

O fidalgo, que tantas aventuras vivenciou, que tanto ensinou por meio de suas conversas com Sancho, que tantas reflexões gerou na mente de seus leitores chega ao fim. E pelo fato do adulto pensar que a morte não faz parte da vida e acreditando que a criança nunca vai se defrontar com ela, ainda é um assunto tímido nos textos para infância (ABRAMOVICH, 1997). E, sendo a morte tema pouco

explorado nos textos infantis, Lobato trata cuidadosamente dele no capítulo final de sua obra.

O último combate travado contra o Cavaleiro da Branca Lua foi a ruína do Cavaleiro da Triste Figura, que se sentiu derrotado não apenas em combate, mas destruído pela derrota moral. “De sua cabeça não saía, nem por um momento, a lembrança da fatal derrota. E de tento mói e remói, adoeceu” (LOBATO, 2010b, p. 148). Assim, depois de vencido, ele se vê obrigado a retornar ao povoado e a abandonar a vida de cavaleiro andante, o que transforma a sua realidade e o seu estado mental, saindo da loucura e voltando à sanidade. Essas mudanças vêm a significar que suas lutas foram vãs, todo seu esforço e desejo de fazer justiça não tiveram sentido. De tanto remoer sua derrota adoece, o que o leva à morte. Enfim, estava ele lúcido em sua morte, não acreditava mais na luta pela justiça sob os valores da cavalaria.

Mais uma vez Narizinho sente que Dom Quixote está sendo vítima daqueles por quem ele tinha muita consideração. A menina mostra-se compadecida da dor e da tristeza do pobre homem ao exclamar: “– Coitado de Dom Quixote!”. E complementa a frase: “– Esse tal Cavaleiro da Branca Lua não passava de um grande malvado. E o duque e todos os seus amigos não passavam de uns perversos sem coração” (LOBATO, 2010b, p. 149). A menina não aprovava a maneira como todos se organizaram para acabar com os devaneios do fidalgo.

Na sequência, Emília desbocada e muito inteligente com seu pensamento livre, se põe a questionar a resposta de Dona Benta a Narizinho:

> – Realmente, minha filha, dói-nos assistir ao fim do famoso cavaleiro da Mancha, sobretudo quando lhe lemos a história completa, do modo pelo qual Cervantes a escreveu. Mas tudo na vida tem de ter um fim. Cervantes não podia conservar Dom Quixote vivo a vida inteira.
> – Por que não? – Objetou Emília. – Eu, se fosse o Saavedra com dois *aa,* não o mataria nunca. Deixá-lo-ia como uma espécie de judeu errante – eternamente vivo. Para que matá-lo? Para que deixá-lo morrer? Não acho graça nenhuma nisso...
> – É que nós morremos, Emília. Não tinha propósito Cervantes não pôr termo à vida do seu personagem.
> – Tinha sim – insistiu Emília. – O fato de toda gente morrer não é razão para que ele morresse. Podia ficar para semente, como o judeu errante. Ser uma exceção. A senhora não diz que todas as regras têm sua exceção?
> – Mas as leis da natureza não têm exceção Emília – e morrer é uma lei da natureza.
> – Bolas para a natureza! – Gritou a boneca. – Para mim Dom Quixote não há de morrer. Não quero ouvir o resto da história. Até logo. Vou brincar com o Quindim e levo Dom Quixote bem vivinho dentro da minha cabeça. Não sou urubu. Não gosto de carniça. Até logo! – E saiu da sala correndo.
> Dona Benta ficou uns instantes pensativa (LOBATO, 2010b, p. 149).

A experiente e sábia avó demonstra em sua fala que a morte do personagem cervantino entristece seus leitores. E diante dessa cena, percebe-se que Lobato soube dosar a morte homeopaticamente para o entendimento da criança, como encerramento do último capítulo de sua adaptação.

Emília, leitora e apreciadora de figuras não aceita a morte. Ela é decidida, por isso não consegue se calar diante do que julga ser tamanha injustiça. A boneca vê no personagem de Cervantes um modelo a seguir, portanto gostaria que ele ficasse para semente ou mesmo que ficasse vagando como o judeu errante que ela cita duas vezes. Esperta como poucos, a boneca pode ter entendido que o fidalgo Quijana se foi e nasceu então Dom Quixote de La Mancha. Não haveria necessidade de o cavaleiro morrer, poderia continuar vivo de outra forma, afinal, ele já renasceu nessa mesma história. Vendo a tristeza do cavaleiro errante e daqueles que o cercam, é compreensível a reação da boneca bem como seu desejo de que o herói tivesse uma nova chance.

Essa passagem é seguida por Narizinho tentando contar a Emília a morte de Dom Quixote, mas a boneca tapava os ouvidos e dizia: "– Morreu, nada! – Dizia ela. – Como morreu, se Dom Quixote é imortal? (LOBATO, 2010b, p. 151). E sempre que ouvia a boneca fazer esse questionamento Dona Benta ficava pensativa. E por trás dessa questão, tão a "cara" da Emília, temos um grande escritor colocando sua posição em relação ao clássico, problematizando para seus leitores se um paladino como Dom Quixote morre. Prado (2009, p. 338) assevera que: "Lobato assimila, como leitor apaixonado e profissional, as marcas fundamentais do texto clássico, recriando-o nesse volume de sua vasta obra".

Emília, durante a narrativa, avisa que o cavaleiro repousava dentro do livro e, se fosse pego, folheado e lido com calma, o cavaleiro renasceria a cada leitura. Para Acioli (2012), tocar no livro é dar vida aos personagens, quando estão guardados em uma estante dormem à espera de um leitor que os liberte ao ler cautelosamente sua história. Esse pode ser mais um dos motivos pelos quais Emília não aceita que o cavaleiro da Mancha pode morrer.

As falas da sobrinha e da ama do cavaleiro da Mancha apontam uma reflexão sobre a influência da leitura na vida do leitor. A partir do diálogo entre essas personagens de Cervantes fica evidente que ambas viam a leitura como influenciadora dos devaneios de Dom Quixote e sabiamente Lobato está sempre

evidenciando esse fato em sua obra. Ele faz colocações em sua adaptação como loucura, morte e influência da leitura de forma tênue, reforçando ideologias da obra cervantina por meio de seus personagens. Essa estratégia do escritor brasileiro auxilia os leitores infantis a compreenderem melhor a organização da sociedade e os valores fundamentais para se construir um mundo mais justo, como indica o cavaleiro da Mancha.

A leitura no sítio era atividade cotidiana, pois todos sentiam prazer em ler e buscavam ler em diferentes momentos. Assim como Cervantes, Lobato também está sempre preocupado em oferecer boas leituras a seus leitores, incluindo seus leitores-personagens, afinal acredita-se que para ele: “o livro era a chave de tudo”. Também, Dona Benta está sempre incentivando a leitura, mas Emília é aventureira e curiosa, por isso sai à procura de livros diferentes na biblioteca de Dona Benta e lá encontra Dom Quixote e logo quer ler ou ver as figuras. Na adaptação, assim como na obra original, “o livro, visto como objeto, é alvo de interesse” (PRADO, 2009, p. 333) e ambos os personagens aparecem cercados de livros. Para a geniosa boneca, o personagem “tem o poder de interferir materialmente no universo do leitor” (ACIOLI, 2012, p. 129), e a boneca garante que essa materialidade se efetivou.

Esse interesse que as crianças têm por livros e a influência dessas leituras na vida dos leitores também podem ser percebidos quando Pedrinho confessa ter lido *Carlos Magno e os doze pares da França* e acabou se convencendo de que era um personagem do livro, atacando o milharal. De acordo com as cartas que estão na obra *A Barca de Gleyre* (LOBATO, 2010a), a leitura transformou a vida do escritor que, por sua vez, usou metáforas e enredos em sua adaptação para mostrar que os “personagens e os enredos podem interferir diretamente na vida do leitor” (ACIOLI, 2012, p. 129).

É necessário “permitir que a experiência do texto adentre os nossos horizontes de expectativa, operem mudanças, grandes ou pequenas” como assevera Acioli (2012, p. 150). Assim seremos leitores mudando o mundo para melhor e ainda de acordo com a autora podemos afirmar que só a leitura tem tamanho poder modificador. Lajolo (1993), incansavelmente tem postulado que ler é essencial, que a leitura literária é fundamental e, portanto, deve ser atividade privilegiada para que ela possa calar fundo em seus leitores como aconteceu com Emília.

Tendo em vista os aspectos observados, conclui-se que a adaptação lobatiana tem grande relevância enquanto texto literário que incentiva a formação de jovens leitores. Dessa forma, Lobato vem a ser o elemento que desencadeia a elaboração do produto educacional apresentado a seguir. Sendo assim, o texto literário passa a ser elemento que possibilita a defesa do que foi afirmado quanto à relevância das adaptações feitas pelo escritor para formação de leitores.

3 *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS* FORMANDO LEITORES NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Formar leitores de textos literários não é tarefa fácil. Em uma sociedade que evolui aceleradamente essa tarefa passou a ser incumbência da escola, sob a responsabilidade de professores envolvidos com a formação humana. No entanto, enquanto educadores permanecemos sempre na busca incansável de metodologias para que possamos formar leitores perenes. Nessa busca desenfreada, nos vemos diante da necessidade de seguir por novas veredas e trabalhar o texto literário de forma sutil.

Diante da necessidade de incentivar a criança a ser um leitor, cabe mais uma vez lembrar que o texto literário forma, transforma e a literatura educa, como afirma Zilberman (1990). Toda vez que um educador pensar em apresentar um livro para seus alunos, deve considerar formar, transformar e educá-los, mas para que isso tudo aconteça deve-se levar em conta as experiências literárias que o professor traz consigo. Abramovich (1997, p. 14) afirma que:

> Ler, para mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso!

Para todos aqueles que leem desde a infância, a afirmação de Abramovich é verídica. Enquanto mediador de leitura, é necessário que todo professor deixe em cada aluno que passe por suas aulas uma experiência similar como a descrita por Abramovich (1997). O desejo por uma leitura literária deve ser incentivado, nutrido e cultivado a partir da infância para que possa evoluir no futuro e dê fruto como resultado. Como o leitor precisa ser incentivado, pois não nasce pronto “é nesse momento que o papel do professor se torna primordial porque irá agir como mediador” (SILVA; BALSAN, 2013, p. 87), podendo optar pelo uso de atividades em sua rotina de leitura, oferecendo a seus alunos oportunidades para que eles desenvolvam com o passar do tempo suas próprias estratégias de leitura.

O empenho fortalecido pelo embasamento teórico aliado a metodologias deve ser o caminho a seguir para tornar a formação de leitores literários efetiva. Silva (2004) relata que existem muitos encaminhamentos metodológicos para formar leitores. No entanto, grande parte dos professores que atuam da Educação Infantil

ao Ensino Fundamental I não faz uso das metodologias existentes ou não o faz da maneira correta, devido às lacunas que traz de sua formação. Ainda que elas existam, deve-se pensar em preencher toda e qualquer lacuna para ensinar a criança compreender a vida pelo prazer da leitura.

Devemos considerar que a escola precisa apresentar os clássicos, por meio de adaptações, para que futuramente em idade madura ao ler um clássico ela venha reconhecer a obra que lhe foi indiferente entre todas aquelas que lhe foram apresentadas em sua infância. Lobato, entre tantas leituras que fez, encontrou em *Robinson Crusoé* uma obra para definir a si mesmo. Assim, a escola tem mais uma função: oferecer às crianças diversos textos literários para que no futuro cada uma delas tenha uma obra com que possa se identificar.

Um dos fatores que pode fazer com que o ser humano se aproprie, conheça e estimule sua humanidade é a relação entre ele e o texto literário. O texto literário dá liberdade àquele que lê, e a criança acredita no poder que a palavra tem. Pode-se dizer que o livro fala e a criança atenta às suas palavras o escuta, mas aqui ela escuta e responde, e é essa relação que devemos preservar enquanto educador que forma leitores. Afinal, não podemos podar a natureza infantil de fantasiar, de enfrentar seus medos e suas dúvidas, de sonhar e ser livre; para isso torna-se fundamental que o professor compreenda que formar leitores é também ajudá-los a entender o processo de interlocução, de interação entre a criança e o livro.

Para que a formação de leitores se efetive, o Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza, solicita que seus integrantes desenvolvam um produto educacional que atenda a realidade escolar. Visto tal pedido, todos devem apresentar um Produto que possa subsidiar as necessidades do cotidiano escolar. Estes produtos devem ser testados durante o estágio de docência, para que este objeto venha fazer a diferença na vida de muito.

3.1 Falando um Pouco sobre o Produto Educacional

Sabe-se que o professor que atua da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I, tem uma tarefa que lhe exige escolhas que irão transformar a vida de muitas crianças. Nesta fase ele se depara com diversos obstáculos que o impedem de proporcionar à criança a leitura de clássicos adaptados especialmente para ela, ou oferecer uma leitura descompromissada. As leituras propostas pelo professor no

cotidiano escolar na maioria das vezes não são livres, também acabam por vezes não exigindo da criança pensamento crítico ou mesmo criatividade e acabam por não oferecer estímulo a suas fantasias como poderia ser. Grande parte do processo de leitura nas escolas, como sabemos, não tem oferecido textos literários para a criança, muitas vezes ele aparece fragmentado. Silva (2004) relata que em uma de suas pesquisas pôde constatar que o professor colocara em uma caixa de papelão encapada com papel colorido, alguns livros que ele julgava serem bons, pois eram destinados à criança por uma classificação segundo o mercado, mas sem nenhum critério ou seleção com um embasamento plausível. Esses livros eram oferecidos aos pequenos que terminavam a tarefa antes dos demais, ou para a prova de romance que acontece semestral ou bimestralmente, conforme a escola.

Pensemos que a criança recebe livros que não são devidamente selecionados, que em sua maioria não são literários e sem um objetivo claro. Quando se tem uma leitura com uma obra que podemos classificar como literária, o objetivo, em geral, são exercícios gramaticais ou resumo. Em alguns casos o professor aplica a conhecida prova do romance que é uma ficha de leitura. Como disse Silva (1993), a ficha de leitura poderia ser um recurso significativo e viável para os leitores iniciantes, mas para tanto é necessário que se abra espaço em sala de aula para que todos esses registros sejam discutidos e partilhados entre os educandos. É necessário irmos além dessa aplicação, precisamos inovar visando o incentivo ao gosto pela leitura literária, selecionando obras e metodologias que venham seduzir e encantar a criança, com toda liberdade que a fantasia precisa.

Percebe-se que inúmeros fatores contribuem para que a formação de leitores no Brasil seja algo preocupante. Essa preocupação deveria ser por parte de todos, não apenas do professor pesquisador que busca soluções para um problema que há muito tempo assola nosso País. Diante da necessidade de formar crianças leitoras e de oferecer uma leitura literária descompromissada, com oportunidade de estimular seu senso crítico, bem como acentuar a fantasia que é algo natural da criança e ativar sua criatividade, desenvolveu-se um Caderno de Atividades a partir da obra *Dom Quixote das crianças*, de Monteiro Lobato.

Este Caderno de Atividades inspira-se no método recepcional de Bordini e Aguiar (1988), visando a participação ativa por parte dos alunos no encontro com a leitura literária, tendo em vista a emancipação e criticidade da criança para que esta possa vir a questionar, comparar, refletir e buscar soluções para seus

questionamentos, podendo chegar a transformar a si mesmo e, posteriormente, o meio em que vive.

Esse método não é muito comum nas escolas brasileiras. No entanto, tem sido usado mais especificamente por professores pesquisadores que estão mais envolvidos com a formação de leitores. Ainda que muitos leitores se formem sem uma metodologia, o método deve embasar a ação do docente que tem objetivos a serem alcançados. Portanto, deve-se considerar que “toda a atividade de literatura deve, em consequência dessas premissas, resultar num fazer transformador: numa leitura em que o aluno descobre sentidos e reelabora aquilo que ele é e o que pode ser” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 43).

Dessa forma, temos como base a teoria Vigotskyana que acredita que o homem se forma em contato com a sociedade. Nesse sentido, concordamos que a transformação resultante da interação do indivíduo com a sociedade acaba por transformar em primeiro lugar o próprio indivíduo. Consequentemente, a partir da interação da criança com o texto literário ela poderá vir a transformar o meio em que vive por ter sido transformada primeiro.

O Caderno de Atividades pode ser aplicado como um projeto, com possibilidade de ser nomeado, por exemplo, como: “Nos caminhos da leitura com Dom Quixote: guiados por Lobato”. Esse Caderno também foi inspirado na sequência básica de Cosson (2016), contemplando elementos dessa sequência que são complementados com outros que devem enriquecer a formação de jovens leitores. Portanto, buscamos fazer com que a criança se interesse pela leitura, leia, interprete o que leu e, por fim, se aproprie disso.

O incentivo ao gosto pela leitura literária aqui proposto deve ser guiada pelos seguintes passos: boas motivações, atrativa apresentação da obra, sedutoras atividades de desenvolvimento, divertidas verificações de leitura e uma finalização envolvente.

Sendo assim, a criança com a devida motivação apresenta maiores chances de se envolver e se entusiasmar por um determinado assunto, o que nos leva a compreender que a motivação deve ser envolvente o bastante para conectar o aluno ao texto selecionado, antes mesmo dele ser apresentado. Esse estímulo deve ser seguido da apresentação da obra, que a deixe ainda mais interessada. De forma descontraída, o professor deverá usar esse momento para atrair e envolver a criança na história que será lida posteriormente.

Esse processo levará a criança a uma leitura reflexiva e, com divertidas atividades durante a decodificação da obra, ela poderá ficar ainda mais envolvida. Com atividades que estimulem na criança o gosto pela leitura literária espera-se que o trabalho com a obra venha ser mais produtivo e prazeroso. Para que todo esse processo venha fazer mais sentido para o aluno, deverá ser finalizado de forma fascinante, prazerosa, divertida e com muito aprendizado, valorizando tudo que foi desenvolvido nesse período, podendo ser organizado uma exposição para receber a comunidade escolar. Em consequência desse trabalho, acredita-se que desse modo a criança irá interpretar a leitura realizada de forma crítica e reflexiva.

Este Caderno pode ser adaptado para que o professor trabalhe com outras obras, sendo necessário que ele siga alguns procedimentos como: selecionar a obra, escolher a metodologia, definir os objetivos e seleção de atividades do Caderno e/ou adaptação das mesmas.

A seleção da obra a ser trabalhada com os alunos deve ser criteriosa, para que os objetivos propostos possam ser alcançados. Eleger o texto literário não é tarefa fácil, sendo assim o professor deve ter domínio do que pretende ensinar. E, para tanto, deve começar tendo domínio da obra selecionada, pois compreender bem seu objeto de ensino fará toda diferença para o incentivo à leitura literária.

Ter objetivo claro, ter um arcabouço teórico que lhe permita selecionar o melhor texto literário, permitirá ao professor concretizar parte de seus objetivos. Depois da leitura prévia é o momento de pensar nas atividades que podem ser desenvolvidas a partir do texto literário. Estas atividades devem ser desenvolvidas apoiadas em uma metodologia que venha subsidiar o incentivo à formação de leitores. Esses são os primeiros passos para iniciar a construção de um projeto de leitura que visa incentivar a formação de jovens leitores.

Metas e objetivos definidos, é o momento de pensar qual será a melhor metodologia a ser adotada para chegar a um determinado fim. “É escusado salientar, portanto, a necessidade de uma metodologia que sirva de suporte para a prática escolar. Essa proporcionará resultados produtivos para o aluno na medida em que delimite, para si mesma, uma finalidade para o ato de aprender” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 41).

3.2 Sobre as Atividades Propostas para serem Realizadas em Torno da Obra *Dom Quixote das Crianças*

A base deste Caderno de Atividades iniciará como foi guiado pela sequência básica, começamos, portanto, com a **motivação**:

A construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema (COSSON, 2016, p. 55). Esta motivação será também um estímulo lúdico, para que o jovem leitor venha despertar o gosto e maior interesse pela obra.

A segunda ação será a **apresentação do autor e obra**:

Será feita a apresentação do autor Monteiro Lobato, que adaptou a obra, e do autor da obra original Miguel de Cervantes Saavedra, seguido da apresentação da obra. “No momento da introdução é suficiente que se forneçam informações básicas sobre o autor e, se possível, ligadas àquele texto” (COSSON, 2016, p. 60).

Este momento de apresentação do texto literário precisa ser bem elaborado para que resulte em uma transformação, em uma descoberta de sentidos por parte de cada aluno que entrar em contato com ela. E nesse momento o repertório literário do professor faz toda diferença, quando se pretende apresentar o texto literário para crianças (BORDINI; AGUIAR, 1988), pois com um bom repertório ele pode fazer referência a outras obras, esclarecer todas as dúvidas, bem como fazer indicações de outras obras para leituras futuras.

O próximo passo será a **leitura e atividades de leitura**:

Etapa essencial desta proposta literária, o acompanhamento da leitura será feito pelo professor como mediador que fará intervenção com apontamentos, respondendo a dúvidas e aplicando algumas atividades de reflexão. “A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista” (COSSON, 2016, p. 62).

Na sequência temos a **verificação de leitura**:

“As atividades de interpretação devem ter como princípio a externalização da leitura, isto é, seu registro” (COSSON, 2016, p. 66). Momento em que será proposto um trabalho para que os alunos possam exteriorizar o que compreenderam, por meio da exposição de seus registros (desenho, paródia, vídeo, fotografia, escrita, artes plásticas, entre outros).

Para que o projeto tenha um alcance maior propomos um **produto final**:

Acrescentamos a esta proposta o produto final para que ele possa ser compartilhado pela comunidade escolar. Desse modo, será organizada uma exposição que pode ser interativa, unindo assim as atividades realizadas somente pelos alunos e outras que podem ser desenvolvidas em conjunto entre professor e alunos.

Para que os objetivos que podem ser delineados a partir desta proposta se concretizem, o professor deve se organizar com bastante antecedência, obtendo maior clareza sobre todos os passos e possíveis resultados oriundos da aplicação de determinadas proposições apresentadas no Caderno de Atividades. Os objetivos em particular são: o incentivo à formação de leitores críticos e perenes das obras lobatianas, bem como incentivar na criança o interesse pelo texto literário por meio de um conjunto de atividades desenvolvidas a partir da obra *Dom Quixote das crianças*. Estima-se que o tempo médio para que a aplicação aconteça seja de um mês aproximadamente.

Primeiramente o professor deve considerar o nível de leitura de seus alunos, depois pensar o que lhes chama mais atenção. Neste caso, em especial, consideramos que o nível de leitura de um quinto ano do Ensino Fundamental tem autonomia para leitura de uma obra de Monteiro Lobato. O que me faz repetir as palavras de Ceccantini e Valente (2017) quando afirmam que, apesar da linguagem coloquial usada por Lobato, ela não é assim tão fácil. Hoje, podemos dizer que houve um “facilitamento” da linguagem, o que faz com que alguns textos lobatianos, pareçam mais difíceis que os demais, por esse motivo exige uma boa mediação.

Desse modo, o Caderno de Atividades tem como foco alunos de quinto ano do Ensino Fundamental I, porém também pode ser aplicado para alunos de sexto ano do Ensino Fundamental II. Ainda que muitos docentes, ao trabalharem com quinto e sexto anos, tenham formações diferentes, entre outros quesitos, todos devem ter uma preocupação maior com o leitor em formação. A criança precisa ter em quem se inspirar, por isso a necessidade de o professor ser um leitor ávido, apresentar um bom repertório literário e uma boa metodologia, para que essa apresentação leitor e texto literário seja efetiva.

A escolha da obra sobre a qual se propõe esta série de atividades se deu pelo fato de a criança de nove a onze anos ter um interesse especial por heróis. A maioria das crianças aprecia histórias em que o herói está no centro das atenções e

entra em combate e vence o mal. Nesse sentido, o professor deve buscar os elementos que chamem atenção do aluno, propiciando-lhe encanto.

O livro escolhido para a composição deste Caderno de Atividades foi *Dom Quixote das crianças,* uma adaptação da obra de Miguel de Cervantes Saavedra. Não se fazem necessárias muitas justificativas para esta escolha, pois ela contempla vários requisitos ao incentivo à formação de leitores como um herói, à luta pelas causas perdidas, à busca pela justiça e pela recuperação de valores que estão se perdendo em nossa sociedade. Assim, como em todos os textos de Lobato, esta adaptação possui uma linguagem literária que, em alguns momentos, dificulta o entendimento da criança, por isso ela precisa ser devidamente apresentada e acompanhada pelo professor.

O texto foi cuidadosamente selecionado de acordo com os objetivos propostos, considerando a necessidade de incentivar as crianças de hoje a serem leitoras de obras literárias. O caderno foi planejado para ser trabalhado com os alunos em um determinado momento da aula, aquele que o professor julgar ser o mais apropriado. Essa leitura deve ser acompanhada por ele todos os momentos possíveis, pois foi criado para que o educador possa trabalhar com seus educandos durante o cotidiano da sala de aula.

3.3 APRESENTANDO *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS* NO ESPAÇO INFÂNCIA

O estágio é parte inerente à formação de todo licenciado, pois auxilia no aperfeiçoamento da prática e no processo de ensino e aprendizagem do aluno que está no exercício da docência. O estágio curricular é regido pela lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, pela lei nº 9.394/96, lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e pela Resolução CNE/CP 2, de 20 de dezembro de 1996. O estágio do Programa de Pós-Graduação tem como objetivo principal a aplicação do produto educacional, elemento essencial para que o discente do programa possa concretizar seus objetivos visando a uma transformação no processo de aprendizagem dos estudantes que farão parte de sua pesquisa e, posteriormente, de muitos outros. Esta atividade também proporciona uma reflexão dialética sobre a realidade escolar que pode ser transformada a partir da interferência durante o estágio. Sendo assim, o estágio torna-se uma oportunidade ímpar de aprendizagem para alunos e professores envolvidos no processo.

O propósito deste relatório é apresentar as ações desenvolvidas no estágio realizado em uma cidade do norte do Paraná, em atividades de contraturno no Projeto Espaço Infância, que atende crianças do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental I. O primeiro contato para autorização do estágio aconteceu um mês antes da aplicação. A coordenação do Projeto Espaço Infância é composta por diretora e coordenadora. Também fazem parte da equipe professores de artesanato, música, capoeira, dança, jogos e a professora regente, merendeiras e auxiliares gerais. A instituição é mantida pelo município por ser um projeto que auxilia todo o município.

No projeto Espaço Infância as crianças chegam às oito horas da manhã, tomam café e vão para a sala, as aulas são ministradas até às onze e meia da manhã. Em seguida vão para o banho, e se arrumam para as aulas regulares nas escolas do município. Os alunos prontos aguardam os demais em uma sala com TV, depois vão para o refeitório, almoçam, escovam os dentes e seguem para a escola.

Este estágio foi desenvolvido no período matutino, com crianças do quinto ano do Ensino Fundamental I, sendo cinco alunas apenas. Entre as peculiaridades das crianças de nove a dez anos, devemos considerar que nem todas estão seriamente envolvidas com o ato de ler livremente. Salvo algumas exceções, a maioria das crianças do Ensino Fundamental I não é de leitoras, apenas leem o que lhes é exigido pela escola. Deste modo desenvolvemos um projeto visando alcançar especialmente essas crianças que ainda não são leitoras.

O projeto elaborado para o estágio de docência foi intitulado “Nos caminhos da leitura com Dom Quixote: guiados por Lobato”, posteriormente para uma melhor adequação ao local da aplicação do estágio o projeto também foi chamado de Dom Quixote das crianças no Espaço Infância. Para realizar o estágio no Espaço Infância foi necessário um trabalho de leitura prévia de *Dom Quixote das crianças* de Monteiro Lobato (2010), seguida da elaboração de atividades a partir desta obra. Para elaboração do projeto muitas pesquisas foram realizadas, sendo necessário um plano de ensino e os planos de aula que contemplaram as atividades pensadas a partir da adaptação de Monteiro Lobato.

3.4 Práticas de Incentivo à Leitura no Estágio de Docência

Para que o estágio acontecesse foi necessário um trabalho que envolvesse pesquisa, leitura e elaboração de um plano de ensino e um plano de aula para cada um dos seis encontros propostos. Para aplicação do projeto de incentivo à leitura literária foram necessários seis encontros de duas horas e meia que aconteceram em seis dias distintos. Não foi possível realizar os seis encontros todos seguidos, eles aconteceram com intervalos de alguns dias, o que não interferiu na aplicação do estágio.

A seguir será apresentado o plano de ensino:

PLANO DE ENSINO
ESCOLA: “Projeto espaço infância” **DISCIPLINA**: Língua portuguesa **DOCENTE:** Cléia Rosa Tomizaki **CARGA HORÁRIA:** 20 Horas
TURMA: 5º ano **:** 2018 **SEMESTRAL** (X) **ANUAL** ( )
EMENTA: Leitura literária infantil. Leitura e interpretação textual. Produção textual a partir da leitura literária. Estímulo à leitura de literatura clássica, especialmente a apresentação do livro *Dom Quixote das crianças*, de Monteiro Lobato.
OBJETIVOS: – Conhecer vida e obra de Monteiro Lobato. – Trabalhar atividades de leitura literária, articulando produção escrita, oralidade e ludicidade a partir da obra *Dom Quixote das crianças*, buscando formar leitores críticos e perenes da obra lobatiana. – Estimular na criança o interesse pela leitura literária.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: – Obra literária infantil. – Interpretação e leitura de literatura infantil. – Atividades para melhor compreensão de leitura. – Produção textual a partir da leitura literária.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:
– Aulas expositivas.
– Leitura da obra literária lobatiana.
– Discussão em grupo.
– Uso de recursos audiovisuais.
– Atividades lúdicas e escritas.
– Atividade em grupo.

AVALIAÇÃO:
– Participação em todas as atividades propostas.
– Leitura da obra literária.
– Interação com os colegas e interesse nas aulas.
– Participação oral individual e em grupo.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Carmem Lúcia de; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato*: furacão na Botocúndia. São Paulo: Senac, 2001.

BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. Monteiro Lobato nas imagens da infância. In: CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Áurea Penteado (Org.). *Monteiro Lobato e o leitor de hoje*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

BRASIL. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996 que institui as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf> Acesso em: 14. ago. 2018.

CADEMARTORI, Ligia. *O que é literatura infantil*. São Paulo; Brasiliense, 2010.

CECCANTINI, João Luís; VALENTE, Thiago Alves. Monteiro Lobato, um clássico para crianças. In: RÖSING, Tania M. K.; BURLAMAQUE, Fabiane Veraldi (Org.). *Monteiro Lobato e o leitor de hoje*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil*: teoria e prática. São Paulo: Ática S. A., 1991.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato*: um brasileiro sob medida. São Paulo: Moderna, 2000.

LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. (Org.) *Monteiro Lobato, livro a livro*: obra infantil. São Paulo: Editora da Unesp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira*: história e

histórias. São Paulo: Ática, 1999.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Globo, 2010.

LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das crianças*. São Paulo: Globo, 2010.

NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda: Record, 1986.

RIBEIRO, José Antônio Pereira. *As diversas facetas de Monteiro Lobato*. São Paulo: Roswitha Kempf Editores / SMC, 1984.

VALENTE, Thiago Alves. *Monteiro Lobato nas páginas do jornal*: um estudo dos artigos publicados em *O Estado de S. Paulo* (1913-1923). 2009. 3 v. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/94049>.

Descrição do desenvolvimento das atividades

PLANO DE AULA I
ESCOLA: “Projeto espaço infância” **DISCIPLINA:** Língua Portuguesa **DOCENTE:** Cléia Rosa Tomizaki
CARGA HORÁRIA SEMANAL: 2 horas aula (1ª Aula / 1º Encontro) **EMENTA:** Leitura literária infantil. Leitura e interpretação textual. Produção textual a partir da leitura literária. Estímulo à leitura de literatura clássica, especialmente das obras lobatianas.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: Literatura – Leitura e compreensão de obra literária infantil e produção textual escrita. Incentivo à leitura.
OBJETIVO GERAL: Conhecer a vida e obra do escritor Monteiro Lobato. **OBJETIVO ESPECÍFICO:** Apresentar a obra *Dom Quixote das crianças* como incentivo à leitura.
METODOLOGIA: Iniciar uma apresentação sobre o projeto literário e começar a apresentar o escritor. A atividade contará com recursos audiovisuais e exposição discursiva do professor. Durante a aula ele realizará uma **dinâmica** conhecendo o herói para deixar os alunos mais envolvidos e instigados para iniciar a leitura da obra lobatiana. Nossa primeira atividade será uma ilustração/desenho da primeira ideia que a criança teve a partir do título do livro.
AVALIAÇÃO: A avaliação será feita por meio de observação do interesse e participação de cada aluno quanto às atividades propostas e também por meio de relatos orais. Para as atividades escritas utilizaremos a avaliação formativa para auxiliar no processo de escrita e compreensão da leitura realizada por meio de produção individual.
REFERÊNCIAS AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura*: a formação de leitores: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil*: teoria, análise, didática. São Paulo:

Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. *Letramento literário*: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das crianças*. São Paulo: Globo, 2010.

Primeiro encontro

Esse foi o primeiro contato com as alunas que fizeram parte do projeto “Nos caminhos da leitura com Dom Quixote: guiados por Lobato”, elaborado para aplicação do produto educacional. Ele teve início às 8h40m e fomos acompanhadas até a sala pela diretora da instituição. Fizemos as apresentações entre professora e alunas e a apresentação do trabalho a ser desenvolvido. Após as apresentações e esclarecimentos sobre o projeto começamos a aula com uma conversa sobre Monteiro Lobato. As alunas revelaram que já conheciam o escritor, elas ouviram uma professora do ensino regular falar sobre ele. Desse modo, a conversa ficou interativa e com informações ainda mais relevantes.

Após a conversa inicial, apresentamos um vídeo que conta resumidamente a vida e trajetória de escrita de Monteiro Lobato. Durante a exibição do vídeo comentamos algumas passagens mais notáveis da vida do escritor, as alunas também comentaram o vídeo, demonstrando possuir informações sobre o escritor, no entanto, não haviam lido nenhuma obra dele, mais um motivo para trabalhar a adaptação de Lobato e realizar as atividades propostas a partir da leitura.

Depois do vídeo foram exibidas às alunas algumas capas de obras do escritor, expostas as histórias, explicitado que muitas eram autênticas criações de Lobato e outras eram adaptações que o escritor fez de histórias que, para ele seriam muito relevantes para que a criança também conhecesse; sem esquecer os clássicos da literatura universal, que foram devidamente escolhidos pelo escritor e adaptados para os pequenos.

Falando das adaptações chegou-se a uma em especial: *Dom Quixote das crianças*. Para iniciar a apresentação dessa adaptação fez-se necessário falar sobre a obra original *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes Saavedra. Discorremos então sobre Cervantes e uma das obras mais conhecidas no Ocidente, a qual ficou mundialmente conhecida, tornando-se um clássico da literatura universal

que continua encantando seus leitores no mundo todo, seja pela tradução ou por meio de adaptação. Para esse momento expomos o primeiro e o segundo livro de *Dom Quixote de La Mancha*, com tradução de Viscondes de Castilhos e Azevedo. Esta edição de 2012 é menos colossal que a apresentada por Dona Benta no sítio, mas deixou as alunas apreensivas quanto ao número de páginas.

Concluída a fase de apresentação dos autores, realizamos uma dinâmica de motivação, a qual foi nomeada de “conhecendo o herói”. Nela foi entregue para cada aluna uma bexiga cheia, em que havia o nome se um super-herói. Quando as alunas já estavam com sua bexiga nas mãos, uma delas iniciou a dinâmica estourando a bexiga e descobrindo o nome do herói lá contido. Após falar para os colegas o nome encontrado, a aluna deveria dizer tudo o que sabia sobre ele, sobre seus poderes e causas pelas quais ele lutava. Como eram poucas alunas, cada uma pode comentar sobre outros heróis.

As alunas aproveitaram para falar do seu herói favorito, do que podiam fazer, dos poderes, das roupas que usavam, em uma conversa bem divertida. Programamos para fazer um intervalo com um lanche preferencialmente que lembrasse o sítio e Tia Nastácia com seus quitutes. Para esse lanche selecionou-se um doce que remete à infância, visando recordar a ação que acontecia durante os serões de Dona Benta, quando Tia Nastácia trazia algum de seus quitutes para as crianças comerem enquanto davam uma pausa na leitura de Dona Benta e conversavam sobre a história do livro que estavam ouvindo.

Seguida de uma motivação divertida, iniciamos a apresentação da capa da obra de *Dom Quixote das crianças* (2010). A capa dessa edição, da editora Globinho, que foi ilustrada por Camilo Riani. A conversa sobre a capa desta edição se deu de maneira investigativa, abrimos as orelhas do livro para ver todo o resto da ilustração que se escondia nas mesmas. Aproveitando este momento apontamos às alunas algumas capas de edições anteriores da mesma obra. Trouxemos uma edição particular de 1975, para que as alunas tivessem uma ideia melhor de como eram as ilustrações mais antigas.

Partindo de tudo que conversamos, das dúvidas esclarecidas, das novas informações obtidas e das observações feitas em tudo que foi apresentado, as alunas começaram uma nova atividade, consistida em ilustrar a primeira ideia que cada uma teve de como seria a história que iriam ler. Cada aluna ilustrou algo muito

parecido com o que viu na capa de uma das ilustrações que apresentadas. As atividades foram recolhidas, e assim finalizamos esse primeiro encontro.

Algumas das imagens usadas para apresentação de autor e obra:

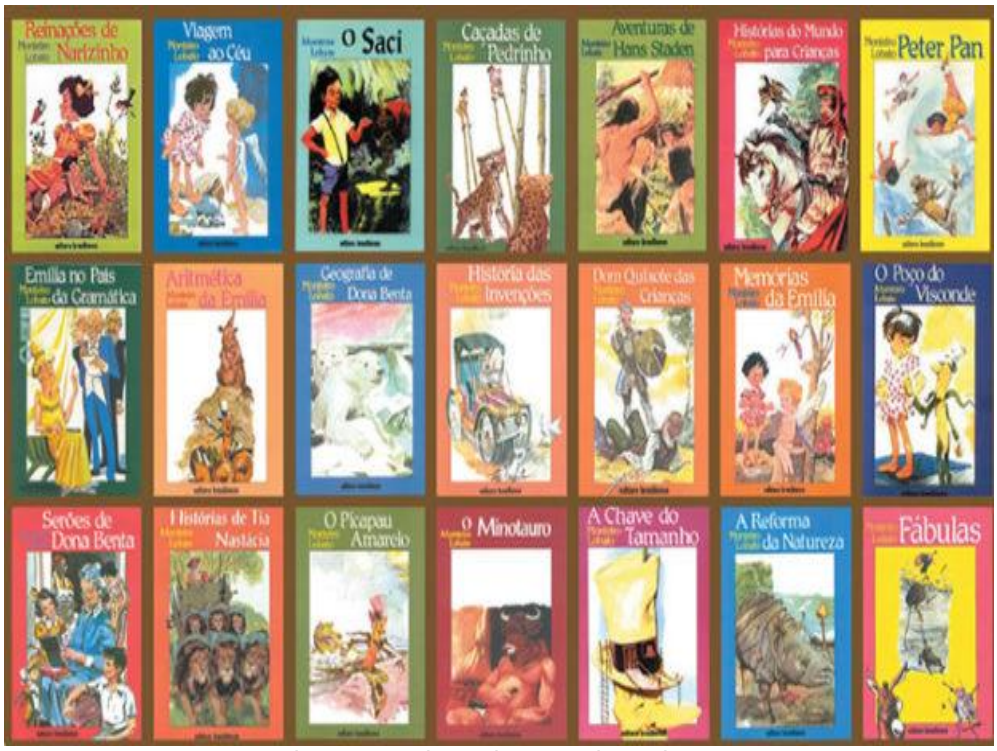


Figura 1 – Obras de Monteiro Lobato
Fonte: Revista Terraço. Disponível em: <http://revistaterraco.com.br/contacao-de-historias-trazem-obras-de-monteiro-lobato-para-publico-de-salto/>. Acesso em: 21 jul. 2018.

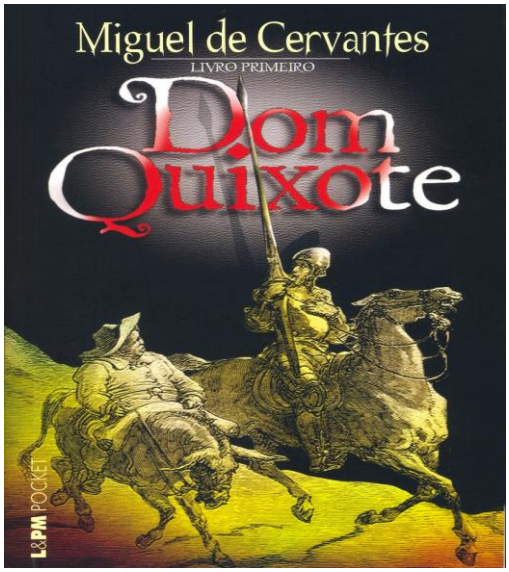


Figura 2 – Capa da obra *Dom Quixote* – Miguel de Cervantes
Fonte: L&PM Editores. Disponível em: <http://www.lpm.com.br/site/default.asp?Template=../livros/layout_produto.asp&CategoriaID=816351&ID=942216>. Acesso em: 21 jul. 2018.

Figura 3 – Edições de *Dom Quixote das crianças*
Fonte: Googleimagens. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=_KtTW9KwN4iawgSY152ABw&q=imagens+de+todas+as+edi%C3%A7%C3%B5es+de+dom+quixote+das+crian%C3%A7as+Monteiro+lobato&oq=imagens+de+todas+as+edi%C3%A7%C3%B5es+de+dom+quixote+das+crian%C3%A7as+Monteiro+lobato&gs_l=img.3...54924.61821.0.62201.18.17.1.0.0.0.166.2102.0j15.15.0....0...1c.1.64.img..2.0.0....0.QcSU-Uk_wfo>. Acesso em: 21 jul. 2018.

Figura 4 – Miguel de Cervantes Saavedra
Fonte: E-biografia. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/miguel_cervantes/>. Acesso em: 21 jul. 2018

PLANO DE AULA II

ESCOLA: “Projeto espaço infância”
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
DOCENTE: Cléia Rosa Tomizaki

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 2 Horas aula (2ª aula / 2º Encontro)

EMENTA: Leitura literária infantil. Leitura e interpretação textual. Produção textual a partir da leitura literária. Estímulo à leitura de literatura clássica, especialmente das obras lobatianas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: Literatura – Leitura e compreensão de obra literária infantil e produção textual escrita. Incentivo à leitura.

OBJETIVO GERAL: Apresentar um clássico da literatura universal pensado para crianças.

OBJETIVO ESPECÍFICO: Incentivar a leitura literária lobatiana.

METODOLOGIA: Leitura da obra lobatiana com esclarecimentos do professor mediador. Após a leitura será realizada uma roda de conversa, momento para os alunos expressarem opiniões e dúvidas. Realização de atividade individual, cada criança irá fazer uma charge com Dom Quixote. Esta atividade deverá ser apresentada, cada um irá fazer a exposição da sua charge, podendo ficar em pé diante dos colegas, ou mesmo sentado, uma vez que estes estejam em círculo.

AVALIAÇÃO: A avaliação será feita por meio de observação do interesse e participação de cada aluno quanto às atividades propostas e também por meio de relatos orais. Para as atividades escritas utilizaremos a avaliação formativa para auxiliar no processo de escrita e compreensão da leitura realizada por meio de produção individual.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura*: a formação de leitores: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil*: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. *Letramento literário*: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das crianças*. São Paulo: Globo, 2010.

Segundo encontro

Neste segundo encontro, iniciado às 8h30m, logo após o café da manhã faltaram duas alunas; porém, como havia uma aluna que não estivera no primeiro encontro retomamos alguns pontos da aula anterior. Em seguida, iniciamos a leitura do primeiro capítulo da adaptação de Monteiro Lobato. A leitura aconteceu em forma de giro de leitura; a primeira aluna leu um parágrafo e passou para outra que também leu um parágrafo e passou para a seguinte e assim por diante. Durante o processo fomos conversando sobre alguma passagem mais ou menos interessante.

Cada dúvida foi esclarecida, em algumas perguntas usamos uma forma diferente de esclarecer. Levamos um dicionário de língua portuguesa fácil de manusear e, conforme as palavras que as alunas não conheciam, solicitamos que pesquisassem no dicionário e fizessem a leitura para as outras colegas, precedida de uma explicação mais clara, mais coloquial. Esta atividade de pesquisa no dicionário teve por objetivo incentivar as alunas a procederem da mesma forma quando estiverem fazendo outras leituras sem o acompanhamento de um professor. Elas também puderam se familiarizar com o dicionário. Como no encontro anterior, este também teve um pequeno intervalo com um doce que lembra infância e com diálogo sobre o que foi lido até o momento.

Feita a leitura dos dois primeiros capítulos realizamos uma atividade que foi chamada de “charge”, consistindo em ilustrar um personagem da adaptação lobatiana. Sendo a charge uma ilustração que enfatiza alguma qualidade no personagem, tivemos ilustrações bem diversificadas, que foram recolhidas e arquivadas. Finalizamos este encontro com a leitura de mais algumas páginas. Finalizamos o encontro solicitando às alunas que fizessem a leitura do próximo capítulo em casa.

PLANO DE AULA III
ESCOLA: “Projeto espaço infância”. **DISCIPLINA:** Língua Portuguesa **DOCENTE:** Cléia Rosa Tomizaki
CARGA HORÁRIA SEMANAL: 2 Horas Aula (3ª Aula / 3º Encontro) **EMENTA:** Leitura literária infantil. Leitura e interpretação textual. Produção textual a partir da leitura literária. Estímulo à leitura de literatura clássica, especialmente das obras lobatianas.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: Literatura – Leitura e compreensão de obra literária infantil e produção textual escrita. Incentivo à leitura.
OBJETIVO GERAL: Mostrar a relação da literatura infantil com o mundo que os cerca. **OBJETIVO ESPECÍFICO:** Relacionar a leitura literária ao cotidiano.
METODOLOGIA: Retomada da leitura, interação de música relacionada com a obra lobatiana, atividade “Dom Quixote com música”. Discussão sobre a obra e a sua relação com a música e com o cotidiano. A atividade desenvolvida será a venda do livro; nela os alunos irão vender a obra usando e abusando de sua criatividade. Após as explicações cada um deve pintar seus sentimentos em um sulfite, expressando o que a leitura despertou nele. Ao final desta atividade todas as pinturas devem ser unidas formando um painel, que poderá receber uma moldura.
AVALIAÇÃO: A avaliação será feita por meio de observação do interesse e participação de cada aluno quanto às atividades propostas e também por meio de relatos orais. Para as atividades escritas utilizaremos a avaliação formativa para auxiliar no processo de escrita e compreensão da leitura realizada por meio de produção individual.
REFERÊNCIAS AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura*: a formação de leitores: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil*: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. *Letramento literário*: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das crianças*. São Paulo: Globo, 2010.

Terceiro encontro

O nosso terceiro encontro aconteceu no dia 26 de abril de 2018. Com o intervalo de um dia acreditamos ter uma oportunidade maior para que as alunas fizessem a leitura solicitada no último encontro. Nosso terceiro encontro foi produtivo e faltou apenas uma aluna. Retomamos as leituras anteriores contando as que perderam o último encontro o que aconteceu na história até o capítulo que iríamos iniciar. Depois seguimos a leitura como nos encontros anteriores, em forma de giro de leitura. Durante esse processo as alunas fizeram perguntas e pesquisa no dicionário, discutindo vários pontos relevantes.

O intervalo aconteceu como de costume, um tempinho para falar da história mais livremente e comer algum quitute que lembrava o sítio de Dona Benta. Com as alunas bastante envolvidas, iniciamos a atividade do dia, que foi nomeada de “publicidade do livro” ou “propaganda do livro”. Algumas alunas prepararam uma publicidade do livro (motivar outras pessoas a comprar aquele produto), outras uma propaganda do livro (disseminar ideias e pensamentos para despertar em outras pessoas o interesse em determinado objeto).

Como as tecnologias estão sempre presentes na vida de todos, decidimos por fazer uma atividade um pouco diferente da planejada. Diante da empolgação das alunas filmamos as propagandas. Cada aluna ficou diante do quadro com o título da obra em E.V.A. e tentou fazer como as propagandas da televisão. A maioria das alunas não conseguiu falar sem ler suas anotações, porém a tentativa foi legítima e algumas alcançaram tal objetivo. A filmagem foi divertida e muito relevante, pois elas demonstraram muito interesse em vender, em estimular o interesse de outras crianças pela leitura da adaptação.

Após um rápido intervalo continuamos a leitura de mais um capítulo. Durante esse processo fizemos como nos outros encontros, sempre esclarecendo dúvidas e relatando fatos importantes, falando sobre o que foi divertido, das impressões que cada passagem deixou ou mesmo lembrando cada personagem mais marcante.

Nesse momento da leitura, as alunas, assim como Emília, sentiram pena do menino André, um personagem que estava apanhando muito de seu patrão. Dom Quixote tentou salvá-lo, mas não teve muito êxito e o patrão do menino acabou batendo o dobro. A partir dessa leitura propomos uma atividade chamada de “Ilustrar seus sentimentos”. Como cada criança teve uma reação diferente diante da cena de tamanha injustiça, elas ilustraram o que julgaram estar sentindo após esta leitura. Comentamos sobre a ilustração de cada uma, recolhemos as atividades e assim terminamos mais um encontro.

PLANO DE AULA IV

ESCOLA: “Projeto espaço infância”.
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
DOCENTE: Cléia Rosa Tomizaki

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 2 Horas Aula (4ª Aula / 4º Encontro)

EMENTA: Leitura literária infantil. Leitura e interpretação textual. Produção textual a partir da leitura literária. Estímulo à leitura de literatura clássica, especialmente das obras lobatianas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: Literatura – Leitura e compreensão de obra literária infantil e produção textual escrita. Incentivo à leitura.

OBJETIVO GERAL: Conhecer construções a partir da literatura clássica.

OBJETIVO ESPECÍFICO: Ampliar os conhecimentos de mundo a partir da leitura literária.

METODOLOGIA: Continuação da leitura com a apresentação de poemas, músicas obras e releituras feitas por grandes artistas a partir da obra lobatiana. Após a leitura faremos uma atividade diferente, uma reportagem literária em duplas, um aluno entrevistará o outro para que ambos digam o que acharam da leitura, o que poderia ser diferente, o que mudaria nesta história, assim um terá a percepção do outro e poderão ver que temos ideias diferentes e que cada um pode enxergar a mesma história de pontos de vista diferentes e que podemos sempre colher bons frutos das leituras que fazemos. Entregar um relato escrito sobre a reportagem. Apresentar obras inspiradas no clássico.

AVALIAÇÃO: A avaliação será feita por meio de observação do interesse e participação de cada aluno quanto às atividades propostas e também por meio de relatos orais. Para as atividades escritas utilizaremos a avaliação formativa para auxiliar no processo de escrita e compreensão da leitura realizada por meio de produção individual.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura*: a formação de leitores: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil*: teoria, análise, didática. São Paulo:

Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. *Letramento literário*: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das crianças*. São Paulo: Globo, 2010.

Quarto encontro

A sequência dos encontros teve um intervalo de uma semana, devido às apresentações que aconteceram na instituição Espaço Infância. Sendo assim, os próximos encontros aconteceram na segunda semana do mês de maio. Retomamos no dia 8 de maio de 2018. Iniciamos no mesmo horário, às 8h30m, como os demais e com uma aluna faltando. Retomamos as leituras anteriores. Sobre a leitura solicitada como tarefa de casa, não houve muito êxito, pois apenas uma aluna fez leitura do capítulo que seria lido nesse encontro. Iniciamos a leitura do dia como nos demais encontros com o giro de leitura. A partir da apreciação de mais um capítulo iniciamos a atividade, a qual chamamos de “Reportagem literária”, em que as alunas se organizaram em duplas para entrevistarem umas às outras.

Como a experiência com tecnologia foi muito bem aceita em uma atividade anterior, resolvi colocar a tecnologia mais uma vez à disposição do conhecimento com diversão. Gravamos as entrevistas sobre a obra literária com o celular. Tudo começou com uma jornalista falando sobre a obra literária e em seguida ela chama a repórter que está nas ruas entrevistando as pessoas.

Foi um momento de aprendizado intrínseco à diversão, realizado com muita empolgação por todos os envolvidos no processo. Depois que todas terminaram, vimos as gravações e cada uma fez um comentário. Após muito entusiasmo e aprendizado fizemos nosso intervalo curto como nos outros encontros. Para continuidade do nosso encontro preparamos uma apresentação em *PowerPoint* para mostrar obras de arte, poemas, letras de música e artistas que se inspiraram em Dom Quixote para criar algo novo. As alunas demonstraram muito interesse nas obras inspiradas no cavaleiro da Mancha. Vimos a imagem de muitas telas que foram criadas para mostrar tudo de bom que a obra literária pode inspirar. Todas as alunas puderam ter voz e vez, e cada uma deu sua opinião sobre o que foi apresentado.

Algumas das imagens inspiradas em Dom Quixote que foram apresentadas às alunas:

Figura 5 – Assis Costa – Dom Quixote e Sancho
Fonte: Pinterest.com. Disponível em: <https://ar.pinterest.com/pin/855121047967114227/>. Acesso em: 21 jul. 2018

Figura 6 – Candido Portinari – Dom Quixote
Fonte: http://blog.poemese.com/. Disponível em: <http://blog.poemese.com/20-curiosidades-de-dom-quixote>. Acesso em: 20 jul. 2018

Figura 7 – Candido Portinari – Dom Quixote
Fonte: www.lpm-blog.com.br. Disponível em: <http://www.lpm-blog.com.br/wp-content/uploads/2013/01/Dom_Quixote_Portinari.jpg>. Acesso em: 21 jul. 2018

Figura 8 – Pablo Picasso – Dom Quixote
Fonte: www.lpm-blog.com.br. Disponível em: <http://www.lpm-blog.com.br/wp-content/uploads/2013/01/dom_quixote_picasso.jpg>. Acesso em: 21 jul. 2018

Figura 9 – Van Gogh – Dom Quixote
Fonte: Roteiros literários. Disponível em: <http://roteirosliterarios.com.br/dom-quixote-em-barcelona/>. Acesso em: 21 jul. 2018

II – SAGRAÇÃO
Rocinante
pasta a erva do sossego.
A Mancha inteira é calma.
A chama oculta arde
nesta fremente Espanha interior.
De geolhos e olhos visionários
me sagro cavaleiro
andante, amante
de amor cortês e minha dama,
cristal de perfeição entre perfeitas.
Daqui por diante
é girar, girovagar, a combater
o erro, o falso, o mal de mil semblantes
e recolher no peito em sangue
a palma esquiva e rara
que há de cingir-me a fronte
por mão de Amor-amante.
A fama, no capim
que Rocinante pasta,
se guarda para mim, em tudo a sinto,
sede que bebo, vento que me arrasta.

Figura 10 – Sagração – Poema de Carlos Drummond
Fonte: Revista Prosa e Verso. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/tracos-e-versos-de-portinari-e-drummond-sobre-a-obra-dom-quixote-de-cervantes/>. Acesso em: 21 jul. 2018

Figura 11 – Richard Strauss. Compositor de Don Quixote, Op.35
Fonte: Classic FM. Disponível em: <https://www.classicfm.com/composers/strauss/guides/facts-gallery/strauss-horn-concertos/>. Acesso em: 21 jul. 2018

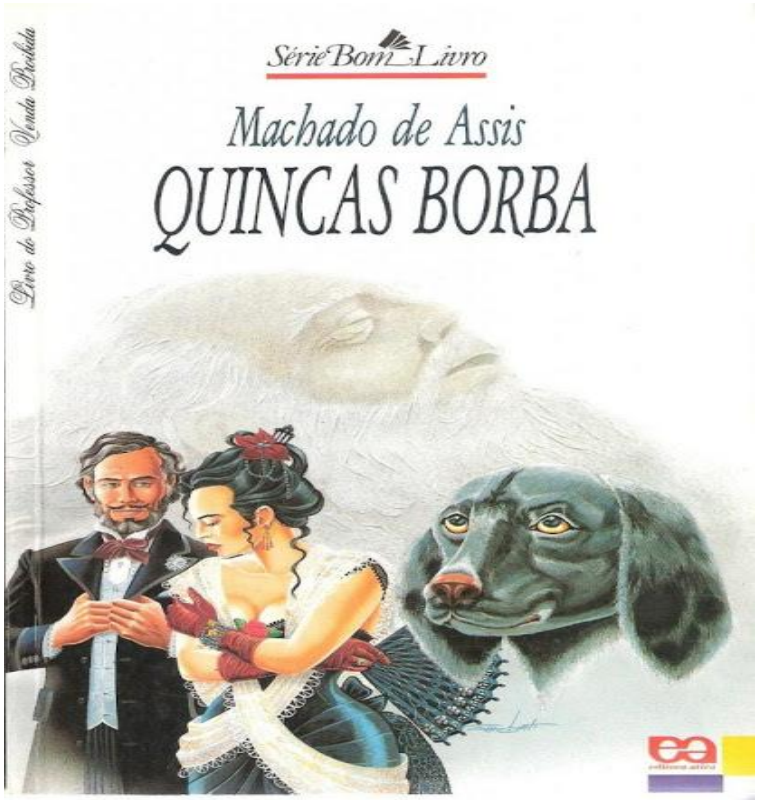


Figura 12 – Quincas Borba – Machado de Assis
Fonte: gazduireweb.org. Disponível em: <http://gazduireweb.org/quincas-borba-machado-assis-ebook-download>. Acesso em: 21 jul. 2018

PLANO DE AULA V

ESCOLA: “Projeto espaço infância”.
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
DOCENTE: Cléia Rosa Tomizaki

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 2 Horas Aula (5ª Aula / 5º Encontro)

EMENTA: Leitura literária infantil. Leitura e interpretação textual. Produção textual a partir da leitura literária. Estímulo à leitura de literatura clássica especialmente das obras lobatianas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: Literatura – Leitura e compreensão de obra literária infantil e produção textual escrita. Incentivo à leitura.

OBJETIVO GERAL: Compreender melhor as leituras em seu cotidiano.

OBJETIVO ESPECÍFICO: Expressar-se a partir da leitura literária.

METODOLOGIA: Continuação da leitura. Cada aluno irá fazer uma atividade que anda um tanto esquecida: o acróstico com o nome de um dos personagens da obra Dom Quixote das crianças ou do Sítio que lhe pareceu mais interessante e também vamos escrever e/ou ilustrar, em um papel preto com lápis branco, uma frase que o aluno considere ser algo que o marcou durante a leitura e que pode fazer a diferença para quem vier a ler ou observar sua ilustração.

AVALIAÇÃO: A avaliação será feita por meio de observação do interesse e participação de cada aluno quanto às atividades propostas e também por meio de relatos orais. Para as atividades escritas utilizaremos a avaliação formativa para auxiliar no processo de escrita e compreensão da leitura realizada por meio de produção individual.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura*: a formação de leitores: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil*: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. *Letramento literário*: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das crianças*. São Paulo: Globo, 2010.

Quinto encontro

Em nosso penúltimo encontro, que aconteceu no dia 9 de maio de 2018, já iniciamos com a continuação da leitura apresentando um diferencial no giro de leitura que teve um elemento a mais: antes de iniciar, anotamos o nome dos personagens em um papel e os nomes das alunas em outro. Recortamos os papéis, dobramos e realizamos dois sorteios. Cada aluna retirou um papel com o nome de um personagem e depois retiraram um papel com o nome de uma aluna. Terminado esse procedimento, todas abriram e cada uma revelou quem era aluna sorteada e qual era o personagem, e esta seria a forma da leitura a ser realizada: a aluna que saiu com o personagem Sancho deveria ler toda vez que aparecesse a fala deste personagem e assim por diante. Coube-me o papel do narrador, pois faltaram alunas para tantos personagens.

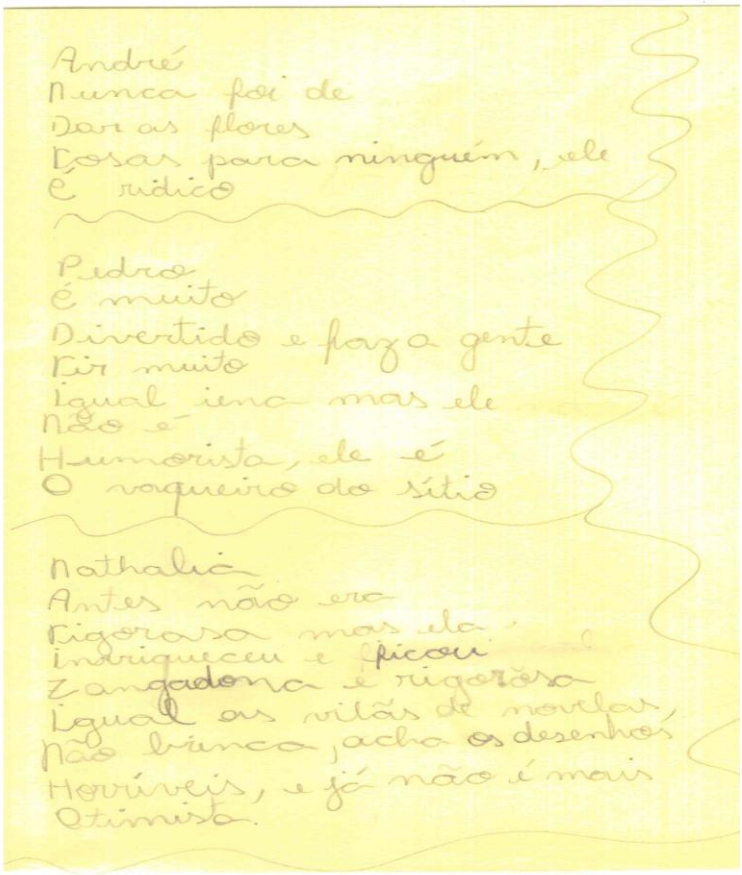
Dessa forma, a leitura começou um pouco diferente, mas bem mais divertida; elas estavam mais atentas, mostrando-se ansiosas por sua vez de ler. Houve algumas confusões com as falas, uma aluna acabou lendo a parte de outra, outra que pensou ter terminado sua parte da leitura, mas ainda tinha uma frase; mesmo assim foi uma atividade muito produtiva.

Como programado no plano de aula, sempre após a leitura realizamos uma atividade. A primeira deste encontro consistiu em produzir um acróstico com o nome de um ou mais personagens do clássico *Dom Quixote*. As meninas não conheciam essa atividade, porém consideramos mais interessante lhes ensinar algo diferente. Explicitamos o que é um acróstico, com exemplos no quadro e iniciamos a atividade. A primeira ação das alunas foi escolher os personagens, todas escolheram mais de um e apenas uma criança conseguiu criar versos com as letras do nome de seus personagens, formando um conjunto de frases cheio de poesia. As demais, a partir das letras do nome do personagem, acrescentaram adjetivos que eram peculiares a ele.

Para este encontro, preparamos uma segunda atividade. Em um papel cartão as estudantes fizeram uma moldura e dentro dela escreveram o que mais lhes marcou nas 50 páginas lidas até o momento. Nesta atividade, denominada

resumindo a obra, elas puderam expressar suas opiniões, falar do que mais tenha lhes marcado durante a leitura. Todas pensaram na mesma cena, a do início da adaptação, quando o Visconde vai ajudar Emília que descobre o livro de Cervantes e acaba esmagado pelo livrão. Uma aluna, em particular, teve interesse por outras partes da obra: a cena destacada por ela foi o ataque de Dom Quixote aos moinhos de vento, sendo esta a escolhida para resumir a obra, as atividades foram lidas e recolhidas, pois algumas seriam apresentadas nesse relato.

Como dispúnhamos de um pouco de tempo, realizamos uma atividade intitulada Dom Quixote com música. Apresentei às alunas a letra e a melodia da banda Engenheiros do Hawaii, que tem por nome “Dom Quixote”. Ouvimos a canção e acompanhamos com a letra impressa, que foi entregue a cada uma delas. Dúvidas surgiram e foram esclarecidas; algumas alunas gostaram da música outras nem tanto, mas isso não foi empecilho para que cantássemos juntas e refletíssemos sobre a letra.


André
Nunca foi de
Dar as flores
Rosas para ninguém, ele
é ridico

Pedro
é muito
Divertido e faz a gente
Rir muito
Igual ieno mas ele
Não é
Humorista, ele é
O vaqueiro do sítio

Nathalia
Antes não era
Rigorosa mas ela
Indriqueceu e ficou
Zangadona e rigorosa
Igual as vilãs de novelas,
Não brinca, acha os desenhos
Horríveis, e já não é mais
Otimista.

Figura 13 – Acróstico realizado por uma das alunas
Fonte: a autora e aluna participante do projeto

Dom Quixote

Engenheiros do Hawaii

Muito prazer, meu nome é otário
Vindo de outros tempos, mas sempre no horário
Peixe fora d'água, borboletas no aquário
Muito prazer, meu nome é otário
Na ponta dos cascos e fora do páreo
Puro sangue, puxando carroça

Um prazer cada vez mais raro
Aerodinâmica num tanque de guerra
Vaidades que a terra um dia há de comer
Ás de Espadas fora do baralho
Grandes negócios, pequeno empresário
Muito prazer, me chamam de otário

Por amor às causas perdidas
Tudo bem, até pode ser
Que os dragões sejam moinhos de vento
Tudo bem, seja o que for
Seja por amor às causas perdidas

Por amor às causas perdidas
Tudo bem, até pode ser
Que os dragões sejam moinhos de vento
Muito prazer, ao seu dispor
Se for por amor às causas perdidas
Por amor às causas perdidas.

Figura 14 – Dom Quixote, Engenheiros do Hawaii – letra da música
Fonte: Letras de música. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/engenheiros-do-hawaii/72889/>. Acesso em: 21 jul. 2018

PLANO DE AULA VI
ESCOLA: “Projeto espaço infância”. **DISCIPLINA:** Língua Portuguesa **DOCENTE:** Cléia Rosa Tomizaki
CARGA HORÁRIA SEMANAL: 2 Horas Aula (6ª Aula / 6º Encontro) **EMENTA:** Leitura literária infantil. Leitura e interpretação textual. Produção textual a partir da leitura literária. Estímulo à leitura de literatura clássica, especialmente das obras lobatianas.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: Literatura – Leitura e compreensão de obra literária infantil e produção textual escrita. Incentivo à leitura.
OBJETIVO GERAL: Reconhecer a relevância da leitura literária. **OBJETIVO ESPECÍFICO:** Valorizar a obra clássica infantil.
METODOLOGIA: Finalização da leitura. A atividade final será a indicação da leitura realizada, aqui cada aluno fará um cartão postal, no qual desenhará algo que se relacione à obra lida constando o nome da obra e autor na frente; no verso ele colocará a inscrição “cara (o) amiga (o)”, em seguida fará a indicação contando de que mais gostou na história e dizendo por que o amigo deveria ler esta obra e assinar o cartão com data e local.
AVALIAÇÃO: A avaliação será feita por meio de observação do interesse e participação de cada aluno quanto às atividades propostas e também por meio de relatos orais. Para as atividades escritas utilizaremos a avaliação formativa para auxiliar no processo de escrita e compreensão da leitura realizada por meio de produção individual.
REFERÊNCIAS AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura*: a formação de leitores: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil*: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000. COSSON, Rildo. *Letramento literário*: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das crianças*. São Paulo: Globo, 2010.

Sexto encontro

O último encontro aconteceu no dia 10 de maio de 2018. Iniciou às 8h30m, como nos demais. Sendo este nosso último encontro fui recebida com uma surpresa das alunas com chuva de papel picado, cartão de despedida e uma mensagem muito emocionante escrita por elas no quadro. Estávamos um tanto tristes por ser nossa última aula, tivemos momentos muito agradáveis de conhecimento aliado à diversão. Agradecimentos pela recepção calorosa foram feitos, em seguida iniciamos a leitura do dia, afinal não poderíamos perder tempo porque esta era a última leitura que faríamos juntas.

A leitura foi feita como no encontro anterior, porém decidimos fazer o sorteio dos personagens e alunas novamente, para que nenhuma delas continuasse com o mesmo personagem. A tarefa fluiu livremente como nos demais encontros, conversamos sobre o que lemos e esclarecemos dúvidas sobre palavras que não faziam parte do vocabulário delas.

Depois disso chegou a hora da atividade do dia, chamada indicação de leitura; cada aluna deveria indicar a leitura literária para um amigo ou uma amiga e assim elas fizeram. Primeiro, escreveram em um rascunho, foram feitas algumas correções e esclarecimentos sobre como indicar uma leitura a um amigo. A segunda atividade foi colocar a indicação de leitura em um cartão feito pelas próprias alunas. Elas não conheciam um cartão postal, o que seria uma base para inspirá-las, desse modo sem um modelo físico, as alunas tiveram que inspirar-se nas explicações sobre esse gênero textual.

Sendo este nosso último encontro, fizemos um intervalo um pouquinho mais demorado, com doces que lembram a infância no sítio. Durante o intervalo, conversamos sobre o término dos encontros e sobre a possibilidade de as alunas continuarem se encontrando para terminar a leitura da adaptação. Elas pensaram em pedir autorização da professora para se reunirem pelo menos um dia da semana para realizarem a leitura da obra. Comentamos sobre os clubes de leitura e sugerimos que tivessem à mão um dicionário, pois diante de várias dúvidas sobre palavras que estavam lendo pela primeira vez na obra de Lobato, seria elemento

importante. Ficamos todas empolgadas com essa ideia, ainda que sem o apoio de uma professora, as meninas estavam contando com que a ideia se efetivasse.

Em seguida voltamos às atividades e seguimos com sua complementação. Cada criança desenhou uma cena da obra *Dom Quixote das crianças* em seu cartão indicação, em papel vergê no formato paisagem. No verso desse cartão as alunas escreveram seu nome e o da pessoa para quem enviariam o cartão indicando a leitura. A indicação de leitura que escreveram na atividade anterior foi transposta para o cartão. As alunas puderam levar para casa o cartão e se possível poderiam entregar ao amigo à qual indicou. Para finalizar foi entregue uma lembrancinha, um porta-treco com a carinha da Emília recheado com guloseimas que crianças que leem livros adoram. Abraços e agradecimentos foram pouco em vista do prazer em poder trabalhar com alunas interessadas, que mesmo não sendo leitoras de textos literários de Lobato mostraram interesse na leitura proposta. Dessa forma finalizamos o estágio de docência.

Cartão feito por uma das alunas falando da parte que mais gostou na obra:

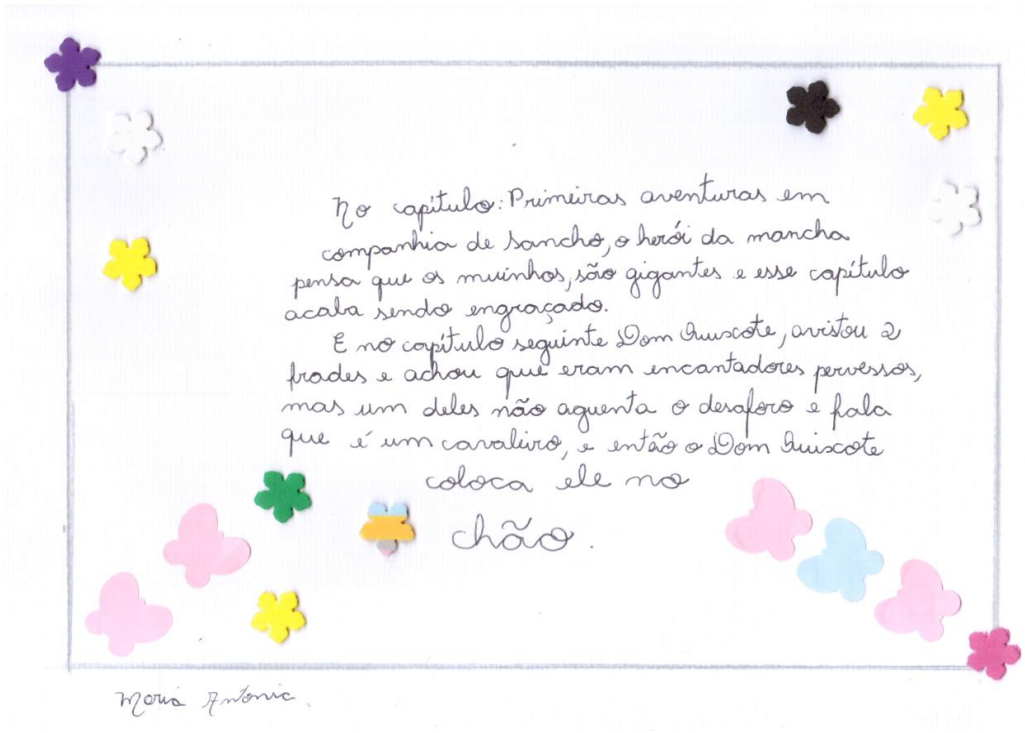


Figura 15 – Cartão feito por aluna participante do projeto
Fonte: Atividade desenvolvida por aluna participante do projeto

Em nossos dias precisamos buscar algo que dê sentido para nossa vida, talvez algo que faça sentido em uma existência tão precária de estima. Vivendo em um mundo onde tudo fica *démodé*, até o deleite pela leitura acaba por fazer parte desse grupo. Enquanto educadores, preocupados em salvaguardar nossas crianças da falta de envolvimento com a leitura literária, temos uma busca incansável por formas de mediar esse encontro entre criança e livro, de forma que a criança veja a literatura como objeto que dê sentido à sua existência, que a veja como um modelo a seguir e objeto em que possa se inspirar.

A literatura faz o conhecimento circular pelos mais diversos lugares, pois é o berço do saber e quanto a essa afirmação temos que reafirmar que o incentivo à literatura se faz necessário sempre, pois:

> [...] ensinar literatura é ensinar a ler e, nas sociedades letradas, sem leitura não há cultura; porque a capacidade de leitura não é inata, mas adquirida; porque os textos literários podem incluir todos os outros tipos de textos que o aluno deve conhecer, para ser um cidadão apto a viver em sociedade; porque os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação, no texto literário não se reduz ao significado (como acontece nos textos científicos, jornalísticos, técnicos), mas opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretações; porque a literatura é um instrumento de conhecimento do outro e de autoconhecimento; porque a literatura de ficção ao mesmo tempo que ilumina a realidade, mostra que outras realidades são possíveis, libertando o leitor de seu contexto estreito e desenvolvendo nele a capacidade de imaginar, que é uma necessidade humana e pode inspirar transformações históricas; porque a poesia capta níveis de percepção e de fruição da realidade que outros tipos de texto não alcançam (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 80-81).

Com as palavras de Perrone-Moisés (2016) fica evidente a necessidade que todo ser humano tem de conhecer, aprender e fazer uso da literatura no decorrer de toda sua vida. Subsidiada pela autora, afirmamos que a literatura deve estar presente em nossa vida desde o princípio, a partir do momento em que a mãe se descobre gestando uma vida em seu ventre. Este deixou de ser um papo elitista, que funciona bem em certas camadas sociais, porque a literatura, como já disse Candido (2011), é direito de todos sem distinções, porque ela alimenta o espírito quando muitas vezes não se consegue avistar um sentido para continuar existindo ou quando os valores já se foram.

A literatura, segundo Candido (2011, p. 177), é um dos elementos que garante o equilíbrio da sociedade, ela “confirma o homem na sua humanidade”. Portanto, faz-se necessário que voltemos nossos olhares para aqueles que ainda

não tiveram seu encontro com a literatura. Desse modo buscamos, por meio de pesquisas, produtos educacionais e estágio de docência, levar até alunos e professores novas formas de ensinar, visando à formação integral de todos os envolvidos com a formação humana.

A literatura é então um meio encontrado para oferecer uma formação humanizadora a partir da infância. As adaptações de Lobato oportunizam as crianças de ontem e de hoje a excelentes leituras; a obra *Dom Quixote das crianças* é um clássico infantil que proporcionou uma vasta experiência às alunas a partir da aplicação do produto educacional.

Nesta busca por formar crianças leitoras, que tenham onde encontrar um significado para sua existência ou onde possam recuperar valores perdidos, acredito ser o incentivo à leitura a melhor, talvez única forma de oferecer sentido à existência de uma pessoa, seja ela adulto ou criança. Neste percurso de pesquisa e estágio foi possível perceber que a leitura literária precisa ser incentivada e pode estar amalgamada ao cotidiano escolar. No entanto, faz-se necessário um envolvimento maior por parte do professor. Enfim, é possível incentivar crianças a serem leitoras, leitoras de clássicos, de livros didáticos, de *Best Sellers*, mas, acima de tudo, leitoras do mundo que as cerca. É fundamental que o educador compreenda que esse trabalho com a leitura literária deve ser contínuo, para que possa atingir seu objetivo enquanto incentivo à formação de crianças leitoras.

3.5 A Recepção de Dom Quixote no Espaço Infância: Considerando os Resultados

As atividades de incentivo à leitura não se efetivam e não formam leitores, como sabemos, por diversos motivos, tais como: falhas na formação inicial, ausência de formação continuada, escassez de cursos específicos voltados para leitura literária e formação de leitores infantis, entre outros. Logo essa busca pela formação de leitores a partir da infância deveria motivar todos os professores que atuam da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I, que se preocupam com aqueles que estão formando. Como afirmou Silva (2004), quando nos propomos a entrar em uma sala de aula e incentivar a formação de leitores devemos dominar o saber que pretendemos repassar, portanto o docente deve ser um leitor no sentido mais amplo da palavra.

Tendo em nós o desejo de incentivar a leitura desde a infância, podemos afirmar que o professor precisa trazer dentro de si esse desejo de transformar a vida da criança. Diante dessa imperiosa necessidade de incentivar a formação de leitores na infância, temos que refletir com seriedade sobre o que pretendemos quando levamos um livro que consideramos ser literatura infantil para a sala de aula. Como nem toda criança tem o privilégio de se iniciar no mundo da literatura infantil com o incentivo de seus pais, cabe à escola apresentá-la à leitura literária, pois:

> [...] a escola é, hoje e desde há muito tempo, a principal instituição responsável pela preparação de pessoas para o adentramento e a participação no mundo da escrita, utilizando-se primordialmente de registros verbais escritos (textos) em suas práticas de criação e recriação de conhecimento. Mais especificamente, a leitura, enquanto um modo peculiar de interação entre os homens e as gerações, coloca-se no centro dos espaços discursivos escolares, independentemente da disciplina ou área de conteúdo (SILVA, 2004, p. 16).

No exercício da docência e nessa experiência de estágio, podemos constatar que nem toda criança chega à escola amando livros ou mesmo nutrindo o desejo pela leitura de textos literários. Na maioria das vezes o texto literário acaba sendo apresentado com mais ênfase aos estudantes do Ensino Fundamental II em diante. É aí que queremos chegar: o professor deve apresentar o texto literário o quanto antes para seus alunos. Eles podem ter contato com livros, mas o texto literário como, por exemplo, as obras de Lobato, precisam ser devidamente

apresentadas pelo educador, para que por meio desse incentivo eles venham a ser leitores perenes que saibam buscar, reconhecer e fazer uso de uma obra literária.

O texto literário apresentado às alunas do quinto ano do Ensino Fundamental I foi algo novo para elas, pois ainda que soubessem um pouco sobre Monteiro Lobato não haviam lido nenhuma obra do escritor. Algumas delas lembraram-se da adaptação feita para televisão, porém percebemos que nem todas haviam assistido. Se o texto literário se distancia do que o leitor costuma ler, existe uma possibilidade maior de ele ampliar os horizontes e expectativas desse leitor. Bordini e Aguiar (1988) explicam que isso acontece devido às originais possibilidades de viver, de se expressar e de ver o mundo que acabam sendo incorporadas aos conhecimentos do leitor. Nesse sentido, o texto trabalhado juntamente com as atividades foi de suma importância, pois ele permitiu que o leitor durante algumas passagens viesse a criar, imaginar, fantasiar junto dos personagens, uma vez que a história exigiu dele essa atuação, reafirmando que o método das autoras Bordini e Aguiar (1988) continua auxiliando a formação de leitores.

Neste ponto podemos afirmar que a obra selecionada cumpriu seu papel e, com a agregação das atividades, conseguimos explorar ainda mais a criatividade de cada aluna. Quanto ao interesse das alunas pela temática, foi bem aceita por termos iniciado com um assunto que acaba fazendo parte do cotidiano de toda criança de nove a onze anos, um herói que luta por causas perdidas tão vistas e urgentes em nosso cotidiano, mas que aparece de forma bem-humorada e divertida, apontando problemas e apresentando soluções. *Dom Quixote das crianças* foi bem recebido pelas alunas, no decorrer das leituras ele acabou tornando-se notório entre as estudantes que acabaram encantadas por esse herói diferente de todos os que elas já tinham visto antes.

A conduta do herói despertou nas discentes questionamentos sobre o certo e o errado, o possível e o impossível, mas acima de tudo apresentou uma nova perspectiva de agir na vida real. Todos os encontros foram tranquilos, cheios de questionamentos, diversão e aprendizado, no entanto poderiam ter acontecido em um tempo maior se fossem em aulas regulares, assim teriam uma duração maior e com a conclusão da leitura da obra inteira, o que consideramos ter sido uma dificuldade na aplicação do produto.

Não estarmos em sala de aula no momento, sem uma turma fixa, foi uma dificuldade na aplicação do Produto Educacional, pois a obra não pôde ser vista por inteiro, o que pode nos mostrar duas consequências derivadas desse fato: o lado bom mostrou-se quando as alunas que se sentiram incentivadas de fato farão a leitura da obra mesmo sem os encontros; o lado ruim por sua vez, é o fato de as alunas que precisavam de mais alguns encontros para serem incentivadas ao gosto pela leitura literária não disporem mais do projeto. É emocionante ver que quando se dá liberdade para que os educandos possam se expressar e asseguramos que eles serão ouvidos o entusiasmo pelo texto lido cresce e assim a ligação do discente com a obra cresce igualitariamente.

Precisamos frisar novamente que ainda que a obra não tenha sido lida por inteiro a semente foi plantada. O professor que faz uso do texto literário em sala em todas as oportunidades que possui está plantando uma semente, e quando consegue concluir a leitura de uma obra e realizar outras leituras na sequência está cultivando essa semente, assim ela irá se tornar uma árvore forte que dará muitos frutos. Durante essa curta jornada do estágio, podemos perceber que a leitura isenta de cobranças precisa ser regular na vida dos estudantes, para compreenderem a vida, precisamos resgatar a leitura prazerosa que se faz por vontade, oferecendo acervos e métodos diversificados, buscando seduzir um por um até alcançar uma classe inteira.

Em conversa com alunos e alguns docentes soubemos que infelizmente o texto literário não tem tido muitas oportunidades quando esporadicamente aparece na sala de aula. Quando o professor pede que leiam um texto, talvez porque gostou do título ou sabe selecionar bons textos, ele termina por deixar sua semente apenas jogada no solo, sem cavar um buraco e sem regá-la, dando-lhe chances mínimas de florescer. No entanto, ainda que esse encontro seja breve e não aconteça com frequência, essa ainda tem sido a única ponte que liga texto literário e aluno. Porém, esse contato precisa ser ampliado e depende muito do empenho de cada educador. Como já disse Silva (2004), precisamos buscar meios de renovação e melhoria para efetivar a formação de leitores, temos visto que o incentivo à leitura apresenta problemas e contradições que precisam ser superados em benefício de nossos educandos.

Pesquisas, como as do Instituto Pró-Livro, apontam que à apresentação do texto literário para a criança precisa avançar, pois sempre que o professor

apresentar uma obra ele deve permitir o diálogo, dar oportunidade para que ele aconteça livremente, liberdade de expressão para seus alunos e uma leitura descompromissada. Quando o docente solicita uma leitura, ela é obrigatória, cheia de cobranças, como extensas fichas de leitura, sem nenhuma intervenção que o leve à criticidade e à descoberta de novos horizontes por meio de cada leitura indicada. Temos que reconhecer que quando a seleção é criteriosa, esse tem sido o breve encontro entre aluno e texto literário, mas ele precisa ser ampliado, é preciso romper com esse dogmatismo que carregamos a tantas gerações.

Sentimos satisfação em ter plantado uma semente, porém acreditamos que um professor que está com seus alunos todos os dias letivos e tem como objetivo incentivar a formação de leitores literários, terá muito êxito e grande parte das sementes plantadas em sua classe germinará, ou seja, a maior parte deles, com incentivo da leitura literária e o seu cultivo diário no ano letivo, culminará em leitores perenes. O fato é que a semente pode ser plantada em dias de sol e regada com assiduidade, mas ela também pode ser plantada em tempos de chuva, com a terra já molhada e receber o cuidado diário que toda semente precisa. Podemos afirmar que o incentivo à leitura pode acontecer em uma semana ou o ano todo, no entanto o importante é que ele aconteça e que essa prática seja levada para a rotina da sala de aula.

A leitura sempre acompanhada ou seguida de atividades divertidas, que auxiliam a criatividade e a criticidade, não era o que as alunas faziam no cotidiano de suas aulas. Foi uma surpresa para elas poderem realizar uma leitura compartilhada sem nenhuma obrigatoriedade de realizar uma “prova” ou ter que entregar um “resumo”. Em seu cotidiano as leituras feitas pelas alunas eram indicação da professora, sendo no máximo três livros por ano e o objetivo era a prova do romance ou o resumo do livro. Elas nunca realizavam atividades que divergissem dessa perspectiva ou mesmo uma leitura compartilhada, e o leitor preferencial era sempre o professor que recolhia a avaliação ou a ficha de leitura e esse era o fim do processo, sem dar aos alunos voz e vez. O fato de realizar algo com liberdade para interromper, perguntar, questionar e liberar sua criatividade por meio das atividades deixou-as mais interessadas na leitura e empolgadas com as atividades que não faziam parte de seu dia a dia na escola.

Todo estágio de docência sempre deixa nos alunos uma experiência que pode mudar muitos aspectos de sua vida, abrir portas para um novo horizonte com

infinitas histórias que podem tornar tudo possível. Esperamos que não seja diferente com as alunas que fizeram parte deste projeto de incentivo à leitura a partir do texto literário de Monteiro Lobato. Não poderemos acompanhar a evolução delas, no entanto esperamos ter deixado uma janela aberta para que possam apreciar outras obras de Lobato e de outros autores com a mesma empolgação que tiveram em nossos encontros.

Enfim, esperamos, diante do exposto neste relato de experiência de docência, que o professor do Ensino Fundamental I venha refletir e pôr em prática tais reflexões acerca do incentivo à leitura literária especialmente por meio das obras lobatianas. Esse incentivo precisa vir dele, pois nem toda criança o recebe por parte dos pais, contudo o texto literário precisa do acompanhamento do docente e de todo seu empenho aliado a seus conhecimentos para formar jovens leitores. A leitura literária não deve ser considerada pelo educador como adorno, ela deve estar intrínseca ao cotidiano da sala de aula. Como disse Lajolo (1986), o texto não deve ser pretexto para nada, ele deve encontrar sua função na leitura.

Quando a leitura se tornou uma atividade essencial aos seres humanos que fazem parte de uma sociedade que se manifesta na maioria das vezes por meio da escrita, temos que incentivar a leitura literária na sala de aula para que possamos ter leitores críticos e perenes inseridos nessa sociedade de consumo que pede que todos leiam seus apelos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada não acabou e não podemos ficar esperando uma varinha de condão ou uma poção mágica que transforme alunos em leitores permanentes e críticos. O professor, mesmo com uma formação que demande algumas reflexões, deve ser curioso o bastante para buscar metodologias e sugerir caminhos para si mesmo com um olhar crítico que lhe permita aceitar que a mudança precisa começar em cada um, antes de ser coletiva, assim podendo cumprir com eficácia a tarefa de formar cidadãos autônomos, que futuramente estarão caminhando com suas próprias pernas.

Mas, e o texto literário? Ele não deve ser elemento inusitado dentro da sala de aula, não se deve fazer do texto literário perfumaria ou adereço. Deve ser considerado *sui generis*, primeiro pelo seu propagador principal, o professor, e, por conseguinte, por aqueles a quem este pretende formar. Mas, o texto literário precisa de uma seleção criteriosa? Sim, ele necessita de uma seleção criteriosa, embasada pela formação e pelas leituras do professor. O texto literário pode auxiliar em toda aprendizagem dentro e fora da sala de aula e, com as metodologias que o docente domine, poderá ser explorado de diferentes formas. No entanto, o contato com o texto literário não exige o domínio da escrita, pois o professor pode usar a oralidade, que pode ser cheia de ludismo sonoro e semântico para apresentá-lo aos alunos que ainda não estão alfabetizados, como afirma Cademartori (2010).

Antes de tudo, o texto literário deve ter qualidade, também precisa privilegiar a criatividade e a fantasia, as quais devem estar em pauta quando se trata de formar leitores, para que o engajamento dos alunos venha a suprir e ganhar sentido juntamente com atividades de leitura que auxiliam esse despertar. A formação de leitores necessita privilegiar os espaços para reflexão favorecendo os momentos que despertem a criatividade, bem como acolher as subjetividades que o aluno traz das ressignificações de experiência com o texto literário.

Ele é elemento inerente ao incentivo e formação de leitores, portanto devemos cultivar a produção lobatiana que privilegia a literatura para crianças, uma vez que Lobato foi o maior incentivador da leitura, especialmente de clássicos e foi quem difundiu o livro com a paixão de um leitor crítico com autonomia suficiente para lutar até sua morte por um país de pessoas emancipadas por meio da leitura.

Sendo assim, diante de tudo o que já afirmamos e de tudo o mais que poderíamos dizer, porque ainda há muito a ser dito, acreditamos estar deixando aqui uma pequena contribuição ao professor do Ensino Fundamental I, com a criação do Caderno de Atividades. Objetivando incentivar a formação de leitores por meio do texto literário, apresentamos no Caderno uma variedade de atividades para ser utilizada durante o incentivo a formação de leitores por meio do texto literário. Oferecemos nele a possibilidade de um trabalho com atividades atrativas para crianças do Ensino Fundamental I, despertando nelas o gosto pela leitura literária, sendo também uma forma que se difere da prova e do resumo por manter as janelas da criatividade aberta. Desse modo, respondemos aos objetivos propostos, nessa pesquisa com o Caderno de Atividades que auxilia na apresentação do texto literário lobatiano no Ensino Fundamental I de forma sedutora, incentivando a leitura literária e a formação de um leitor perene.

Depois desse percurso ainda restam inquietações, porque a busca não deve parar no que diz respeito a melhorar nossas práticas e oferecer sempre o melhor para nossos educandos que poderão ter um futuro melhor e uma nova visão de mundo. O incentivo à leitura e à formação de leitores tem sido discutido e comentado no meio educacional, porém essas discussões precisam ser colocadas em prática.

O professor deve despertar para a realidade e assumir o compromisso com a formação contínua que subsidie suas carências porque, afinal, ser professor é assumir um compromisso sério e duradouro com a busca e disseminação do conhecimento. É esse educador comprometido com a disseminação do conhecimento, preocupado com a formação de leitores, a partir da infância, que precisa adentrar a sala de aula e transformar a realidade vigente. Então, ele pode fazer a diferença na vida de seus alunos, quando decide se vai apresentar ou não o texto literário, se vai incentivar ou não a formação de leitores.

Nossa realidade, muitas vezes, destoa da maioria das teorias que já lemos, mas o fato é que ninguém pode oferecer o que não possui. Sendo assim, o professor deve ser um leitor obstinado e interessado para oferecer a seus alunos um repertório literário que os incentive a ler não só o texto literário, mas todo tipo de texto. Em resposta à questão que norteou está pesquisa, podemos assegurar que o incentivo à leitura de textos literários, especificamente os lobatianos, é possível.

Sabemos que a escola é local privilegiado do saber, detentora de vários deles e tem no professor aquele que dissemina esse conhecimento, portanto é fundamental que o docente priorize o ensino da leitura, utilize métodos e exercite suas práticas de leitura em sala de aula (SILVA; BALSAN, 2013). Dessa forma o educador terá um trabalho que privilegiará a leitura não apenas nas aulas de língua portuguesa, mas fará dessa metodologia rotina em todas as disciplinas auxiliando seus alunos nas mais diversas leituras.

Desse modo, ler também é produzir sentido e a mediação do professor torna-se imprescindível nesse processo que exige metodologias e estratégias diversificadas. Nesse sentido, devemos dizer que as práticas de leitura devem ser mais efetivas, muitas produções sobre metodologias para a formação de leitores já existem e precisam ser experimentadas em nossas escolas e fazer parte do cotidiano escolar, para que formemos leitores desde a infância.

As práticas que visam ao uso do texto literário na sala de aula existem, no entanto precisam ser efetivamente incorporadas à educação básica. O Caderno de Atividades desenvolvido procura, nesse sentido, auxiliar o professor no que tange à apresentação do texto literário em sala de aula. Porém, ele também precisa ser adotado como prática no cotidiano escolar. Dessa maneira as atividades poderão desenvolver no aluno várias habilidades como: contar histórias, ler livremente, a criatividade, a fantasia, o ouvir e compreender o mundo. Esse produto educacional devidamente aplicado poderá propiciar um movimento novo em direção à leitura literária de modo que o educador venha a perceber em cada educando novidades que permeiam toda a sua vivência. As atividades aliadas ao texto literário pretendem gerar emoções, dar prazer, divertir, sanar ou gerar dúvidas e inquietações na cabeça de cada criança, mas acima de tudo esperamos que venha modificar a visão, a consciência e a maneira como as crianças veem o mundo.

A originalidade da obra lobatiana se confirmou nessa experiência de estágio, o que permite que afirmemos a relevância do trabalho com o texto literário lobatiano, que tem valor reconhecido e mensurado por estudiosos de todo Brasil, considerando que a leitura de textos substanciosos como os textos de Lobato pode ser o caminho para inserção do aluno na leitura de mundo, ampliando-lhe os horizontes e ajudando a dar sentido a questões ligadas à vivência humana, seja ela de caráter mais íntimo ou social.

O aluno deve vivenciar a leitura literária diariamente na sala de aula para que venha exercitar sua criticidade, atribuindo significados a suas leituras. Em uma sociedade em constante mudança, os estudantes precisam ser seduzidos para os livros e o professor deve fazer com que essa sedução aconteça embasado por metodologias e selecionando textos de qualidade. Sendo assim, salientamos que o texto literário na infância prepara o leitor para que em idade adulta possa ser capaz de ler para compreender a si mesmo, aos outros e o mundo à sua volta, bem como conhecer muitos outros mundos.

Esperamos, por meio do Caderno de Atividades, oferecer ao professor da rede básica mais um recurso a ser utilizado na formação de leitores. Quando falamos em rede básica queremos deixar claro que algumas atividades podem ser adaptadas tanto para o Ensino fundamental II quanto para a Educação Infantil. As atividades também podem ser trabalhadas com outros textos, desde que o docente as considere adequadas, podendo mesmo adaptá-las contanto que venham enriquecer a formação de leitores. Mais uma vez queremos declarar que o educador pode incentivar seus alunos por meio de textos literários lobatianos, bem como incentivá-los a partir de sua bagagem literária e de metodologias adequadas.

Girotto e Souza (2016) afirmam que a educação literária deve ser um ato de amor, sendo assim devemos ensinar com ternura e conhecimento científico que nos sirva de base durante a seleção do texto literário e de metodologias para incentivar e formar leitores infantis. Se não nascemos sabendo ler ou escrever, porque tudo precisamos aprender, também podemos ensinar e incentivar em nossos alunos o gosto pela leitura de textos literários e formar leitores críticos que posteriormente saberão fazer sua própria seleção de textos e, acima de tudo, leitores que saberão fazer leitura de mundo.

Contudo, o que deve ficar em cada professor, independentemente de sua licenciatura ou do nível de escolaridade em que atua, é que ele reconheça sua importância enquanto ponte que leva alunos até textos literários ainda desconhecidos pelos mesmos. Essa singularidade que o texto literário possui deve ser considerada sempre em detrimento de um país que, como já vimos em pesquisas, ainda lê pouco, por isso é necessário superar barreiras, e o empenho do educador que tem diante si um compromisso em formar cidadãos autônomos fará a diferença.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil*: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

ACIOLI, Socorro. *Aula de leitura com Monteiro Lobato*. São Paulo: Biruta, 2012.

AZEVEDO, Carmem Lúcia de; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato*: furacão na Botocúndia. São Paulo: Senac, 2001.

BORDINI, Maria da Gloria, AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura*: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL. *Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996 que institui as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf. Acesso em: 14 ago. 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. *Resolução CNE/CP 1*, de 15 de maio de 2006 que instituiu as Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia, licenciatura. Brasília, DF: SEED, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. Monteiro Lobato nas imagens da infância. In: CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Áurea Penteado (Org.). *Monteiro Lobato e o leitor de hoje*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

CADEMARTORI, Ligia. *O que é literatura infantil*. São Paulo; Brasiliense, 2010.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: 2011.

CECCANTINI, João Luís. Leituras de Lobato à moda lobatiana: A chave do tamanho lida por crianças do 5º ano do Ensino Fundamental. In: CECCANTINI, João Luís, MARTHA, Alice Áurea Penteado. *Monteiro Lobato e o leitor de hoje*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. p. 11-72.

CECCANTINI, João Luís; VALENTE, Thiago Alves. A bela loucura da imaginação ou por que nunca abandonamos Dom Quixote à beira do caminho. In: VAZ, Artur Emílio Alarcon; MARTINS, Cláudia Mentz; PIVA, Mairim Linck (Org.). *Práticas de Ensino de Literatura*: do cânone ao contemporâneo. Vinhedo: Horizonte, 2017. p. 105-121.

CECCANTINI, João Luís; VALENTE, Thiago Alves. Monteiro Lobato, um clássico para crianças. In: RÖSING, Tania M. K.; BURLAMAQUE, Fabiane Veraldi (Org.).

Atualizando a tradição: cânone e literatura para leitores de hoje. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010. p. 310--329.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil*: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COMPAGNON, Antoine. O demônio de teoria: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2017.

COSSON, Rildo. *Letramento literário*: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 2. ed. 30. Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. Práticas de leitura na infância: desatando os nós da formação de ouvintes e leitores. In: GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). *Literatura e Educação Infantil*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016. p. 11-38.

GUOLLO, Fernanda Maccari. *A recepção leitora de Dom Quixote das crianças*: da prosa às histórias em quadrinhos. 2011 Dissertação (Mestrado). Disponível em https://riuni.unisul.br/handle/12345/4611. Acesso em: 17 ago. 2018.

JUSTO, Rosa Maria Oliveira. *Os moinhos de vento no Brasil*: uma leitura da adaptação de Dom Quixote das crianças de Monteiro Lobato. São Paulo, 2006. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-2707200114030/en.php. Acesso em: 17 ago. 2018.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: AGUIAR, Vera Teixeira; LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina *et al*. (Org.). *Leitura em crise na escola*: as alternativas do professor. 7. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Org.). *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato, livro a livro*: obra infantil. São Paulo: Editora da Unesp: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato*: um brasileiro sob medida. São Paulo: Moderna, 2000.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira*: história e histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Globo, 2010a.

LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das crianças*. São Paulo: Globo, 2010b.

LOBATO, Monteiro. *Emília no país da gramática*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda: Record, 1986.

PERRONE-MOISÉS, Leila. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

PRADO, Amaya O. M. de Almeida. Dom Quixote das crianças e de Lobato. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro*: obra infantil. São Paulo: UNESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p. 325--338.

RIBEIRO, José Antônio Pereira. *As diversas facetas de Monteiro Lobato*. São Paulo: Roswitha Kempf Editores / SMC, 1984.

SANDRONI, Laura. A década de 1870 e a renovação da literatura infantil e juvenil. In: Instituto C&A apoio Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. *Nos caminhos da literatura*. São Paulo: Peirópolis, 2008. p. 219-228.

SILVA, Ezequiel Theodoro. *A produção da leitura na escola*: pesquisa x propostas. São Paulo: Ática, 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro. *Elementos de pedagogia da leitura.* 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SILVA, Joice Machado da; BALSAN, Silvana Ferreira de Souza. Estratégias de leitura, de Isabel Solé: um caminho para a formação de leitores. In: SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (Org.). *Ações para a formação do leitor literário*: da teoria à prática. Assis, SP: Storbem Gráfica e Editora, 2013. p. 81-99.

SILVA, Márcia Cabral da. Dom Quixote das crianças: sobre mediação e aspectos histórico-culturais da leitura. *Miscelânea. Revista de Pós-Graduação em Letras* UNESP – Campus de Assis. Assis, v. 6, p. 1-15, jun./nov. 2009.

SILVA, Vera Maria Tietzman. *Literatura infantil brasileira*: um guia para professores e promotores de leitura. Goiânia: Cânone Editorial, 2009.

SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (Org.). *Ações para a formação do leitor literário*: da teoria à prática. Assis, SP: Storbem Gráfica e Editora, 2013.

SOUZA, Renata Junqueira de *et al. Leitura do professor, leitura do aluno*: processos de formação continuada. Disponível em: http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2004/artigos/eixo3/leituraprofessor.pdf. Acesso em: 13 ago. 2018.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. *Metodologia da Pesquisa*. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

VALENTE, Thiago Alves. *Monteiro Lobato*: um estudo de A chave do tamanho. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

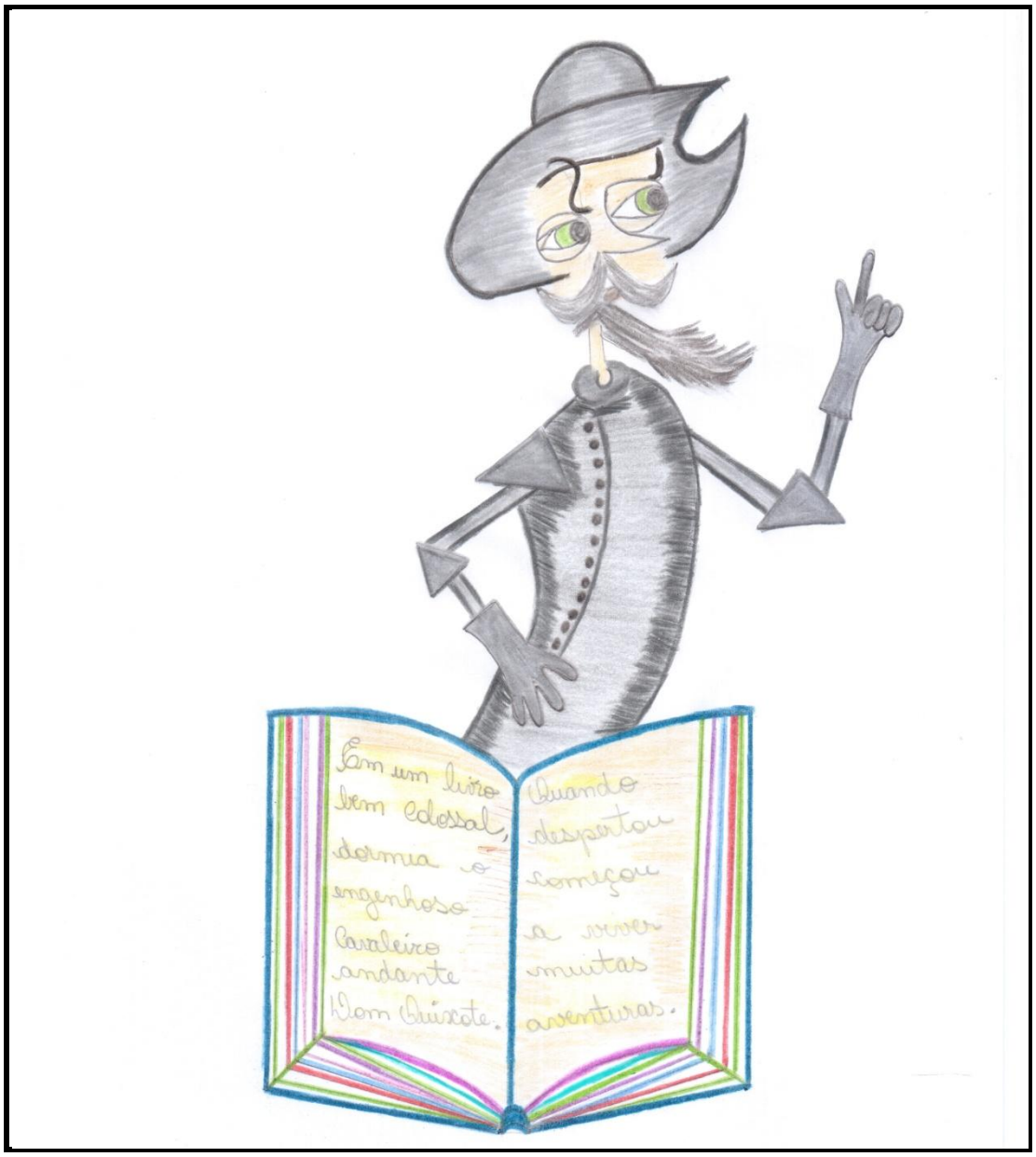
VALENTE, Thiago Alves. *Monteiro Lobato nas páginas do jornal*: um estudo dos artigos publicados em O Estado de S. Paulo (1913-1923). 2009. 3 v. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2009. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/94049. Acesso em: 14 ago. 2018.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro. *Literatura e pedagogia*: ponto e contraponto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

PRODUTO EDUCACIONAL



Fonte: a autora

CADERNO DE ATIVIDADES

DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS

CLÉIA ROSA TOMIZAKI

SUMÁRIO

1 – Contextualizando.....112

2 – Atividades de motivação.....116

3 – Para apresentar a obra.....129

4 – Atividades de desenvolvimento.....131

5 – Atividades de verificação de leitura.....142

6 – Para a finalização.....154

7 – Referências.....163

Contextualizando

O produto educacional é um requisito aos mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza, ofertado pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Londrina. Esse produto deve ser criado em resposta a questões às quais o professor se depara em seu cotidiano. Desse modo, em resposta à questão problematizadora: Como incentivar a formação de leitores a partir do texto literário?, desenvolvemos o Caderno de Atividades, com atividades elaboradas a partir do texto literário lobatiano. Ele vem responder e apresentar alternativas para que o professor do Ensino Fundamental I possa apresentar o texto literário a seus alunos, de forma que incentive neles o gosto pela leitura, especialmente a literária.

O Caderno de Atividades foi desenvolvido a partir da obra *Dom Quixote das crianças*, de Monteiro Lobato. As atividades estão organizadas na seguinte sequência: atividades de motivação, para apresentar a obra, atividades de desenvolvimento, atividades de verificação de leitura e para finalização. O docente deve seguir essa ordem para trabalhar o texto com os seus educandos. Este caderno foi inspirado na sequência básica de Cosson (2016) e no método recepcional de Bordini e Aguiar (1988). Muitas das atividades aqui desenvolvidas foram motivadas pelas aulas de Literatura, ensino e formação do leitor, ministradas pela professora Doutora Marilu Martens de Oliveira, outras são criações originais. Também temos algumas influenciadas em propostas de atividades de Rildo Cosson e outras são releituras de jogos tradicionais infantis.

Cada parte do Caderno de Atividades contempla dez atividades, exceto a apresentação da obra e a finalização, as quais apresentam menos atividades que poderão ser aplicadas sem ressalvas. Nas seções, que apresentam as dez atividades, o docente poderá escolher aquela que mais lhe agradar, não é necessário que aplique todas. No entanto, ele pode selecionar mais de uma atividade de cada seção, e assim poderá montar o seu conjunto de atividades para trabalhar o texto literário, conforme seu planejamento.

Esse conjunto de atividades escolhidas deve ser aplicado sem pressa, para que a leitura e as atividades possam ser apreciadas pelos educandos com a devida atenção de que necessitam. Portanto, o docente poderá organizar-se

de forma que esse processo passe a virar rotina no cotidiano de sua sala de aula. Esse caderno de atividades permite que o professor trabalhe obra e atividade passo a passo, sendo ideal que essa ação caiba no planejamento diário sem tomar lugar de outra prática de igual importância. Desse modo, a aplicação do conjunto das atividades selecionadas poderá ter uma duração maior que o esperado, contando que as atividades e a leitura poderão consumir um tempo maior que o estimado.

Este Caderno de Atividades foi elaborado a partir da adaptação de Lobato, porém as atividades nele contidas podem ser utilizadas no trabalho de seduzir a criança, ampliar sua visão de mundo, enriquecer o seu vocabulário e auxiliar na construção de critérios e opinião própria. Para tanto precisam ser trabalhadas de forma rotineira e fazer parte do cotidiano das escolas.

Incentivar o gosto pela leitura literária deve ser compromisso de todos os professores, deste modo devemos apresentar o novo, mostrar para nossos alunos que desvendar mistérios, conhecer personagens é entrar por uma porta que nos oferece liberdade de fantasiar e de criar. A leitura transforma à medida que oferece ao leitor uma visão e um posicionamento crítico diante da realidade que se apresenta diante dele.

Apresentamos na sequência sugestões para aplicação e a seguir as atividades. Recordando que apresentamos várias atividades para cada etapa, o professor poderá escolher uma de cada seção ou mais para aplicação, desde que elas se mostrem as mais condizentes com a sua realidade escolar e seu planejamento, formando assim um conjunto de atividades a ser trabalhado.

“Dicas” básicas que o professor deve considerar visando o incentivo à leitura literária:

- ✓ Para trabalhar a sequência de atividades visando à formação de leitores, o professor deve estar consciente de que a literatura é um objeto que humaniza, portanto desperta emoções, novas percepções e transforma a consciência do leitor.
- ✓ Caso as atividades sejam aplicadas em horário de contraturno, podem ser trabalhadas em duas aulas com um intervalo curto. O primeiro encontro pode tomar mais tempo que o esperado, no entanto cabe ao professor controlar o tempo e ter um planejamento bastante flexível.

- ✓ Durante os intervalos de leitura pode ser feito um lanche, como os descritos em algumas obras de Lobato, quando tia Nastácia entrava na sala com uma bacia de pipocas, chá, ou mesmo com um de seus deliciosos quitutes.
- ✓ Se houver o intervalo com lanche, esse momento também pode ser aproveitado para que o aluno fale tudo o que pensa sobre o que leu ou ouviu. O aluno deve falar sobre aquilo que estiver lhe inquietando, expressar suas opiniões, sejam elas a favor ou contra, de amor por um personagem ou de raiva por outro.
- ✓ A leitura para cada encontro pode ser de três capítulos por encontro, pois são episódios curtos que se findam em si mesmos.
- ✓ A leitura pode acontecer iniciando com o professor e continuar com os alunos aleatoriamente.
- ✓ Todas as dúvidas devem ser esclarecidas ainda no momento da leitura; o professor precisa entender que toda inquietação deve ser acalmada com respostas satisfatórias.
- ✓ A criança não pode terminar nenhum encontro com questões sem resposta; interromper a leitura para responder à pergunta de um aluno deve ser obrigatório, pois o texto literário nem sempre é fácil. Sempre ouvimos dizer que a leitura é uma ação a dois, encontro íntimo entre texto e leitor, que resulta em transformação do indivíduo leitor.
- ✓ A ação do professor enquanto mediador do texto literário deve adotar a mesma posição de Dona Benta. As ações que ela desempenha enquanto avó podem ser aproveitadas na sala de aula.
- ✓ Durante a leitura o professor não precisa ter receio de permitir que os alunos façam comentários, deem opiniões relevantes ou manifestem suas críticas.
- ✓ Em cada encontro é imprescindível relembrar a leitura anterior. A partir de uma breve retomada pode ser dada continuidade à leitura diária. Se isso acontece todo dia de forma natural, os

alunos acabam incorporando essa ação como parte de sua rotina escolar.

- ✓ O incentivo à leitura literária tem no professor e na escola seu maior aliado, para tanto temos que cumprir com o papel a que nos propusemos para que a literatura também possa fazer sua parte.

ATIVIDADES DE MOTIVAÇÃO

Fonte: a autora

ATIVIDADE 1

Bexiga surpresa

*aproximadamente 25 minutos para aplicação.

Para esta atividade o professor deverá comprar bexigas coloridas, uma para cada aluno; depois escrever o nome de vários heróis em pedaços pequenos de papel e dobrá-los. Feito isso irá colocar cada pedaço de papel dobrado dentro de cada uma das bexigas vazias. O professor pode levar a bexiga vazia para que cada aluno encha a que pegar, ou pode levar as bexigas cheias.

Esta atividade consiste em entregar uma bexiga para cada aluno, que deverá enchê-la caso esteja vazia. Se a bexiga estiver cheia o professor pedirá para que os alunos que tenham o nome começando com uma letra aleatória do alfabeto, por exemplo **R** de Robin, estourem suas bexigas, na sequência, leiam o nome escrito no papel que estiver dentro do balão.

Após ler o nome do herói, o aluno deverá falar o que sabe sobre ele. Dizer qual ou quais os poderes desse herói, suas cores, a causa que defende o vilão que ele combate e outras informações que forem relevantes. Nessa conversa, o professor deverá mediar um *brainstorning* e ouvir o que os demais alunos têm a dizer sobre o herói que o amigo tirou. Como não serão eles que escolherão o herói, nem sempre tirarão o seu preferido, deste modo o professor perguntará ao aluno, quando ele terminar de falar sobre o herói que tirou na bexiga, quem é o seu herói preferido e por quê.

Todos devem ter oportunidade de falar e expressar suas ideias sobre o tema e sobre o seu personagem preferido antes que o professor inicie outra atividade motivadora ou comece a apresentar autor e obra.

ATIVIDADE 2

Cenas de filme

*aproximadamente 30 minutos para aplicação.

Para esta atividade o professor pode trazer trechos de um ou dois filmes que retratem algum herói (sugere-se um filme atual e outro mais antigo). A partir disso características serão comparadas sobre o herói de ontem e o herói de hoje. Primeiro o professor pode passar o recorte do filme mais atual, pois provavelmente os alunos terão mais informações para falar sobre ele. No entanto, quanto ao recorte do filme mais antigo pode ser uma surpresa, porque algo novo tende a chamar a atenção. Sendo assim, o professor deve conhecer os filmes que for apresentar para seus alunos, a fim de poder tirar possíveis dúvidas sobre esse herói menos conhecido.

Um filme ou série de herói mais antigo, pode ser *Quarteto fantástico* na versão de 1991, *Capitão planeta*, de 1990, *X-Men*, em uma versão de 1963, ou Tico e *Teco & Os defensores da lei*, de 1989, desenhos que foram grandes sucessos na televisão brasileira. Quanto ao filme mais atual pode ser *Thor: Ragnarok*, de 2017, *Mulher Maravilha*, na versão de 2017, *Os incríveis 2,* de 2018, *Guardiões da Galáxia*, também de 2017, *Os jovens titãs em ação*, de 2018, ou outro filme de herói que estiver no auge. Assim o professor inicia uma conversa, a partir do recorte dos filmes apresentados, podendo pontuar uma questão muito instigante para a criança; qual o poder ou quais os poderes dos heróis do primeiro filme e do segundo filme.

Cada criança que se sentir à vontade poderá comentar as perguntas do professor, mas é necessário dar oportunidade para todos os alunos. A partir dos comentários o docente deve intervir, sempre dirigindo as questões que venham comparar o herói atual com o herói antigo. Essa comparação deve destacar a causa pela qual o herói de ontem e o herói de hoje lutam. Essa conversa pode ser feita com anotações feitas pelo professor, que repartirá o quadro ao meio, de um lado ele deve escrever o nome do filme ou do herói atual e do outro o filme ou do herói de ontem.

A cada qualidade anunciada pelos alunos deve ser anotada na devida

coluna e comparada novamente. Quando o quadro estiver completo ele deverá ser comparado juntamente com todos da classe, oportunizando que expressem suas opiniões e tirem suas dúvidas antes de se iniciar outra atividade.

ATIVIDADE 3

Em breve, no cinema

*aproximadamente 25 minutos para aplicação.

Para o professor que não tiver a tecnologia a seu favor, esta atividade de motivação pode deixar os alunos motivados com diversão e exigirá deles bastante criatividade. O professor pode começar falando sobre um filme que esteja em cartaz no cinema, escolhendo preferencialmente um filme infantil que esteja no auge. Os alunos podem falar sobre ele, se viram, se ouviram falar ou se assistiram ao *trailer*.

Depois de toda conversa sobre o filme, o professor pode apresentar em *Datashow* o *trailer* e propor aos alunos que anunciem o lançamento de um filme com o seu personagem preferido. Esse personagem pode ser herói, vilão, princesa, rei ou mesmo outro tipo de personagem inventado pelo aluno. Ele também pode imaginar um filme que gostaria que existisse ou um que já existe e do qual ele goste muito para desenvolver a atividade.

A atividade pode ser inspirada no *trailer*, os alunos podem fazer como um gibi, em quadrinhos ou em forma de cartaz de lançamento de cinema. No entanto, o professor deve apresentar essas ideias para que eles tenham opções e pensem em outras ideias para esta atividade. Quando todos terminarem, o professor irá pedir que cada um dos alunos apresente seus filmes. Dentre os lançamentos dos filmes apresentados o docente chamará atenção para aqueles que retratarem algum tipo de herói, mostrando para os alunos as características e qualidades desse herói que aparecer na atividade, sem desconsiderar outros personagens.

Seguindo esta conversa o educador poderá iniciar a apresentação do autor e da obra a ser trabalhada, também pode começar outra atividade de motivação.

ATIVIDADE 4

Os mandamentos do herói

*aproximadamente 25 minutos para aplicação.

Nesta atividade o professor pode começar falando sobre regras, explicando que para tudo que vamos fazer temos regras para seguir, em todos os lugares. Mas, e os heróis? Será que os heróis seguem alguma regra? Com essas indagações o educador deixa para os alunos uma porta aberta para o debate, para exporem suas divergências quanto ao herói seguir ou não regras. Do mesmo modo ele pode questionar sobre as regras para os vilões. Diante de um tema de interesse de grande parte das crianças, os heróis e vilões serão o ingrediente principal desta atividade.

O professor deve propor para os alunos a criação de três ou seis regras para um herói específico. A atividade pode ser realizada em duplas ou grupos. Quando as regras estiverem prontas o professor deve propor uma dinâmica para exposição daquilo que foi criado pelas duplas ou grupos. Ele deverá trazer imagens coloridas, de vários heróis e vilões, não precisam ser muito grandes, podem ser impressas no tamanho da metade de um sulfite, e coladas em forma de plaquinhas. Quando o docente levantar uma plaquinha aleatória os alunos que escreveram as regras para aquele personagem que pode ser herói ou vilão, devem levantar a mão, e então será dada oportunidade para eles se expressarem.

Caso mais de uma dupla tenha escrito regras para este mesmo personagem, deve ser decidido democraticamente quem deve ler primeiro. No entanto, os dois grupos devem ler suas regras, explicando os motivos que os levaram a criá-las. Assim, a atividade pode continuar. O professor pode aproveitar a dinâmica para iniciar a apresentação da obra que será trabalhada, depois que todos tiverem suas oportunidades de falar.

ATIVIDADE 5

Herói ou vilão?

*Aproximadamente 25 minutos para aplicação.

Nesta atividade o professor deve começar falando dos heróis, de suas batalhas contra os vilões, de seus poderes, de suas vestimentas, das tecnologias que usam ou que não usam. A partir das discussões, o educador deve sugerir que os alunos pensem no seu herói preferido, ou pensem no seu vilão preferido, por que não?

Depois que a conversa acontecer, o professor deve entregar uma folha sulfite com um pedaço em branco no final, no qual deverá haver umas cinco linhas impressas, na qual os alunos devem desenhar seu herói preferido e nas cinco linhas abaixo devem escrever as qualidades desse herói, qual seu objetivo e a causa que ele defende. Essa atividade pode ser trocada entre os alunos, mas o professor deve recolhê-las quando todos tiverem terminado e, em seguida, distribuir aleatoriamente entre eles.

Quando todas as atividades estiverem entregues, o educador pode pedir para que cada um dos alunos leia o que está escrito sobre o herói que o colega desenhou e as qualidades que destacou. Preferencialmente as atividades não devem ter o nome do aluno, cada um pode colocar suas iniciais no verso da folha. Depois que falar quem foi o herói escolhido e ler o que o colega destacou, o aluno pode falar o que pensa sobre aquele herói ou vilão.

Depois dessa dinâmica de troca de atividades, elas serão devolvidas e os alunos deverão justificar sua escolha de vilão ou herói e falar sobre os poderes que esse personagem tem ou como ele luta para combater o mal, no caso dos vilões como eles praticam suas maldades. Para encerrar, as atividades podem ser expostas em um varal de personagens dentro da sala.

ATIVIDADE 6

Criando um herói

*aproximadamente 30 minutos para aplicação.

Esta atividade deve começar com o professor chamando a atenção dos alunos para algum herói que estiver em destaque nas mídias, seja em filmes, em desenhos, canal de *youtubers* etc. Os educandos terão muitas novidades para contar e nada melhor que organizar a turma para que todos tenham oportunidades de falar sobre uma notícia de seu herói ou alguma qualidade que nele se destaca mais que em qualquer outro.

Depois dos comentários sobre esse assunto, o professor deve sutilmente introduzir outro tópico relacionado ao herói. Como se fosse uma dúvida que quisesse sanar, o professor pode questionar aos alunos se algum deles sabe como nascem os heróis, quem cria um herói. Afinal, os heróis nascem da imaginação de alguém ou podem ser fruto da construção coletiva, como parte dos heróis clássicos, que, com muito trabalho e criatividade, lhe dá vida e faz dele alguém que inspira muitas crianças, jovens e até mesmo adultos.

Desde sempre o herói tem inspirado muitas pessoas. Na época em que as pessoas não tinham televisão e revista em quadrinhos para conhecê-los, eles se revelavam por meio da oralidade. Alguns heróis de outros tempos eram conhecidos como lendas. No entanto, hoje tudo está bem diferente, já temos até os heróis da vida real, pois toda vez que alguém faz uma boa ação – que deveria ser o normal – e alguém o flagra com a câmera de um celular e esta pessoa aparece nas mídias, pode nascer um herói da vida real.

Diante de toda essa contextualização os alunos terão mais questões para expor e mais uma vez o professor oportunizará a participação de cada um que tenha algo para comentar, questionar ou mesmo para falar sobre o assunto. Seguindo nessa perspectiva o professor pode propor a criação de um herói. Os alunos podem realizar a atividade individual ou em duplas, escrevendo as qualidades e tudo que considerarem relevante sobre esse herói recém-inventado.

Se a atividade for realizada em duplas, o professor pode distribuir um pedaço de papel Kraft de tom mais claro para que os alunos possam desenhar o herói que criarem. Para o desenvolvimento dessa atividade o professor deve ter canetinhas, lápis de cor, giz de cera, pincel atômico e revistas para recorte, as quais darão um diferencial para a atividade. Cada criança pode usar os recortes como preferir, porém esse herói deve ser inédito, algo inovador, o que dará liberdade para a criança fantasiar, criar e administrar suas ideias.

Quando todos terminarem as atividades, cada um deve apresentar sua criação e falar das qualidades do herói que criou, bem como divulgar o nome dele, item imprescindível para um herói. Esta atividade libera a criatividade e a fantasia da criança, sendo uma oportunidade para que ela possa exteriorizar o que cria em sua mente.

Ao final da atividade, quando todos tiverem feito suas apresentações e comentários, o professor poderá colar as atividades em um mural na parede da sala ou guardar para uso em atividade final.

ATIVIDADE 7

Recortando cenas

*aproximadamente 30 minutos para aplicação.

Para esta atividade o professor deve trazer revistas de recortes (previamente selecionadas), colas, tesouras e papel sulfite para distribuir para cada aluno. O docente pode iniciar falando sobre os três mosqueteiros, perguntando quem conhece essa história, quem já ouviu falar, ou quem os viu em algum desenho. O professor deve ressaltar que eles lutam por causas importantes. Também pode falar do *Hobin Hood*, que luta em defesa dos pobres e indefesos. Toda essa conversa tem como objetivo instigar os alunos a pensarem nos heróis e nas causas que cada um deles defende, levando à discussão a relevância que esse herói teria na sociedade.

Na sequência dessa conversa, o educador deve propor que os alunos pensem em uma cena de um desenho, de um filme, de um livro ou de revista em quadrinhos que retrate um episódio em que o herói combate uma causa que eles considerem muito importante. Depois desse exercício o professor irá propor a reprodução da cena que cada aluno pensou em que o herói luta por uma causa importantíssima. Para reproduzir isso os alunos devem utilizar as revistas para recortes e montar a cena com colagem no sulfite entregue pelo professor.

A colagem pode ter uma moldura, ou pode ser decorada como cada aluno preferir, a ideia é deixar esta cena como em um quadro. A atividade deve ser comentada antes de ser entregue para o professor. Os alunos irão contar toda a história de sua colagem, relatando quem é seu herói e o que a sua cena retrata. Essa atividade, assim como algumas outras, pode ser exposta em um varal de cenas e depois guardadas para serem utilizadas na atividade final.

ATIVIDADE 8

Modelando personagens

*aproximadamente 30 minutos para aplicação.

A modelagem é uma atividade que a maioria das crianças aprecia. Para a realização dela o professor deverá trazer uma boa quantidade de massinha de modelar e um jornal para ser distribuído entre os alunos. Cada um deve receber no mínimo quatro cores diferentes de massinha para colocar toda sua criatividade em prática.

A proposta da atividade deve começar com o professor perguntando qual o personagem preferido de cada aluno. Essa questão iniciará uma discussão sobre personagens mais interessantes ou mais conhecidos e o educador deve estar atento para encaminhar as perguntas e as discussões para que os alunos percebam a diversidade de personagens que temos nas mídias. Cada um tem o seu preferido, que não precisa necessariamente ser o mais conhecido ou o bonzinho.

Pensando em tantos personagens e diante de uma diversidade de opiniões dos alunos, o professor irá propor que cada um modele o personagem que mais gosta, em sua carteira em cima do jornal, liberando sua fantasia e colocando toda criatividade na modelagem.

Quando todos tiverem modelado seu personagem será o momento de fazer a explanação sobre o que cada um criou. Depois dessa atividade, conforme o planejamento do professor poderá ser realizada outra atividade de motivação antes de iniciar a apresentação do autor e obra. Os alunos poderão levar a massinha para casa ao final da atividade.

ATIVIDADE 9

Quem eu sou?

*aproximadamente 25 minutos para aplicação.

A proposta desta motivação é inspirada no jogo cara a cara, por isso o professor deve explicar como funciona esse jogo. Caso os alunos já conheçam o jogo, o docente deve dizer que a atividade que farão é parecida com o jogo cara a cara.

Para esta atividade o professor deve escolher no mínimo 4 heróis que estiverem fazendo sucesso nas mídias e imprimir suas respectivas imagens como se fosse uma foto do jogo cara a cara. Para iniciar a atividade ele irá escolher, por meio de sorteio, um aluno para vir na frente escolher um personagem das fotos impressas e começar a brincadeira.

Sendo inspirada no jogo cara a cara, esta atividade não precisa seguir o mesmo roteiro do jogo original. Tem uma semelhança, mas não é uma reprodução fiel. Nela, os alunos devem dar dicas de acordo com as roupas do herói, seus poderes, vilões que enfrentam e outras informações que tenham a respeito; não é necessário um roteiro, eles podem improvisar de acordo com sua criatividade.

O aluno que estiver na frente com a foto deve começar a dar as dicas para que os colegas adivinhem quem é o personagem. Aquele que adivinhar o personagem virá à frente, escolherá o próximo personagem herói e dará sequência ao jogo, nessa ordem. Quando todos da turma tiverem participado o professor pode finalizar a atividade com uma reflexão sobre quem são os verdadeiros heróis em nossa sociedade e, assim, dar continuidade ao trabalho de acordo com seu planejamento.

ATIVIDADE 10

Construindo personagens

*aproximadamente 25 minutos para aplicação.

Para esta atividade o professor pode lembrar os alunos de um jogo que já foi muito popular, mas tem sido esquecido em função do uso de novas tecnologias, o Dominó. Após essa conversa o educador irá propor a atividade que foi inspirada nesse jogo, portanto apresenta alguma semelhança com ele.

Para tanto, o docente irá usar apenas giz colorido e a lousa. A atividade deve iniciar com ele escrevendo na lousa o nome de um personagem e, a partir da última sílaba do nome desse personagem os alunos, em ordem, devem dizer o nome de um outro personagem e assim por diante até chegarem a uma palavra que ninguém possa formar o nome de um outro personagem a partir da última sílaba.

O professor pode elaborar algumas regras para essa atividade, por exemplo: não se podem repetir personagens; a sílaba do nome do personagem pode estar no meio, no começo ou no fim do nome do personagem que irá completar a construção de personagens inspirada no dominó.

Ex.: M Ô N I C A
L
A
D
I T
N E M O
M I C K E Y

Esta atividade é bastante dinâmica, exige atenção dos alunos. Quando eles concluírem a atividade, o docente pode pedir que copiem o modelo para brincarem em outros momentos com os colegas iniciando, a partir desse gancho, a apresentação do autor e obra ou iniciar uma segunda atividade motivacional.

PARA APRESENTAR A OBRA

Para apresentar o autor e a obra para os alunos o professor pode seguir algumas dicas. Mesmo que já tenham ouvido falar de Monteiro Lobato, o docente pode fazer uma apresentação diferenciada, procurando esclarecer algumas possíveis dúvidas que as crianças tenham a respeito do escritor. Para esse momento, o professor poderá preparar uma apresentação em *PowerPoint*, contemplando um vídeo que fale sobre a vida de Monteiro Lobato de forma aprazível e breve. Durante a apresentação pode acrescentar informações e explicar as imagens e o vídeo.

Após a apresentação do autor, o professor deve falar sobre as obras originais e as adaptações que foram feitas pelo escritor. Nesse momento ele deve apresentar uma das grandes adaptações: *Dom Quixote das crianças*. Durante a apresentação da obra, o educador deverá apresentar o autor da obra original, Miguel de Cervantes Saavedra, explicando o contexto em que essa obra foi escrita, para que a adaptação de Lobato faça sentido para os alunos.

Para despertar maior interesse dos alunos pela vida de Cervantes e por sua criação considerada obra-prima, o professor pode elaborar mais uma apresentação em *PowerPoint* com fotos, informações mais relevantes sobre o escritor e também sobre romances de cavalaria. Para falar dos romances de cavalaria, ele pode utilizar a obra *O rei Arthur e os cavaleiros da távola redonda*, e perguntar para os alunos quem conhece ou já ouviu falar sobre o Rei Arthur. (Eles podem ter visto alguma passagem dessa história em um filme ou desenho, pois muitos desenhos trazem cenas do clássico, em especial a espada do rei Arthur em uma pedra.)

Para apresentação de Miguel de Cervantes o professor pode trazer imagens em mídia ou impressas da Mancha, que é uma região específica da Espanha, também pode apresentar imagens das estátuas de Cervantes que estão espalhadas pela Espanha, mais especificamente da cidade de Madri. Ele deve perguntar aos alunos o que sabem sobre este país; pode também levar um globo terrestre para localizar a Espanha com os alunos. Enquanto eles encontram a

Espanha no globo o docente pede que imaginem a distância da Espanha em relação ao Brasil, realizando esse percurso com o dedo no globo.

Feita essa atividade o educador deve mostrar a adaptação de Lobato aos alunos, preferencialmente entregando um exemplar para cada um. Para o professor que não dispuser de um exemplar por aluno, deve preparar uma cópia para cada um, permitindo que eles explorem o livro antes de iniciar a leitura.

Nesse momento, o livro deve ser explorado, examinado e observado pelos estudantes. As dúvidas durante essa exploração precisam ser sanadas, deve ser feita uma explanação sobre a ilustração da capa, sobre quem a ilustrou e quanto à relevância da ilustração.

Depois desses passos, o docente pode iniciar a leitura da obra. Recomenda-se uma atividade antes da primeira leitura, porém fica a critério do professor fazer ou não essa proposta.

ATIVIDADES DE DESENVOLVIMENTO

Fonte: a autora

ATIVIDADE 1

Café com Tia Nastácia

*aproximadamente 25 minutos.

Esta atividade pode ser desenvolvida após a leitura dos primeiros capítulos. No primeiro capítulo temos Tia Nastácia que se compadece do pobre Visconde esmagado. Aproveitando esse gancho, o professor pode propor um café com Tia Nastácia, afinal, de acordo com Lobato, ela é uma excelente quituteira. Nesse café o educador pode escolher alguns quitutes que aparecem nas obras de Lobato feitos por Tia Nastácia e trazer para seus alunos como um café no sítio. Nele o assunto deve ser a personagem Tia Nastácia e o descaso de Emília para com o Visconde. O docente deve trazer questões que estimulem a criticidade, os sentimentos e ideias dos discentes.

Esta atividade pode ser desenvolvida ao ar livre ou mesmo dentro da sala, tudo dependerá das possibilidades do professor quanto a tempo e local. Nesta atividade os alunos podem saborear doces, falar sobre guloseimas que Tia Nastácia faz para as crianças do sítio. Durante o café com Tia Nastácia o educador pode direcionar os educandos a pensarem sobre o que Dom Quixote comia. Ele também pode fazer uma pesquisa rápida sobre comidas típicas da Espanha, ou mais especificamente da Mancha. Outra possibilidade seria propor que os estudantes realizassem essa pesquisa para conhecer um pouco mais sobre o país do cavaleiro da mancha.

A conversa durante o café deve ser divertida, momento para discutir sobre as primeiras leituras, fazer perguntas e falar sobre o que pode ser considerado relevante a partir da leitura já feita. Deve-se salientar que essa atividade foi pensada buscando esclarecer dúvidas. Ela também serve como termômetro para que o docente perceba o quanto os estudantes estão envolvidos com a leitura (história), podendo ele então seguir com a leitura ou iniciar outra atividade.

ATIVIDADE 2

Pintando os sentimentos

*aproximadamente 25 minutos para aplicação.

Esta atividade deve ser desenvolvida no momento em que a leitura estiver no quarto capítulo “Terrível combate”. Durante a leitura o professor pode instigar os alunos a dizerem o que a ação do herói e do patrão significou para cada um, ressaltando também a reação de Emília, que esboça toda sua indignação, assim como os demais personagens. Quando a leitura do capítulo terminar, esta atividade deve ser iniciada.

O docente deve mostrar para os discentes que em contato com obras de arte muitas pessoas demonstram sentimentos diversos, devido ao caráter de subjetividade impresso nas artes. Para uma melhor explanação o educador pode apresentar imagens impressas de três obras de arte distintas, podendo eleger tela, escultura e poesia, entre outras que ele julgue impressioná-los.

Depois da observação e dos comentários sobre as obras de arte trazidas, como por exemplo, cada educando deve pintar os sentimentos que a ação do cavaleiro lhe despertou, usando as cores que preferir, em uma folha de sulfite entregue pelo formador.

O professor deve esclarecer que nessa atividade os alunos não precisam desenhar, podem fazer uma pintura abstrata, mostrando, em mídia ou em livros, imagens de pinturas de artistas famosos ou artistas desconhecidos para inspirar os alunos. Cada aluno deve pintar com as cores que representar o que sentiu ao ler ou ouvir a descrição da cena. A pintura pode ser posta em moldura ou não, como os estudantes preferirem.

Essas atividades podem ser penduradas em um varal, que pode ser no final da sala. A cada atividade a ser exposta nesse varal o docente pode dar um nome específico para ele, nesse caso poderá ser chamado de varal de sentimentos. As atividades devem ficar expostas até que surja outra atividade para substituí-la, podendo estas serem guardadas para uma atividade de finalização.

ATIVIDADE 3

Charge do personagem

*aproximadamente 25 minutos para aplicação.

A charge do personagem é uma atividade que consiste em levar a criança a imaginar um personagem com alguma característica que já tenha ficado saliente no decorrer da leitura da obra. O professor deve explicar para os alunos o que é uma charge, ressaltando que ela sempre evidencia qualidades ou defeitos daquele que está sendo retratado.

Os alunos podem escolher o personagem que preferirem para desenhar a charge, pode ser da história de Cervantes ou de Lobato. Algumas crianças podem se sentir mais familiarizadas com a turma do sítio. A charge pode ser colorida ou em preto e branco, se for útil o professor pode mostrar alguns modelos de charge para eles.

Os educandos devem receber papel sulfite para realizar a atividade, a qual deve ser individual. Após a conclusão da charge podem dizer o personagem que escolheram e qual qualidade quiseram ressaltar nesse personagem. As charges podem ser expostas no varal de atividades para que os colegas de classe as visualizem e apreciem.

ATIVIDADE 4

Jornal da Mancha

*aproximadamente 30 minutos para aplicação.

Esta atividade consiste em colocar os alunos em duplas ou em trios para que façam uma reportagem, a qual pode ser feita como personagens ou como jornalistas conhecidos. Se a opção for por personagens, eles podem escolher um para ser notícia em seu jornal; se a escolha for por jornal como as mídias do cotidiano, um aluno pode ser o âncora, o outro pode ser o repórter que vai às ruas e os demais poderão ser transeuntes que serão entrevistados.

Atividades que envolvem mídias e gravação podem causar um pouco mais de agitação nos alunos. Eles devem ter tempo para discutir sobre as ações que serão desenvolvidas no jornal. Esta atividade pode ter um esboço, um roteiro para que as duplas ou trios possam seguir, o qual será entregue ao professor depois que o jornal for filmado.

Na entrevista, o discente repórter que está nas ruas ou em um local específico, entrevistará outros para que ambos digam o que acharam da leitura, o que poderia ser diferente, o que mudaria nesta história, assim um terá a percepção do outro e poderão ver que temos ideias diferentes e que cada um pode enxergar a mesma história sob pontos de vista diferentes.

Caso a reportagem escolhida seja como personagem um aluno será o repórter e outro o personagem a ser entrevistado. Devem produzir um roteiro como na reportagem anterior, e também deve ser filmada. Quando finalizar as filmagens o docente pode exibi-las em mídia para que os educandos observem as cenas e vejam que uma história pode inspirar muitas ações.

ATIVIDADE 5

Propaganda do Livro

*aproximadamente 30 minutos para aplicação.

Esta atividade tem como objetivo divertir, instigar e também auxiliar o professor a ter claro o quanto a criança está envolvida com a leitura da obra. Considerando o fato de que os alunos de hoje estão extremamente ligados a todo tipo de mídia e de tecnologias, em especial os celulares, podemos usar essa ferramenta a nosso favor.

A propaganda do livro pode acontecer primeiro com cada aluno preparando um *script* de como será sua propaganda. Para que a atividade tenha um diferencial, o docente pode fazer um painel com E.V.A. com o nome da obra e uma decoração condizente, o qual fará parte da atividade como um cenário de fundo. Quando os alunos terminarem de preparar a propaganda do livro, o professor deve convidar um a um para irem até o painel e imaginarem que estão diante de uma filmagem muito especial para venderem, indicarem, chamarem atenção para o livro *Dom Quixote das crianças.* Algumas crianças podem fazer dessa atividade um episódio muito especial, e todos devem ter oportunidade de realizá-la.

Essa atividade pode ser feita em duplas, no entanto isso fica a critério de cada educando. Os que optarem por desenvolver a atividade em duplas poderão fazer, assim como aqueles que preferirem fazer sozinhos. As propagandas devem ser breves, o professor deve estipular um tempo e filmar todas dentro do tempo estabelecido. Após as filmagens elas podem ser exibidas em *datashow* e estimuladas a observarem as cenas como se a propaganda estivesse sendo exibida na televisão.

ATIVIDADE 6

Roda de conversa

*aproximadamente 25 minutos para aplicação.

A roda de conversa pode ser feita antes do início da leitura ou após ela ser feita, podendo acontecer mais de uma vez. No entanto, o professor deve conduzi-la para que cada um dos alunos possa apresentar suas percepções quanto às intenções do escritor, quanto ao que pensam após conhecerem uma adaptação de uma grande obra literária, sobre a maneira como se constituiu cada personagem dentro da história, bem como saber se compreenderam que nessa história temos outra acontecendo paralelamente: a da turma do Sítio do Picapau.

A atividade deve ser descontraída e o docente direcionará os assuntos, os quais serão discutidos com os alunos. Todos devem ter voz e vez durante a roda de conversa, que não precisa ser dentro da sala de aula, pode ser no chão para que todos fiquem mais descontraídos.

A roda de conversa desenvolve mais que a oralidade, ela auxilia a criança a ouvir, a se expressar, fazer relatos, elaborar suas opiniões, e concordar e discordar de forma pacífica. Desse modo, o docente pode aproveitar o momento dessa tarefa para ampliar o horizonte de seus alunos por meio do diálogo. A roda de conversa auxilia as crianças a darem atenção ao outro ouvindo o que cada colega tem a dizer. Essa atividade também compreende que todos precisam saber falar e escutar, tudo precisa ser bem organizado para que os alunos venham a refletir sobre o assunto em discussão.

Essa conversa deve priorizar a última leitura, para finalizar a atividade os estudantes precisam compreender que essa conversa lhes traz contribuições significativas e que a oralidade tem a mesma relevância da escrita na sociedade.

ATIVIDADE 7

Leitura dramatizada

*aproximadamente 25 minutos para aplicação.

Para essa atividade o professor irá preparar com antecedência o nome de todos os personagens que aparecem nos capítulos que serão lidos neste encontro. A proposta é colocá-los em um papel, recortar, dobrar e inseri-los em um saquinho. Na sequência, ele deve ir até os alunos para que cada um pegue um desses papéis. Quando todos os personagens estiverem entregues, o educador pedirá que um por um abra o papel que tirou e leia o nome do personagem.

Essa atividade será desenvolvida então desde o início da leitura proposta para o dia. Cada aluno deverá lembrar qual personagem pegou no sorteio e, então, toda vez que aparecer uma fala do seu personagem esse aluno deve fazer a leitura e assim por diante. Pode ser um pouco difícil no começo, mas depois que eles entendem bem a leitura dramatizada acabam se divertindo.

A leitura dramatizada pode ser feita em mais de um encontro, não tem necessariamente que acontecer uma única vez. Também pode ser realizada em um próximo capítulo com um novo sorteio para que os alunos interpretem outros personagens durante a leitura.

ATIVIDADE 8

Mosaico

*aproximadamente 30 minutos para aplicação.

Esta atividade deve contar com a antecipação do professor que deve trazer impresso o contorno de vários personagens do sítio e da história de Dom Quixote. O contorno desses personagens deve ocupar toda a folha de sulfite e ser nítido o bastante para que a criança possa reconhecer o personagem logo ao olhar para sua silhueta impressa.

Os alunos podem escolher o personagem com quem mais se identificarem. O docente vai explicar para eles como se faz um mosaico, se possível apresentar um para que tenham um modelo concreto para se inspirar. A silhueta dos personagens deve ser entregue juntamente com pedaços de papel crepom de várias cores, os quais devem ser entregues enrolados.

Depois de entregues, os alunos podem escolher que tipo de mosaico querem fazer. Podem escolher recortar o papel crepom e fazer bolinhas, rolinhos, cones, recortar em quadradinhos, recortar como uma franja e também podem escolher outros recursos, como E.V.A. recortado em pequenos quadrados ou em tiras finas. O educador também pode escolher outros materiais para esta atividade, desde que estejam devidamente preparados para serem manuseados por crianças.

É possível que a atividade tenha mais de um tipo de material. Depois de prontas, as atividades ficarão expostas no varal de mosaicos, que o professor pode fazer na própria sala de aula.

ATIVIDADE 9

Superpoderes

*aproximadamente 25 minutos para aplicação.

Nesta atividade, o educador deve iniciar uma conversa com os educandos sobre as lutas que Dom Quixote enfrentava. O cavaleiro não tinha poderes, não tinha nem mesmo pensamentos condizentes com a realidade, mas mesmo assim ele lutava contra tudo que julgava ser injustiça. Na sequência o professor pode falar sobre Sancho, o fiel escudeiro, que também não tinha poderes e mesmo assim ajudava o cavaleiro como podia.

Depois da conversa o professor fará uma pergunta que deve ser escrita no quadro: *Se você pudesse ter superpoderes, qual escolheria?* Os discentes devem responder à pergunta em uma folha pautada; a resposta deve ser clara e as escolhas devem ser justificadas.

Cada criança pode escolher mais de um poder, pois alguns heróis possuem vários. A escolha de cada um precisa ser justificada e, ao final, os alunos deverão escrever quais causas irão combater com seus poderes.

Os alunos podem criar seu uniforme de super-herói e colocar toda sua criatividade no papel. A atividade deve ser entregue ao docente após a leitura e comentários sobre superpoderes e as crianças também poderão explicar o que significam as cores escolhidas para a roupa e se ela tem algum diferencial.

As criações ficarão expostas no varal de heróis, posteriormente serão recolhidas podendo ser utilizadas em atividade de conclusão do trabalho com a obra.

ATIVIDADE 10

Memórias

*aproximadamente 25 minutos para aplicação.

A partir da negação de Emília quanto à morte do cavaleiro, o professor pode iniciar uma conversa sobre personagens que nunca morrem porque vivem no imaginário de cada leitor que adentrou suas aventuras e o trouxe para viver em sua memória para sempre.

Nesta atividade o professor vai exercitar a memória dos alunos pedindo que busquem se lembrar de algum personagem que morreu em alguma história que já leram. Essa atividade deve evidenciar que quando uma leitura toca o leitor, quando um personagem marca o leitor por suas ações ou porque o mesmo se identificou com esse personagem ele nunca morre, pois fica para sempre em nossa memória.

Quando os estudantes se recordarem de um personagem que vive em sua memória, o professor deve pedir que todos relatem as características desse personagem e tudo que considerarem importante sobre ele. Depois dessa descrição da memória cada aluno deve ler o seu relato ou simplesmente falar sobre o personagem que vive em sua memória desde que o conheceu por meio de uma leitura.

Para finalizar, os alunos poderão ilustrar o personagem do seu relato, que pode ser exposto no varal de memórias. Os relatos serão entregues ao educador que fará a correção e devolverá aos estudantes em outro momento ou mesmo em uma aula de língua portuguesa para as devidas correções.

ATIVIDADES DE VERIFICAÇÃO DE LEITURA

Fonte: a autora

ATIVIDADE 1

Acróstico

*aproximadamente 25 minutos para aplicação.

O acróstico está um tanto esquecido e esta atividade é uma forma de trazê-lo de volta ao meio escolar. Antes de propor a atividade o professor deve explicar aos alunos o que é um acróstico. A atividade é sempre voltada para a obra trabalhada, sendo assim o acróstico deve ser construído com os nomes dos personagens vistos durante a leitura. A atividade pode ser feita em folha sulfite ou em cartolina para ser exposta depois.

Esta atividade tem como foco despertar a criatividade dos alunos, permitindo que busquem novos adjetivos e recordem os que já fazem parte de seu cotidiano. As atividades realizadas nos encontros têm significados e os alunos precisam perceber que elas fazem sentido e que o texto literário não conta apenas uma única história, ele liberta a criatividade, desperta sentimentos e nos ajuda a entender melhor o mundo.

Sendo assim, o acróstico pode auxiliar os alunos a despertarem sua criatividade, ampliarem seu repertório linguístico e também faz com que recordem de aprendizagens advindas de outros momentos. Desse modo os educandos devem produzir um acróstico com nomes de personagens da obra e não precisa ser de um único personagem. O professor deve incentivá-los a produzirem acróstico com frases ou até mesmo que contem uma história curta sobre o próprio personagem. Quando os alunos terminarem a atividade eles devem ler e depois entregar para o professor.

Fazendo tudo
Sempre com **A**mor
Mantendo todos
Un**i**dos e em harmonia
Liderando com
Prec**i**são está ela
Amada Mãe.

ATIVIDADE 2

Dramatização

*aproximadamente 30 minutos para aplicação.

Esta atividade, nomeada de dramatização, será feita a partir do capítulo lido anteriormente. Os papéis dos personagens, o narrador, os espaços que existem na cena e toda direção da dramatização devem ser discutidos entre os alunos de forma democrática.

O professor pode trazer impressas cópias do roteiro do capítulo que vai ser dramatizado, isso pode auxiliar os alunos a se organizarem para ensaiar a dramatização, que pode ser feita em grupos com até cinco integrantes. Todos devem receber os roteiros, fazer a leitura e quando a cena estiver ensaiada e as crianças confiantes para fazer uma apresentação breve, o educador poderá organizar a sequência das apresentações.

A atividade privilegia a fantasia da criança, a qual poderá divertir e elas poderão ver o mundo pela ótica de um personagem, pois o método recepcional busca a participação ativa do aluno em todos os momentos (BORDINI; AGUIAR, 1988). O professor deve ressaltar aos alunos a importância da literatura para liberar a fantasia e ver o mundo pelos olhos de um personagem que o autor criou, talvez com uma ideia bem diferente da que temos hoje.

Após a preparação, os alunos devem apresentar a dramatização do capítulo lido para todos da classe. O docente deve auxiliar todo processo, conduzindo-os ao cenário que pode ser improvisado por todos ou imaginário. Como nem todos serão personagens, aqueles cujas funções não exigirem que permaneçam na cena, devem fazer parte da plateia.

Para encerrar a atividade o docente pode sentar com os estudantes em círculo no chão mesmo e cada um poderá expressar sua opinião sobre a dramatização, colocando os pontos positivos e negativos e contribuições.

ATIVIDADE 3

Cartão de indicação de leitura

*aproximadamente 25 minutos para aplicação.

A indicação de leitura é uma atividade em que cada aluno deve dizer para quem indicaria a leitura da obra *Dom Quixote das crianças*. Depois que cada criança disser quem deverá ler a obra é hora de explicar mais sobre a atividade. Na sequência da atividade, o professor irá falar sobre o cartão postal (inspiração para essa atividade), trazendo um exemplar que deve ser passado de mão em mão, acompanhado de uma explicação sobre este gênero textual.

O cartão de indicação de leitura da obra será feito em papel cartão ou papel vergê branco, o qual deverá ser cortado ao meio pelo professor. Esta elaboração deve ser divertida e crítica ao mesmo tempo; os estudantes precisam entender a importância da leitura literária e que, por meio dela, podemos transformar horizontes. Sendo assim, o cartão de indicação de leitura irá ter uma ilustração da parte da obra que o discente mais gostou até este momento e um incentivo para que a pessoa faça a leitura desse livro.

Na frente do cartão deverá conter uma ilustração que remeta à história do fidalgo, de acordo com a preferência do educando. No verso, o aluno colocará o nome e o endereço da pessoa para quem indicou a leitura, ao lado do endereço ele deve escrever algo que acredite ser estímulo suficiente para que seu amigo queira ler essa obra. Ele pode dizer do que gostou na história, motivando a pessoa que receber o cartão a se interessar pela leitura ou pode falar das ilustrações, conforme sua criatividade.

O cartão pode ser enviado para seus respectivos destinatários. Caso os alunos escolham enviar para amigos de outra classe, os cartões poderão ser entregues logo que finalizarem a atividade com a permissão das respectivas educadoras. Caso os destinatários sejam externos, o professor poderá organizar uma forma de envio dos cartões via correio.

ATIVIDADE 4

Julgamento do cavaleiro da Mancha

*aproximadamente 35 minutos para aplicação.

Nesta atividade o professor deve propor que seja feito um júri, pois será o dia do Julgamento do cavaleiro da Mancha, explicando aos alunos o que é um júri e como ele acontece. A partir disso, ele escreverá o nome dos componentes e será realizado um sorteio para distribuir os personagens do evento. Feito o sorteio e estabelecido o papel de cada um é hora de organizar a sala para ficar parecida com um julgamento real.

A sala de aula pode ser organizada no seguinte formato ∏, podendo distribuir o júri da seguinte forma: no centro na mesa do docente estará o juiz, do lado direito dele ficará o promotor e do lado esquerdo o escrivão, se não houver espaço na mesa poderá ser colocada uma carteira para ampliá-la. No lado direto desvinculado da mesa principal poderão ser colocadas três carteiras onde permanecerão os advogados que acusam o cavaleiro de louco, atrás deles deverão colocar apenas oito cadeiras para os jurados e à frente deles ficarão os advogados de defesa e o réu (Dom Quixote). No centro dessa organização o professor poderá pôr uma cadeira para que réu e testemunhas possam ser chamados para depor, esta deve ficar de frente para o juiz. No espaço aberto ∏ desse exemplo ficará a plateia, os repórteres e familiares.

O docente também pode trazer fantasias e acessórios para que o júri fique ainda mais parecido com o real. Os estudantes não precisam decorar suas falas, podem fazer fichas com anotações sobre o que irão falar, algumas falas podem ser improvisadas; seria viável que seguissem um roteiro até chegar a uma conclusão do julgamento de Dom Quixote.

O educador deve comandar todas as ações. O júri deve oportunizar que todos participem da atividade, por isso o sorteio pode ser a melhor forma de democratizar os papéis. O júri pode ser fotografado ou filmado, como em um julgamento de famosos que aparece nos jornais.

Essa atividade pode ter continuidade com a atividade de número sete

dessa mesma seção. A atividade que pode seguir o julgamento é uma reportagem, visto que nesse julgamento terá a presença de alguns repórteres, que farão a cobertura desse evento.

Se o julgamento for filmado e/ou fotografado, esses dados poderão ser expostos no varal ou guardados para ser material da atividade de número sete. Após o julgamento o professor pode ter uma conversa breve sobre a opinião dos estudantes quanto a essa atividade.

ATIVIDADE 5

Se eu fosse Dom Quixote...

*aproximadamente 25 minutos para aplicação.

Esta atividade consiste em fazer com que cada aluno pense sobre as ações desenvolvidas pelo cavaleiro. Eles devem recordar de tudo que leram até este momento, em específico devem analisar os combates e todo ideal do cavaleiro. Feita esta análise, o professor deve propor que os alunos pensem no que fariam se estivessem no lugar do cavaleiro.

A partir dessas reflexões o professor irá entregar uma folha pautada com a seguinte inscrição: Se eu fosse Dom Quixote..., e os alunos deverão, a partir desse início de frase, continuar escrevendo o que acreditam ser interessante para compor um texto curto.

Cada um pode escrever o que preferir, desde que tenha coesão com o que foi falado anteriormente e com o que foi lido, mas isso não impede que os alunos deixem sua imaginação voar alto. Os textos devem ser criativos e refletirem o Dom Quixote que há em cada um dos alunos que realizaram a leitura e conheceram uma figura diferente dos personagens com os quais estavam acostumados.

Os textos podem ser lidos quando estiverem finalizados e devem ser recolhidos pelo professor para correção, visando auxiliar o aluno a organizar suas ideias e melhorar sua escrita.

ATIVIDADE 6

Sinalizando a obra

*aproximadamente 30 minutos para aplicação.

Nesta atividade o professor deve imaginar que nem todos os alunos conheçam bem as placas de trânsito; deve então explicar que assim como existe a sinalização nas ruas também temos a sinalização nos ambientes internos como escolas, bibliotecas, *shoppings* etc. Essa sinalização nos orienta dentro de um lugar conhecido ou não. Sendo assim, agora serão orientados possíveis leitores desta obra.

A atividade pode ser realizada em duplas, o professor entregará uma placa em branco para cada uma; tal placa pode ser impressa em papel duro para ficar mais parecida com as de sinalização que os alunos já conhecem. As duplas deverão se organizar para colocar uma única sinalização na placa.

Nesta placa a dupla deve descrever o capítulo que acredita ser o mais cheio de aventura ou o mais triste e assim por diante, e o que ele apresenta, como por exemplo: Terrível combate – luta. Para que a placa mostre a informação para os alunos que foram alfabetizados há pouco tempo, as duplas acrescentarão ao lado do nome do capítulo que julgam ser aventura, tristeza, luta, medo, e terá uma ilustração que represente exatamente essa informação.

Essas placas podem ser fixadas em um determinado local na biblioteca da escola perto da obra *Dom Quixote das crianças*. Caso a escola não tenha uma biblioteca, as placas podem ser recolhidas pelo professor para serem utilizadas em outro momento.

ATIVIDADE 7

Reportagem sensacionalista

*aproximadamente 30 minutos para aplicação.

Esta é uma atividade que pode ser filmada e fazer parte de outra tarefa já proposta ou funcionar como uma continuidade da atividade do julgamento do cavaleiro da Mancha. A reportagem sensacionalista não precisa acontecer no mesmo dia da atividade do julgamento, mas ela pode fazer-lhe referência. Nela, um aluno pode ser o câmera e outro um repórter que ficará na frente do tribunal para entrevistar os jurados e o cavaleiro que será julgado.

Esta atividade pode acontecer logo após o encontro em que for realizado o julgamento do cavaleiro da Mancha. Se o júri acontecer no encontro anterior a essa atividade, ficará mais fácil para os alunos recordarem da atividade e realizarem a reportagem sensacionalista. Sendo assim, o professor pode aproveitar para comentar sobre o júri e propor a reportagem sensacionalista. Ele também explicará como é uma reportagem sensacionalista, e dará exemplo de uma que as crianças possam ter visto na televisão ou na internet.

Os alunos, a partir da explicação do professor, poderão produzir seus textos. O docente pode sortear as equipes ou permitir que eles a escolham, sem ultrapassar o limite de quatro integrantes. Os educandos podem fazer um roteiro prévio para gravar a reportagem. Cada equipe de uma vez irá ao local que escolher para que o professor ou um aluno mais experiente faça a gravação da reportagem sensacionalista.

As equipes devem assistir à gravação dos colegas de classe enquanto aguardam sua vez. As gravações podem ser assistidas após as filmagens ou em um outro momento que o professor acreditar ser o mais oportuno. O educador pode iniciar um diálogo com os alunos perguntando para um aluno específico o que ele achou da atividade, depois deve dar oportunidade para que os demais possam expor sua opinião.

ATIVIDADE 8

Devaneio Viagens

*aproximadamente 30 minutos para aplicação.

Esta atividade deve começar com o professor instigando os alunos, dizendo a eles que a classe toda agora é uma grande agência de viagens. O nome da agência será Devaneio, em seguida o docente deve conceituar em poucas palavras o significado de devaneio.

O professor deve apresentar um modelo de folheto de propaganda de viagens, que poderá ser impresso ou retirado em uma agência de viagens da cidade. Dadas as devidas explicações, deve-se propor que os alunos formem grupos, fazendo de conta que são funcionários da agência de viagens Devaneio, e cada grupo irá propor uma viagem com um roteiro baseado na leitura da obra *Dom Quixote das crianças*. As crianças poderão orientar-se pelos modelos apresentados, sem que isso implique podar a própria imaginação. Elas precisam fantasiar, imaginar possibilidades, lugares, valores e um público alvo para oferecer incríveis roteiros de viagens.

Os estudantes inspirados no exemplo apresentado pelo docente deverão criar seu folheto com um roteiro inusitado. Quando os folhetos de viagens estiverem prontos, cada grupo deve ficar em pé onde for mais confortável para falar sobre seu roteiro de viagens. Os grupos devem criar viagens pensando na leitura que fizeram, pois durante a história Dom Quixote se depara com lugares bem diferentes, alguns distantes cheios de beleza que podem ser reais ou imaginários. Sendo assim, os alunos podem imaginar lugares por onde o cavaleiro andou ou gostaria de andar, de acordo com a criatividade e a fantasia de cada um.

O professor deve motivar os alunos a explicarem o porquê da escolha desse seu roteiro de viagens. Como a atividade será em grupo, um aluno pode representar o grupo e dizer como fizeram para chegar a um consenso e definir o folheto de viagens. Em caso de uma turma numerosa, os grupos podem ser de cinco alunos; sendo uma turma pequena, o educador pode reduzir o tamanho e a quantidade de grupos.

ATIVIDADE 9

Nota de falecimento

*aproximadamente 25 minutos para aplicação.

Para esta atividade o professor deve trazer para a turma observar e folhear um jornal local se houver na cidade ou um jornal de alguma cidade próxima, pois os jornais locais ainda nos dias de hoje trazem notas de falecimento e de aniversário. Como a atividade está relacionada a essas informações, o docente pedirá que os alunos observem bem essa parte, não necessariamente dizendo que devem ler a nota de falecimento, mas que prestem atenção na página que traz essa espécie de anúncio.

Quando todos tiverem visto o anúncio e os jornais voltarem para as mãos do professor, ele começará a explicação da atividade deste encontro. O nome da atividade será Nota de falecimento, e cada aluno deverá criar uma para pôr no jornal da Mancha, comunicando a todos sobre a morte do cavaleiro. Os estudantes deverão escrever um anúncio em folha pautada entregue pelo educador. A nota deverá chamar a atenção dos leitores do jornal, ser objetiva e não deve ultrapassar o limite de quinze linhas.

Criados os anúncios, todos os alunos deverão entregar para o professor que irá misturar as folhas e entregá-las novamente à classe, de modo que ninguém fique com o seu próprio anúncio e sim com o de um colega. Cada um com o anúncio trocado deve fazer a leitura da nota de falecimento, como locutor de rádio, com voz mais grave ou com voz triste. O importante é fazer com que o aluno use sua criatividade.

Realizada essa atividade, as notas devem ser entregues para o professor fazer as correções. Em outro momento ele deverá devolver as atividades para que os alunos as corrijam e possam ser expostas no varal da sala ou, caso a escola tenha um jornal, a atividade poderá ser publicada no mesmo.

ATIVIDADE 10

Epitáfio para Dom Quixote

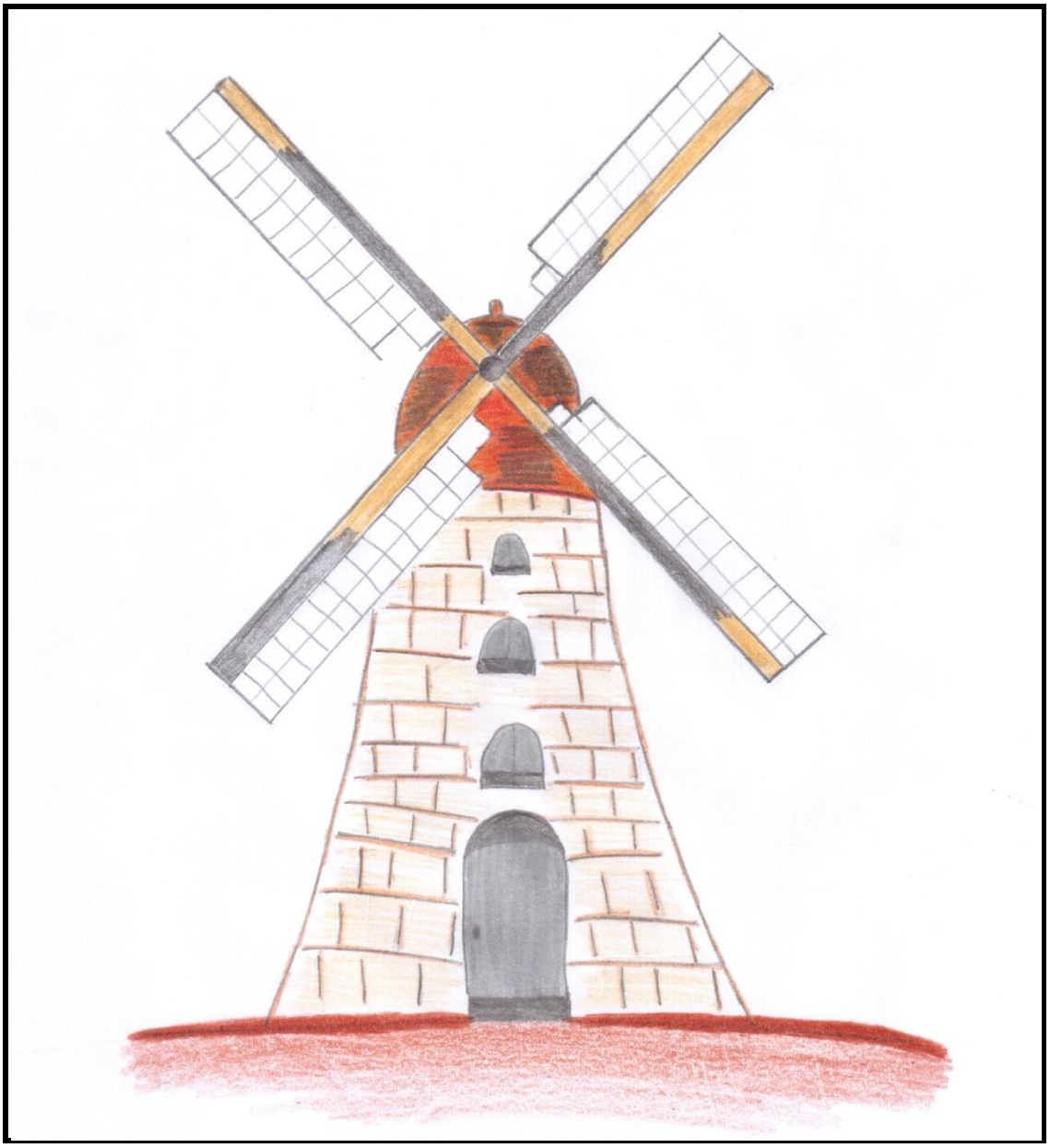
*aproximadamente 25 minutos para aplicação.

Esta atividade poderá ser feita em consonância com a de número 9, como continuidade, ou isolada. O professor deverá explicar o que significa a palavra Epitáfio, praticamente todas as crianças já viram um epitáfio, mas nem todas ou a maioria não sabe que frases escritas em túmulos recebem esse nome.

Conceituada a palavra epitáfio, o professor apresenta em *Datashow* ou traz impressos alguns exemplos de epitáfio de famosos como poetas, escritores, músicos e também exemplos engraçados, como por exemplo, epitáfio de um sapateiro desconhecido que diz: “Bati as botas” ou a lápide de um confeiteiro onde pode-se ler: “Acabou-se o que era doce”.

A atividade será escrever um epitáfio para Dom Quixote. O professor pode trazer para esta atividade um papel chamado papel pedra, ele se parece bastante com o mármore e é próprio para trabalhos escolares; caso não encontre pode usar papel cartão A4 cinza e entregar uma folha para cada aluno. Eles criarão seu epitáfio para Dom Quixote e escreverão no papel cartão na posição vertical, caso queiram poderão recortar em formato de lápide como as que já tenham visto. Todos os alunos apresentarão o que produziram. Caso algum aluno não se sinta à vontade para apresentar, o professor pode fazer por ele.

PARA A FINALIZAÇÃO



Fonte: a autora

ATIVIDADE 1

É um recomeço e não é o fim

*aproximadamente 30 minutos para aplicação.

Esta atividade deve ser realizada quando os alunos terminarem a leitura da obra. O professor deve frisar a parte em que Emília não aceita a morte de Dom Quixote. No último capítulo Dona Benta narra o triste fim do cavaleiro andante. As crianças estavam curiosas para saber o final da história, mas quando ouvem não gostam muito e Emília fica muito contrariada com a ideia de o seu herói estar morto. Ela se recusa a ouvir o final da história e afirma que o cavaleiro da Mancha não está morto, afinal os personagens podem permanecer vivos para sempre em nossa memória.

Aproveitando toda essa discussão sobre o capítulo final da obra, o professor deve propor que os alunos pensem como gostariam que fosse o final da história. Ele entregará uma folha pautada para cada um dos alunos, nela pode haver uma ilustração pequena da Emília ou de Dom Quixote no final da página. Nessa folha os estudantes deverão escrever o final que imaginaram para Dom Quixote e colorirem a ilustração que o professor colocar no final da folha.

Caso algum aluno não consiga imaginar outro final ou queira que o cavaleiro termine a história morto, o professor deve pedir que ele escreva um final diferente daquele que está no livro. Essa atividade deve possibilitar um recomeço a Dom Quixote, uma maneira de o personagem continuar vivo e lutando contra as injustiças que crescem no mundo. A atividade pode ser lida pelos alunos ou pelo professor. Depois deve ser entregue ao educador para correções, será devolvida aos alunos para as devidas correções apontadas pelo educador; na sequência essas atividades poderão ser expostas em um varal de leituras na sala de aula e/ou utilizadas em uma atividade final.

ATIVIDADE 2

Inspirações

*aproximadamente 10 minutos para aplicação.

O personagem Dom Quixote como protagonista tem inspirado muitos artistas, conhecidos e desconhecidos, portanto torna-se relevante apresentar para os alunos que Dom Quixote serviu de inspiração para artistas do mundo todo e que nós também podemos nos inspirar em obras que lemos. Desse modo, o professor pode preparar uma apresentação em *PowerPoint* para seus alunos contemplando artistas e obras inspiradas em Dom Quixote.

Temos muitas obras e adaptações inspiradas nesse grande herói como: telas de pintura de grandes nomes como os pintores Cândido Portinari, Pablo Picasso, Salvador Dalí, o contemporâneo Kevin Middleton, os franceses Gustave Doré, Alexandre Gabriel Decamps e Honoré Daumier, que retratam Dom Quixote.

Figura 1 – Ilustração de Doré
Fonte: Britannica Escola. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/levels/fundamental/assembly/view/143823>. Acesso em: 04 ago. 2018

Figura 2 – Salvador Dalí, Don Quixote de la Mancha (1946)
Fonte: Revista Prosa Verso e Arte. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/raras-as-primeiras-ilustracoes-de-salvador-dali-para-dom-quixote-de-la-mancha-de-miguel-cervantes/>. Acesso em: 4 ago. 2018

Temos também Machado de Assis que, em um de seus livros (*Quincas Borba*), reverencia a grande obra de Cervantes; na obra *Quincas Borba* o escritor Machado de Assis apresenta uma história inspirada na obra de Cervantes, pode-se dizer que as duas obras têm muito em comum; bem como o compositor e maestro alemão Richard Strauss, que compôs um poema sinfônico chamado “Don Quixote”; a banda brasileira Engenheiros do Hawaii também faz menção ao engenhoso fidalgo em uma música que recebe o nome Dom Quixote e fala de uma pessoa que luta por causas perdidas.

Dom Quixote

Engenheiros do Hawaii

Muito prazer, meu nome é otário
Vindo de outros tempos, mas sempre no horário
Peixe fora d’água, borboletas no aquário
Muito prazer, meu nome é otário
Na ponta dos cascos e fora do páreo
Puro sangue, puxando carroça

Um prazer cada vez mais raro
Aerodinâmica num tanque de guerra
Vaidades que a terra um dia há de comer
Ás de Espadas fora do baralho
Grandes negócios, pequeno empresário

Muito prazer, me chamam de otário

Por amor às causas perdidas
Tudo bem, até pode ser
Que os dragões sejam moinhos de vento
Tudo bem, seja o que for
Seja por amor às causas perdidas

Por amor às causas perdidas
Tudo bem, até pode ser
Que os dragões sejam moinhos de vento
Muito prazer, ao seu dispor
Se for por amor às causas perdidas
Por amor às causas perdidas.

As imagens podem ser projetadas em mídia televisiva para que os alunos conheçam e apreciem, algumas delas podem ser impressas para que os alunos possam manuseá-las livremente. Muitas são as ocasiões em que encontramos reverências, consagração ou tributo a Dom Quixote, os 21 poemas que Carlos Drummond de Andrade escreveu baseados em 21 pinturas de Candido Portinari, também inspiradas na obra. O educador pode reunir algumas cópias de obras, livros, músicas, entre outros, para apresentar aos alunos. A ideia aqui é incitá-los a sempre pesquisar sobre as obras que o professor indicar ou que escolham livremente.

Figura 3 – Dom Quixote contra o moinho de vento, Portinari (1956)
Fonte: Revista Prosa Verso e Arte. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/tracos-e-versos-de-portinari-e-drummond-sobre-a-obra-dom-quixote-de-cervantes/>. Acesso em: 04 ago. 2018

Quando todas as observações e comentários sobre tudo que foi apresentado terminar, o docente deverá entregar uma folha sulfite aos estudantes que deverão escrever sobre a inspiração que gostou e a que não gostou, em seguida deverá escrever sua inspiração depois de ter lido a obra e visto alguns artistas que buscaram inspiração em Dom Quixote. De acordo com o planejamento do docente, as inspirações descritas nessa atividade poderão ser realizadas ou não.

ATIVIDADE 3

Relato de uma leitura

*aproximadamente 25 minutos para aplicação.

Depois da leitura, o pensamento dos alunos pode estar bem divergente, uns gostando muito de Dom Quixote e proclamando-o como herói, outros condenando-o como um verdadeiro louco, alguns imitando suas loucuras e falas. Depois de ver o quanto o herói da Mancha influenciou artistas do mundo todo, o professor pode perceber que mesmo aqueles alunos que se mostrem mais quietos, sem interesse pela leitura, têm algo a dizer e esse é o momento de oportunizar a exteriorização do sentimento que ficou após a leitura.

Esta atividade será um relato da leitura que foi feita; os estudantes devem contar sua experiência durante esse período de contato com o texto. É preciso ficar claro que eles podem escrever o que realmente estão sentindo em relação à história que conheceram, podem falar o que estão pensando sobre o cavaleiro da triste figura e o que acreditarem ser importante.

A atividade deve ser recolhida e não precisa ser lida pelos alunos, o leitor preferencial será o docente, que deve ler todos os relatos, fazer todas as correções possíveis e necessárias. Em outro momento o professor deverá devolver os textos para que os estudantes possam reescrever fazendo as devidas correções apontadas por ele.

ATIVIDADE 4

Expondo ideias

*aproximadamente 30 minutos para organização e uma hora aula para exposição.

Para esta atividade o professor pode discutir com os alunos a organização de uma exposição dos trabalhos realizados durante o projeto de leitura, para incentivar outras turmas a realizarem-na. A exposição poderá ser na sala de aula, onde em cada canto haverá uma atividade exposta: em um poderá ser colocado um exemplar da obra literária e, ao lado dela, as placas que os estudantes criaram em uma das atividades anteriormente citadas, por exemplo.

Todas as turmas da escola poderão visitar a exposição acompanhadas do professor e serão recebidas pelos alunos que realizaram a leitura. As atividades também serão acompanhadas por seu professor. Todo esse processo será um incentivo para começar a leitura de um novo texto literário, que pode seguir o mesmo estilo, com atividades diferentes ou mesmo podem ser repetidas algumas atividades de acordo com o interesse dos alunos.

Nessa exposição os estudantes podem ter um local especial para que, aqueles que se sentirem à vontade, contem a história para outras crianças ou mesmo respondam a perguntas dos visitantes. Para cada atividade exposta o professor pode deixar dois alunos como responsáveis, os quais serão os mediadores e irão explicar a atividade para os visitantes. O professor também pode imprimir uma cópia colorida da capa da adaptação de Lobato, em tamanho pequeno para entregar aos visitantes, visando motivá-los a conhecer melhor a obra lobatiana.

Essa atividade deve servir como uma reflexão para os discentes perceberem a recepção de todo trabalho realizado nesse período. Após todo esse processo é imprescindível que o educador converse com os alunos sobre a obra e sobre as atividades, propondo à turma que cada um escreva o nome de uma obra que o interesse. A partir dessas indicações, poderá ser feito um sorteio para eleger a próxima obra a ser trabalhada.

A leitura nunca se fez tão imprescindível na sociedade, desse modo esperamos, por meio desse Caderno de Atividades, contribuir de forma eficaz no incentivo à leitura literária e na formação de leitores do Ensino Fundamental I. Assim, almejamos que ele venha despertar nos alunos o desejo de novas leituras, bem como despertar emoções, fantasias e exercite a imaginação, oferecendo a eles um novo olhar, crítico e reflexivo.

Sabemos que cabe ao professor tornar a leitura parte do cotidiano de seus alunos, para tanto acreditamos que podemos formar cidadãos críticos e com autonomia e a leitura pode contribuir grandemente para que isso aconteça, pois através da leitura a criança pode compreender o mundo à sua volta, ampliando seus horizontes e seu entendimento.

Enfim, esperamos que o professor do Ensino Fundamental I faça uso desse material para despertar em seus alunos o gosto pela leitura literária, bem como para contribuir com a formação de leitores autônomos e perenes.

REFERÊNCIAS

BORDINI, Maria da Gloria, AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura*: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2017.

COSSON, Rildo. *Letramento literário*: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das crianças*. São Paulo: Globo, 2010.

SILVA, Vera Maria Tietzman. *Literatura infantil brasileira*: um guia para professores e promotores de leitura. Goiânia: Cânone Editorial, 2009.